

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER  
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E  
NOVAS TECNOLOGIAS**

**DAIANE MARTINS BATISTA**

**AVALIAÇÃO EDUCATIVA: ENFOQUES DE APRENDIZAGEM EM  
CENÁRIOS PÓS-MARÇO DE 2020**

**CURITIBA**

**2021**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER  
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS  
TECNOLOGIAS**

**DAIANE MARTINS BATISTA**

**AVALIAÇÃO EDUCATIVA: ENFOQUES DE APRENDIZAGEM EM CENÁRIOS  
PÓS-MARÇO DE 2020**

**CURITIBA**

**2021**

**DAIANE MARTINS BATISTA**

**AVALIAÇÃO EDUCATIVA: ENFOQUES DE APRENDIZAGEM EM CENÁRIOS  
PÓS-MARÇO DE 2020**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Educação e Novas Tecnologias.

Área de Concentração: Educação

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luana Priscila Wunsch

**CURITIBA**

**2021**

B333a Batista, Daiane Martins  
Avaliação educativa: enfoques de aprendizagem em cenários pós-março de 2020 / Daiane Martins Batista. – Curitiba, 2021.  
153 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Luana Priscila Wunsch  
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional UNINTER.

1. Avaliação educacional. 2. Aprendizagem. 3. Educação.  
4. Pandemias – Brasil – 2020. 5. Narrativas digitais. 6.  
Inovações tecnológicas. I. Título.

CDD 371.334

Catálogo na fonte: Vanda Fattori Dias - CRB-9/547

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PGPE  
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS  
Secretaria do Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias

Defesa Nº 025/2021

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM  
EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

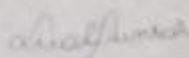
No dia 13 de dezembro de 2021, às 16h reuniu-se via web conferência a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, composta pelos professores doutores: Luana Priscila Wunsch (Presidente-Orientador-PPGENT/UNINTER), Valdir Borges (Integrante Externo/ PUCPR), Siderly do Carmo Dahle de Almeida (Integrante Interno Titular-PPGENT/UNINTER), Joana Paulin Romanowski (Integrante Interno Suplente-PPGENT/UNINTER), para julgamento da dissertação: "AVALIAÇÃO EDUCATIVA: ENFOQUES DE APRENDIZAGEM EM CENÁRIOS PÓS-MARÇO DE 2020", da mestranda Daiane Martins Batista. A presidente abriu a sessão apresentando os professores membros da banca, passando a palavra em seguida à mestranda, lembrando-lhe de que teria até vinte minutos para expor oralmente o seu trabalho. Concluída a exposição, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da banca.

Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se e comunicou o Parecer Final de que a mestranda foi:


- APROVADA, devendo a candidata entregar a versão final no prazo máximo de 60 dias.
- APROVADA somente após satisfazer as exigências e, ou, recomendações propostas pela banca, no prazo fixado de 60 dias.
- REPROVADA.

A Presidente da Banca Examinadora declarou que a candidata foi aprovada e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a contar desta data, a versão final da dissertação devidamente aprovada pelo professor orientador, no formato impresso e PDF, conforme procedimentos que serão encaminhados pela secretaria do Programa. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora.

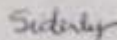
Recomendações: indica-se que o estudo seja continuado em pesquisa doutoral. Publicações em periódicos e eventos científicos.



Dra. Luana Priscila Wunsch  
Presidente da Banca

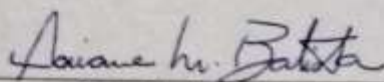


Dr. Valdir Borges  
Integrante Externo



Dra. Siderly do Carmo Dahle de Almeida  
Integrante Interno Titular

Dra. Joana Paulin Romanowski  
Integrante Interno Suplente



Daiane Martins Batista  
Mestranda

Ao meu querido esposo,  
ao meu filho Samuel,  
aos meus pais e irmãos.

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são inúmeros, afinal o sonho do mestrado começou há muitos anos, quando minha Diretora na empresa Qualysul Consultoria e Treinamento, também amiga, começou a me incentivar a fazer o mestrado. Passaram-se quase 12 anos, mas o sonho concretizou-se. Beatriz Belfort, obrigada, você faz parte desse sonho.

A minha família de origem, pais e irmãos, estendo um agradecimento pela vida e cheio de amor, como é gratificante ter sido criada nesse lar, humilde, mas repleto da paz que vem do Espírito Santo. Agradeço a Deus por fazer parte dessa família tão especial, estruturada e firmada nos princípios cristãos, com conflitos, mas um local onde eu sempre me senti segura e amada pelo papai Norivaldo Batista, minha mamãe Vaneide Martins Batista e meus preciosos irmãos Wesley Martins Batista e Igor Martins Batista.

A trajetória acadêmica não foi fácil, mas o meu amado marido esteve comigo desde o segundo ano da primeira graduação, enfrentamos desafios, dificuldades, conflitos, mas você esteve comigo e sempre me apoiou, tanto nos momentos de certezas quanto de incertezas. Reginaldo Rocha Sobrinho, obrigada por você estar comigo em todos esses momentos e por ter realizado todo o possível para que eu pudesse me dedicar aos estudos. E claro, um agradecimento cheio de amor ao meu único filho Samuel Batista Rocha, por ser tão tranquilo e paciente com a mamãe, mesmo quando eu precisei abrir mão de estar mais tempo com você, seja para ler ou para escrever a infundável dissertação.

Agradeço especialmente ao meu coordenador na UNINTER, pastor e professor Cícero Manoel Bezerra, que meu deu um incentivo fundamental para que eu retomasse o sonho do mestrado, grata pelas sugestões e também indicações, as quais foram importantíssimas em momentos de indecisões. Ainda, no meu ambiente profissional, estendo os meus agradecimentos aos professores que trabalham comigo, os quais também posso chamar de amigos, todos sempre me incentivando a percorrer esse caminho, o qual é essencial na carreira docente.

Com muito carinho também agradeço aqueles amigos que me ouviram um pouco mais, que me deram dicas e compartilharam os momentos de desespero, obrigada as minhas amigas Sandra Ribeiro e Eliane Hubner e ao professor Márcio



Pelinski, com os quais compartilhei momentos de estudo e reflexões valiosas, além das inúmeras conversas sobre os projetos e desenvolvimento da dissertação. Por falar em pesquisa, também agradeço ao professor Luiz Alexandre Solano Rossi, pelo incentivo, compreensão e orientação inicial.

Com muito carinho, agradeço ao professor Ivo José Both que me acolheu no mestrado, sempre com afetividade e atenção, me orientou de forma brilhante até a qualificação, sempre me motivando e incentivando. Grata pelas nossas conversas, pelo direcionamento e por ter transmitido parte do seu conhecimento. Hoje, consigo enxergar os processos avaliativos de uma forma diferente, resultado desses momentos em que compartilhamos ideias e acima de tudo, um ideal quanto a um modelo de avaliação com enfoque de aprendizagem.

Ainda, referente ao corpo docente do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional – UNINTER, agradeço a todos os professores que me receberam e compartilharam o seu conhecimento, especialmente a professora Luana Priscila Wunsch, minha querida orientadora, que deu dicas valiosas para a minha dissertação e que foi sempre amável e receptiva durante as aulas, inclusive na disciplina de Pandêmicos, da qual eu fiquei como ouvinte e fui enormemente privilegiada por ouvir discussões tão pertinentes, as quais foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Também quero destacar a sua importância como minha orientadora, obrigada por me apoiar nos momentos de incerteza e dificuldades, afinal os momentos finais foram cruciais para a defesa e finalização da dissertação.

Grata aos colegas de mestrado, principalmente aqueles com quem tive o privilégio de fazer trabalhos juntos e escrever muito, a trajetória foi árdua, não foi fácil a busca pelas publicações, sem falar nas apresentações, mas vencemos. Daniela Wagner, Agenor Ramos, Mariana Frajuca, Laislaine de Lourdes e Merielen Martins. Obrigada pela parceria!

Aos meus amigos e amigas, faço um agradecimento especial, por compreenderem quando não tive tempo para sair com vocês ou para recebê-los, afinal, precisava me dedicar às leituras e a famosa dissertação. Esse agradecimento estendo ao meu grupo de professoras na 4IEQ e aos meus pastores, Marcia Basso e Jorge Basso, grata pelas orações e compreensão.

Agradeço a Deus, por ter sido criada de forma tão maravilhosa e especial, toda e qualquer palavra seria ineficaz para expressar a minha gratidão, assim, eu vou me apropriar do Salmo 139, 14-17, que diz:

Eu te agradeço por me teres feito de modo tão extraordinário; tuas obras são maravilhosas, e disso eu sei muito bem. Tu me observavas quando eu estava sendo formado em segredo, enquanto eu era tecido na escuridão. Tu me viste quando eu ainda estava no ventre; cada dia de minha vida estava registrado em teu livro, cada momento foi estabelecido quando ainda nenhum deles existia. Como são preciosos os teus pensamentos a meu respeito, ó Deus; é impossível enumerá-los! (BÍBLIA, NVT)

## RESUMO

Esta pesquisa intitulada “Avaliação Educativa: enfoques de aprendizagem em cenários pós-março de 2020”, inscreve-se no projeto de pesquisa: “Perspectivas Inovadoras, Híbridas e Ativas no Contexto Educacional Pós-Março de 2020”, do Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, da Pró-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Internacional – UNINTER. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória e natureza interpretativa, a partir da análise de narrativas em *lives* que abordaram a situação da educação durante a pandemia do COVID-19, além das perspectivas para os cenários pós-pandemia. Como problema de pesquisa, foi proposto o seguinte questionamento: os processos avaliativos implementados durante a pandemia do COVID-19 no Brasil podem ser considerados como elementos-chave no processo de aprendizagem ou são limitados ao caráter classificatório? Como tentativa de resposta, o objetivo geral é o de analisar se os processos avaliativos implementados durante a pandemia do COVID-19 no Brasil podem ser considerados como elementos-chave no processo de aprendizagem. Nesta linha, o decorrer metodológico se deu em três etapas: revisão bibliográfica, análise de narrativas digitais e produção de um produto de aplicabilidade pedagógica, um e-book, o qual elaborou-se um encontro de escutas de professores, que atuaram entre os anos 2020 e 2021, nos diferentes níveis de ensino, e o que tinham a falar sobre: “Qual conselho você daria para um professor sobre como avaliar pós-março de 2020”. Sob esta estrutura, obteve-se o retorno de profissionais, dos quais foram possíveis organizar a publicação: “Avaliação Educacional pós-março de 2020: dicas de 40 dicas de docentes (para reflexão).

**Palavras-chave:** Avaliação Educacional; Pandemia e Educação; Narrativas Digitais.

## ABSTRACT

This research, entitled “Educational Assessment: learning approaches in post-March 2020 scenarios”, is part of the research project: “Innovative, Hybrid and Active Perspectives in the Post-March 2020 Educational Context”, of the Master's and Doctoral Program Professional in Education and New Technologies, from the Dean of Postgraduate Studies, Research and Extension at the International University Center – UNINTER. This is a qualitative research, exploratory and interpretive in nature, based on the analysis of narratives in lives that addressed the situation of education during the COVID-19 pandemic, in addition to perspectives for post-pandemic scenarios. As a research problem, the following question was proposed: can the evaluation processes implemented during the COVID-19 pandemic in Brazil be considered as key elements in the learning process or are they limited to the classificatory character? As an attempt to answer, the general objective is to analyze whether the evaluation processes implemented during the COVID-19 pandemic in Brazil can be considered as key elements in the learning process. In this line, the methodological course took place in three stages: literature review, analysis of digital narratives and production of a product with pedagogical applicability, an e-book, which created a listening meeting of teachers, who worked between the years 2020 and 2021, at different levels of education, and what they had to say about: “What advice would you give a teacher on how to assess post-March 2020”. Under this structure, feedback was obtained from professionals, who were able to organize the publication: “Educational Assessment after March 2020: tips from 40 tips from teachers (for reflection).

**Keywords:** Educational Evaluation; Pandemic and Education; Digital Narratives.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE	Conselho Nacional de Educação
CONSED	Conselho Nacional de Educação a Distância
EAD	Educação a Distância
ERE	Educação Remota Emergencial
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
OMS	Organização Mundial da Saúde
UNINTER	Centro Universitário Internacional

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista de teses/dissertações BDTD: Avaliação, Educação e Pandemia ..	56
Quadro 2: Lista de artigos CAPES: Avaliação, Educação e Pandemia .....	57
Quadro 3: Lista de teses e dissertações BDTD: Aprendizagem Significativa, Educação e Pandemia .....	69
Quadro 4: Lista de artigos CAPES: Aprendizagem Significativa, Educação e Pandemia .....	71
Quadro 5: Nominata das lives como base para a pesquisa e dos respectivos pesquisadores participantes.....	75
Quadro 6: Amostra das Lives .....	1111

## SUMÁRIO

1	TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA .....	13
2	INTRODUÇÃO .....	15
3	DESIGN METODOLÓGICO .....	24
4	EDUCAÇÃO REMOTA: MODALIDADE EMERGENCIAL .....	26
4.1	O papel do professor na aprendizagem remota .....	30
4.2	O papel da família na educação remota emergencial .....	34
4.3	Uso de tecnologias digitais em educação remota emergencial .....	35
4.4	A educação híbrida .....	37
5	AVALIAÇÃO EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO EMERGENCIAL .....	41
5.1	Exame ou avaliação .....	46
5.2	Avaliação diagnóstica, formativa e somativa .....	52
6	APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: COMO ENTENDÊ-LA? .....	61
7	AVALIAÇÃO EDUCATIVA: CENÁRIOS PANDÊMICOS E PÓS-PANDÊMICOS....	74
7.1	LIVE A: Avaliação em tempos de pandemia .....	76
7.2	LIVE B: Avaliação da aprendizagem em tempos de quarentena .....	81
7.3	LIVE C: Como avaliar na perspectiva EAD .....	87
7.4	LIVE D: Ensino e avaliação em tempos de pandemia 1 .....	94
7.5	LIVE E: Avaliação em tempo de pandemia 2.....	988
7.6	LIVE F: A educação em tempos de pandemia 3.....	1011
7.7	LIVE G: Avaliação da educação na pandemia - EAD .....	103
7.8	Principais contribuições das “lives” .....	111
8	PERSPECTIVAS EDUCATIVAS PÓS-PANDEMIA DO COVID-19.....	114
	CONSIDERAÇÕES E PRODUTO DE APLICABILIDADE PEDAGÓGICA – PRODUTO DESTA DISSERTAÇÃO.....	1266
	REFERÊNCIAS.....	1333

## 1 TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA

Vale iniciar este capítulo apresentando as minhas aspirações profissionais enquanto cursava a Educação Básica, já que desde muito pequena o meu sonho era ser professora, ensinava as crianças menores e em muitas situações, alguns colegas de classe. Assim, ao finalizar a Educação Fundamental eu me inscrevi no Magistério, e me encantei ao começar a ter contato com disciplinas pedagógicas, entretanto, infelizmente, ao iniciar o primeiro estágio em uma escola pública da região metropolitana de Curitiba, eu me deparei com uma realidade muito negativa. Lembro-me quando a professora resolveu me deixar sozinha com as crianças, eu fiquei desesperada ao não conseguir controlar a turma e desisti do Magistério, transferindo-me para a Educação Geral e, naquele momento, dando como encerrada a minha caminhada na área da educação.

Iniciei a minha trajetória acadêmica cursando Comunicação Social-Relações Públicas, entretanto, durante o curso eu comecei a trabalhar em uma empresa de consultoria, especializada na área de Gestão da Qualidade, e percebi que não tinha interesse na área da Comunicação, mas que as atividades de consultoria na área de gestão eram mais adequadas ao meu perfil, assim, após terminar a graduação não atuei na área e fiz uma especialização em Gestão da Qualidade de Produtos e Serviços, na qual pude aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos com a prática.

Desde o período da graduação em Comunicação até o ano de 2014 eu trabalhei na área da Qualidade, em diversas funções. Inclusive, quero destacar a minha função como Auditora da Qualidade, ou seja, realizando verificações, a fim de identificar a conformidade dos processos em relação aos requisitos especificados. Essa experiência é um dos fatores causadores do meu interesse em pesquisar sobre avaliação, afinal, avaliação é confundida com verificação, apesar da verificação ser limitada a identificação de um problema e a avaliação fazer parte de um processo pedagógico, sendo fundamental para a aprendizagem.

Bom, continuando na minha trajetória, vale destacar que após finalizar a especialização, surgiu o desejo de fazer o Mestrado, na época na área da Administração, inclusive até comecei a estudar para as provas, no entanto, optei pela maternidade e adiei por 12 anos esse projeto. Ainda, nessa época, comecei a dar



aulas em um curso de Tecnólogo em Gestão da Qualidade, quando surgiu o interesse pela área da Educação e o desejo de cursar uma Licenciatura.

No entanto, devido a outros projetos eu acabei cursando o Bacharelado em Teologia e uma especialização em Metodologia do Ensino Religioso, para posteriormente cursar a Licenciatura em Letras-Português. Nessa época, comecei a dar aulas em uma faculdade nos cursos da área de Administração com foco nas disciplinas da Qualidade, fortalecendo o desejo de migrar da área da Qualidade, na qual eu trabalhei em indústrias e empresas de serviços.

Durante o período da licenciatura em Letras eu trabalhei em uma escola privada de Educação Infantil e Educação Fundamental como Assessora da Qualidade, realizando auditorias e implementando melhorias nos processos educacionais. Esse período de trabalho na escola foi fundamental para identificar que eu não tenho habilidade na condução de aulas para crianças e adolescentes, mas que tenho facilidade com os jovens e adultos.

Ao finalizar a Licenciatura em Letras, cursei uma especialização em Políticas Educacionais e nesse período entrei na UNINTER para trabalhar no curso de Teologia Bíblica Interconfessional. Então, surgiu a oportunidade de cursar o Mestrado em Teologia, mas após análise dos meus interesses e necessidades, tive a convicção da importância em realizar o Mestrado em Educação, o qual tem me impactado significativamente, com a certeza de ter realizado a escolha certa.

Ao longo da minha trajetória, trabalhei na área da qualidade, como Auditora da Qualidade, Assessora da Qualidade em ambientes industriais e de serviços, e claro, também como Professora em faculdades e escolas. Posso destacar que o meu trabalho em faculdades e escolas me trouxe mais ânimo e alegria, o que me traz a certeza de estar no caminho certo.

## 2 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa foi abordado o tema “Avaliação Educativa: enfoques de aprendizagem em cenários pandêmicos e pós-pandêmicos”, a fim de identificar se os processos avaliativos implementados na Educação Básica nas etapas da Educação Fundamental - Anos Finais e Educação Média durante a pandemia do COVID-19 no Brasil podem ser considerados como elementos-chave no processo de aprendizagem ou se são limitados ao caráter classificatório ou somativo, além de ensinar abordar renovadas perspectivas educativas para o cenário pós-pandemia.

Atualmente, o Brasil vive um cenário de mudanças educativas significativas, ocorridas mediante a declaração pela OMS acerca da pandemia do COVID-19 em março de 2020, exigindo que as instituições educacionais tomassem medidas para enfrentamento ao Coronavírus, e, com isso, ocorreu o fechamento das escolas, colocando docentes e discentes em um novo cenário metodológico escolar. Neste novo cenário fez-se necessária a implantação da educação remota emergencial, que apresenta elementos da EaD mesclados às características da educação presencial.

Nesse cenário, tornou-se urgente pesquisar os impactos dos processos avaliativos, afinal de contas existe uma cultura dominante que localiza tanto discentes como docentes com perspectiva somativa da avaliação, ou seja, utilizada para classificar o estudante ao final de um período ou ano letivo. Essa urgência é motivada pela necessidade de adequação dos modelos avaliativos presenciais para a educação remota, além da preparação para o cenário pós-pandêmico, afinal ocorreu um avanço, que de alguma forma, pode-se dizer “forçado”, não sendo possível um retrocesso, mas a implementação definitiva de mudanças, quebra de paradigmas e o reconhecimento de um novo ciclo educativo na história humana.

O tema proposto envolve vários assuntos, com destaque para os seguintes: Educação Remota Emergencial, Aprendizagem, Aprendizagem Significativa, Avaliação, Educação Híbrida e perspectivas pós-pandêmicas. Para abordar a temática da Educação Remota, foram consultados alguns autores que tratam da Educação a Distância, já que a bibliografia disponibilizada sobre a Educação Remota está em pleno desenvolvimento, foi daí que, entre outras, foi utilizada uma obra organizada por Marcos Formiga e Fredric Michael Litto, sendo que este último é o atual presidente da ABED.

Os autores Formiga e Litto, fizeram a seguinte declaração no prefácio da obra 'Educação a distância: o estado da arte', publicada em 2009: "Neste momento, tudo indica que a EAD, no Brasil e no mundo, é uma realidade em ascensão. Nas próximas décadas deverá reunir mais alunos do que a educação 'presencial' e com formatos mais ricos e mais variados do que jamais foi imaginado". Quem diria que 12 anos após essa publicação a sociedade brasileira se encontraria nesse panorama? Educação on-line, crianças e adolescentes em casa, professores gravando suas aulas, aproveitando as TECNOLOGIAS para aplicação dos conteúdos. Nesse contexto surge outra preocupação: 'os processos avaliativos podem ser transportados do modelo presencial ou da EAD?'. Inclusive no livro citado está inserido um capítulo denominado "A avaliação do aprendiz em EAD" da pesquisadora Ymiracy Nascimento de Souza Polak, no qual ela cita que "a avaliação em EAD exige novo enfoque, dado que se situa no centro nevrálgico do processo de aprendizagem, e sua dinâmica influencia todos os elementos que integram o processo" (p. 154).

Ainda sobre a Educação a Distância, foram utilizados como referenciais os autores José Manoel Moran e José Armando Valente, autores do livro 'Educação a distância: pontos e contrapontos', o qual apresenta vários aspectos fundamentais que embasam a EAD. Entre outros, no capítulo sobre as Teorias que embasam a EAD, os autores trouxeram um apontamento acerca do conceito de aprendiz e aprendizagem proposto por Wedmeyer (1977), o qual apresentou o termo 'estudo independente' para descrever a educação a distância que acontece na educação superior. Eles explicam o termo afirmando consistir em "diferentes processos de aprendizagem, nos quais professores e alunos desenvolvem suas atividades e responsabilidades de modo separado, usando variadas formas para comunicar-se entre si".

Acerca da temática aprendizagem, utilizou-se como base o conceito de aprendizagem significativa de David Ausubel, considerando que a essência do conceito está fundamentada em um modelo de aprendizagem que considera o conhecimento prévio do aluno, sendo necessário que os novos aprendizados façam sentido e tenham significado para o estudante, além disso, em casos que não se apresenta nenhum conhecimento relacionado, o docente deve trazer organizadores prévios, que possam auxiliar a realização da ponte com o novo conteúdo. Assim,

segundo Borges e Cunico (2020, p.280), “a aprendizagem significativa acontece quando uma nova informação se junta com outra da qual já é conhecida, sendo possível então, a criação de um novo conhecimento”. Nesse sentido o autor entende que quando existe uma nova informação há uma interação com outra já existente na estrutura cognitiva.

Essa prática é fundamental para uma avaliação educativa com enfoque na aprendizagem, ainda mais nesse momento em que professores e estudantes estão vivenciando a educação remota emergencial e a educação híbrida, inclusive pode-se destacar que esta é uma fase propícia para o estabelecimento de novas práticas. Para tanto, segue a definição de Aprendizagem Significativa (MOREIRA, 2011, p. 26):

Aprendizagem significativa é o processo através do qual uma nova informação (um novo conhecimento) se relaciona de maneira não arbitrária e substantiva (não-litera) à estrutura cognitiva do aprendiz. É no curso da aprendizagem significativa que o significado lógico do material de aprendizagem se transforma em significado psicológico para o sujeito. Para Ausubel (1963, p. 58), a aprendizagem significativa é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento.

O grande desafio é identificar como o processo de aprendizagem ocorre durante as aulas on-line da educação remota e quais são as características que podem ser identificadas como parte do processo, afinal, ocorre aprendizagem nesse formato?

O principal tema de pesquisa deste trabalho é a avaliação, para a qual utilizou-se como base vários autores, entre eles: Ivo José Both, Cipriano Carlos Luckesi, Jussara Hoffman. No livro Avaliação planejada, aprendizagem consentida, o professor Ivo José Both aborda questões referentes à avaliação como fator de aprendizagem, no qual ele destaca que “em concordância com a abordagem moderna, objetiva, a avaliação da aprendizagem pode ser conceituada como processo diagnóstico-construtivo do desenvolvimento da aprendizagem para a tomada de decisão” (2017, p. 66).

Os principais temas da pesquisa foram abordados utilizando como base *lives* apresentadas por diferentes professores pesquisadores, os quais desenvolveram temas referentes à educação em tempos de pandemia e as perspectivas pós-pandemia’, além da temática da avaliação que permeia todas as lives assistidas e analisadas, nas quais os pesquisadores relataram de uma forma geral as

dificuldades que docentes e estudantes têm enfrentado com a simples transposição do modelo de avaliação utilizado presencialmente para as aulas remotas.

A partir dos resultados da pesquisa proposta, pretende-se disponibilizar à comunidade acadêmica alguns conteúdos acerca da avaliação educativa como apoio à aprendizagem na educação remota ou híbrida. Esse material poderá ser utilizado como referencial para treinamentos e processos de assessoria, a fim de provocar mudança de mentalidade de gestores e docentes.

A justificativa para a realização desta pesquisa passa primeiramente pela minha história de vida, fundamental para explicar os motivos do interesse no assunto abordado. Ao elaborar o projeto para o processo seletivo, fiz uma proposta com a temática Avaliação em larga escala na Educação Básica, no entanto, após uma análise mais aprofundada sobre a temática, decidi fazer uma caminhada diferente, sem deixar a pesquisa na área da avaliação. Entendo a importância de fazer um trabalho que seja relevante, reflexivo e que possa fomentar uma mudança cultural a médio e longo prazos, afinal, precisamos mudar a compreensão sobre avaliação existente em nosso país, visando-a sempre como um processo de orientação à aprendizagem.

Como professora em uma instituição de Educação a Distância, conheço a relevância e importância desse formato educacional, que democratiza o acesso à educação Superior, proporcionando melhorias na qualidade de vida de muitas pessoas, além da realização de sonhos. A educação a distância é uma modalidade inovadora, atual e em crescimento expressivo, que possibilita o acesso à educação para um público específico, composto de jovens e adultos com dificuldades para frequentar a modalidade presencial, seja por falta de tempo, moradia em locais afastados dos centros urbanos ou até mesmo pela falta de recursos financeiros, já que a EAD possibilita facilitação na organização dos horários de estudo, comodidade, economia de tempo e dinheiro, podendo conciliar com a rotina diária.

O modelo de EAD, foi utilizado como base para a implementação da Educação Remota Emergencial que está sendo utilizada em todo o país, possibilitando que crianças, adolescentes e adultos continuem estudando nesse período. Nesta situação, surge um questionamento importante, afinal, durante este cenário pandêmico brasileiro estamos fazendo educação a Distância? Muitas respostas podem ser apresentadas, já que o estudante e o professor estão

separados fisicamente, com encontros virtuais. Os materiais são disponibilizados via ferramentas digitais, e-mails, grupos no WhatsApp ou até mesmo pelas plataformas de webconferência. Sem falar nas avaliações que também estão sendo realizadas a distância.

No entanto, destaca-se que o modelo de Educação Remota Emergencial é diferente da modalidade EAD, pois trata-se de um novo formato usado para preencher uma lacuna no sistema educacional, o qual está sendo aprimorado desde o seu início em março de 2020. Em meio à pandemia que o mundo enfrenta, que ocasionou mudanças no sistema educacional, levando as instituições a se adaptarem gradativamente a essa nova realidade educativa, as instituições de educação presencial foram pressionadas a implementar a educação remota e as de educação a distância a mudar processos avaliativos, intensificar os encontros síncronos (aulas ao vivo) como novo desafio escolar.

Desde o século XIX até os dias atuais, muitas transformações foram ocorrendo no mundo, mormente as de mudanças no cenário educacional. Atualmente, praticamente todo o sistema educacional está passando por significativas mudanças com a implementação da educação remota, as quais são possíveis devido ao grau de confiabilidade já existente na sociedade em relação à educação a distância. Ainda, destaca-se que existe uma relação entre as mudanças na forma de vida das pessoas e as necessidades educacionais, exemplo disso é o perfil do estudante pós-moderno, que têm perspectivas totalmente diferentes das gerações anteriores.

Da mesma forma, compreende-se que muitos procedimentos que eram realizados pré-pandemia do COVID-19, não permanecerão no cenário pós-pandemia. A própria manutenção de um processo educativo que combine o virtual com o presencial é uma realidade, afinal, com tantas inovações ocorridas em ritmo acelerado desde meados de 2020, não será possível um retorno completo às práticas educativas de 2019.

De acordo com Bannel et al. (2016, p. 57), “para realizar mudanças significativas nas práticas educativas, de modo que a escola possa atender às demandas sociais do século XXI, precisamos rever e atualizar conceitos e teorias sobre a cognição e sobre como os seres humanos aprendem”. O cenário atual, seja no âmbito social, educativo ou econômico, é totalmente propício às mudanças. No

eixo desta pesquisa, destaca-se o cenário educativo, no qual, o estudante já não precisa copiar as lições no caderno, mas ele pode fotografar. As imensas pilhas de textos “xerocados” já ficaram para trás, afinal, é mais fácil fotografar e armazenar em um arquivo no drive, que pode ser acessado pelo celular, *tablet*, computador. Os próprios livros físicos sendo substituídos por e-books.

Esse cenário foi significativo para a implementação da Educação Remota Emergencial, afinal, a tecnologia já estava disponível, mas faltava uma oportunidade significativamente relevante. No que se refere à forma como os estudantes têm assimilado os conteúdos, verifica-se que está em pleno processo de transformação, já que a adaptação está ocorrendo à medida que vão se familiarizando com os novos processos e uso das tecnologias digitais disponibilizadas.

Retomando a linha do tempo que demonstra algumas das grandes transformações ocorridas nos últimos séculos, vale destacar o surgimento da Educação a Distância no século XIX com a aprendizagem por correspondência, a qual se caracterizou como a primeira fase da EAD no mundo, apesar de registros de ações anteriores, até mesmo na Antiguidade, concernente aos esforços para transmissão de informações entre pessoas ou cidades separadas geograficamente.

Nesse período destaca-se o cenário da Europa com a Revolução Industrial e a necessidade urgente de mão-de-obra especializada para o trabalho. De acordo com Peters citado por Lopes e Faria (2013, p. 29), “verifica-se que o ensino por correspondência acompanhou a industrialização do trabalho em dois aspectos importantes: 1. por um lado, preenchendo lacunas do sistema educacional; 2. por outro lado, compensando as suas deficiências, sobretudo no treinamento profissional”.

No contexto brasileiro, não é possível falar do surgimento da EAD sem citar o Instituto Universal Brasileiro (IUB), com o ensino por correspondência, criado em São Paulo pelos irmãos Jacob Warghaftig e Michael Warghttig, no dia 14 de outubro de 1941, o qual iniciou-se atuando na “formação de mão-de-obra para o setor industrial e de serviços, ”passou a ofertar cursos que exerciam o papel de ‘suplência’, uma vez que, preparavam os alunos jovens e adultos para prestar os exames de natureza ginásial e colegial” (FARIA, 2010, p.82). O Instituto avançou significativamente, abrindo espaço para o crescimento da EAD, claro, em um modelo diferente do aplicado atualmente.

Nesse ponto, destaca-se que à medida que as tecnologias foram sendo ampliadas, o mercado para a educação a distância foi ganhando espaço até chegar aos anos 2020, momento crucial da sua expansão. Ainda, sobre a história do IUB, Faria (2010, p. 82, 83) apresenta:

Utilizando como meios de divulgação do seu produto não apenas a mídia escrita - jornais e revistas - mas também o rádio, os cursos do Instituto Universal Brasileiro chegavam aos mais longínquos cantos do país. Não obstante, todos os Institutos de EAD, criados nesta época, passavam por grande dificuldade, com relação a demora na entrega e devolução dos materiais via correio. Fato registrado pelo SENAC (2008), que na época da implantação do IUB, os recursos eram limitados e atrasavam as remessas de material para os alunos em até 90 dias, entretanto, tal fato retardava, mas não impedia a realização dos cursos, devido ao interesse dos alunos em aprender. A Folha Dirigida (2009, p.1), registra o depoimento do diretor do Instituto Monitor, Roberto Palhares: quanto aos atrasos, 'os nossos alunos estavam tão interessados em aprender que esperavam ansiosamente pelo curso'. Em pouco tempo, o Instituto Universal Brasileiro, criado em São Paulo, ampliou sua estrutura, com filiais na cidade do Rio de Janeiro e em Brasília, ganhando grande destaque entre as outras Instituições como uma das maiores.

Os eventos apresentados na citação anterior são de grande representatividade para a história do desenvolvimento da EaD no Brasil, no entanto, são ínfimos diante de toda a trajetória percorrida, a qual foi avançando à medida que as novas tecnologias digitais foram surgindo, possibilitando o cenário existente hoje, em que um estudante pode ter acesso a um curso em qualquer lugar do país que tenha internet, através de um celular ou outro dispositivo.

A definição do problema é uma etapa fundamental na pesquisa, sendo parte de uma percepção da pesquisadora, seus conhecimentos acerca do problema e a identificação de um provável eixo de investigação. Assim, a partir disso, deve “explicitar o problema, descrevendo-o de modo metódico e racional” (LEAL, 2002, p.236). Para esta pesquisa, o problema foi identificado a partir de uma análise da situação atual no cenário educacional brasileiro, considerando o seguinte panorama:

Um problema de pesquisa é formulado mediante a articulação ou a interação de diversos elementos, os quais explicitam a percepção do pesquisador de uma determinada porção da realidade social a ser compreendida ou desvelada. Esses elementos – constitutivos de nossas experiências – são constituídos, de acordo com Laville e Dionne (1999), por uma mistura de conhecimentos e valores (LEAL, 2002, p. 233).

Assim, definiu-se a seguinte proposição como problema desta pesquisa: Os processos avaliativos implementados durante a pandemia do COVID-19 no Brasil



podem ser considerados como elementos-chave no processo de aprendizagem ou são limitados ao caráter classificatório?

Como componentes educativos complementares ao problema, apontem-se os seguintes: os estudantes da Educação Básica encaram as avaliações como parte integrante do processo de aprendizagem? Os resultados das avaliações refletem a aprendizagem? A avaliação sugere apoio à aprendizagem?

Ressalta-se que o problema de pesquisa pode ser definido a partir de um problema prático, que no caso desta dissertação refere-se às questões da avaliação como fator de aprendizagem em cenários pandêmicos, assim, a partir do problema definido, será realizado um trabalho de investigação para propor soluções acertadas. Segundo Braga (2005, p.291):

o trabalho de aprofundar conhecimentos seria a pesquisa acadêmica. No caso de um mestrado, resultará em uma dissertação. As soluções concretas podem ser decorrentes da dissertação, mas já não fazem parte dela. Serão, se for o caso, expectativa para depois; e resultado de aplicações posteriores dos conhecimentos obtidos sobre a realidade social.

Assim, a pesquisadora pretende pesquisar a temática apresentada e a partir dos resultados, contribuir para mudanças na realidade educacional, seja através da própria dissertação e/ou demais produtos que serão lançados a partir desta.

Nesta linha, por meio desta pesquisa pretende-se **analisar se os processos avaliativos implementados durante a pandemia do COVID-19 no Brasil podem ser considerados como elementos-chave no processo de aprendizagem.**

Para tal, considera-se os seguintes **objetivos específicos**:

- Apresentar os processos que norteiam a educação remota emergencial, aliados pedagogicamente à avaliação;
- Identificar o conceito e funcionamento da aprendizagem significativa;
- Compreender como é mensurado o nível de aprendizagem dos estudantes;
- Verificar se o modelo de avaliação aplicado durante a pandemia é relevante para o processo de aprendizagem.
- Identificar processos avaliativos válidos para um cenário pós-pandêmico.

Logo, a organização da pesquisa está:

A seção 3 explica a trajetória metodológica deste estudo.

Já a 4 trata da Educação Remota Emergencial, além de apresentar o modelo de Educação Híbrida, considerada uma perspectiva no cenário pós-pandemia, na

qual existe a possibilidade de flexibilização da presença ou não nas instituições escolares. Este capítulo foi desenvolvido com base em diversos autores, entre eles, Arruda (2020), Vieira e Ricci (2020), Santos e Reis (2021), Parente (2021).

Na 5 apresentam-se estudos relacionados à temática da avaliação educativa na aprendizagem remota com base nos seguintes autores, referências no tema: Luckesi (2011), Both (2017), Hoffman (2019).

Durante a 6 é trazida a abordagem sobre a aprendizagem significativa, com base em autores referenciais, tais como: Ausubel (2003) e Moreira (2011).

A seção 7 foi elaborada a partir do resultado das *lives* sobre a Educação em cenários pandêmicos e pós-pandêmicos, com ênfase para os modelos de avaliação aplicados durante este período.

Na 8 são apresentadas as perspectivas para o cenário pós-pandemia, tendo como base textos recentes, tais como a compilação de artigos realizada por Aguiar (2021).

Finalmente, em considerações são apontadas as conclusões deste trabalho de pesquisa, além de apresentar o produto de aplicabilidade pedagógica com alguns elementos que demonstram possibilidades para continuidade desta pesquisa. E ainda temos a proposta de produto, a qual sugere a elaboração de um e-book.

### **3 DESIGN METODOLÓGICO**

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratória, do tipo interpretativa, visa promover as percepções e a compreensão do problema estudado, estando direcionada aos estudos das ciências humanas, diante de uma realidade que não pode ser quantificada, mas, sim, interpretada. Sendo que, ressalta-se que a pesquisa exploratória tem como característica proporcionar uma aproximação pedagógica entre o pesquisador e o assunto pesquisado, neste caso possibilitará maior conhecimento acerca dos processos avaliativos em cenários pandêmicos.

Este estudo foi elaborado, tendo como base as seguintes etapas metodológicas:

#### **Etapa 1: Pesquisa Bibliográfica:**

A qual apresentou oito fases distintas: escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise, interpretação e redação. De acordo com Markoni e Lakatos (2010, p. 166), a pesquisa bibliográfica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografia, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral”.

A pesquisa iniciou-se com o levantamento do material bibliográfico, a fim de conhecer estudos que já foram realizados sobre o tema, entretanto, devido a educação remota emergencial tratar-se de um fenômeno recente, ainda não existem muitas referências disponíveis, sendo necessário buscar materiais relacionados, e principalmente utilizar os estudos sobre avaliação para comparar com as práticas implementadas durante este período de pandemia.

#### **Etapa 2: Análise de *lives***

Foi desenvolvida uma análise de narrativas digitais, a partir de consulta em *lives* apresentadas por professores pesquisadores sobre a ‘Educação em Tempos

de Pandemia”, “Perspectivas pós-pandêmicas” e ‘Avaliação em Tempos de Pandemia’.

Assim, classifica-se como uma pesquisa aplicada, pois objetiva, por parte do pesquisador, a partir dos resultados gerar materiais instrucionais.

Para Ander-Egg citado por Marconi e Lakatos (2010, p. 139), “a pesquisa é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”, assim, a pesquisadora pretende trilhar esse caminho a fim de descobrir respostas para o problema identificado.

### **Etapa 3: Elaboração de produto de aplicabilidade pedagógica**

Trata-se de pesquisa exploratória e de desenvolvimento, já que a pesquisadora pretende identificar respostas para as hipóteses levantadas, buscar identificar se a avaliação aplicada no modelo de educação remota emergencial favorece o processo de aprendizagem, além de propor soluções para os problemas identificados, as quais serão apresentadas ao final da pesquisa.

Marconi e Lakatos (2010, p.171) salientam que esse tipo de pesquisa são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, um fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos.

Assim, ao considerar a elaboração de e-book, destacou-se que ele teria pontos de reflexão acerca da temática, tornando-se, assim, necessário escutar o que professores, que atuaram entre os anos 2020 e 2021, nos diferentes níveis de ensino, tinham a falar sobre: “Qual conselho você daria para um professor sobre como avaliar pós-março de 2020”.

A pergunta foi enviada via GoogleForms para 70 professores desde a Educação Infantil até a Educação Superior. Obteve-se o retorno de 59, dos quais foram possíveis coletar 40 dicas, sem repetições, sobre: “Avaliação Educacional pós-março de 2020: dicas de 40 dicas de docentes (para reflexão), conforme apêndice I.

#### 4 EDUCAÇÃO REMOTA: MODALIDADE EMERGENCIAL

Durante o ano de 2020, o Brasil e o mundo ficaram estarelecidos, pasmos e amedrontados diante da crise ocasionada pela pandemia do COVID-19, sendo implementadas inúmeras ações para contê-la, entre outras, o isolamento e o distanciamento social. Estas ações causaram consequências diretas na vida dos estudantes, tanto que concernente ao número de crianças e adolescentes atingidos pelo fechamento das escolas em contexto mundial, de acordo com Vieira e Ricci (2020, p. 1):

A situação iniciada a partir do contágio mundial em massa pelo COVID-19, ainda que se trate de uma questão de saúde pública, afetou o cenário mundial em seus mais diversos campos, trazendo consequências econômicas, políticas, sociais e, logo, também, ao campo educacional. Diante do isolamento social, determinado com maior ou menor rigor nos mais diferentes países, noticiou-se, logo nos primeiros 30 dias de contágio mundial e massivo do vírus, o alcance do número de 300 milhões de crianças e adolescentes fora da escola. Diante do aumento dos casos, ao final de março a situação já afetava metade dos estudantes do mundo, ou seja, mais de 850 milhões de crianças, em 102 países.

Deste modo, no contexto educacional brasileiro, tendo em vista o cenário apresentado, com o objetivo de manter o ano letivo, secretarias, mantenedoras, escolas e outros órgãos mobilizaram-se para implementar a educação remota emergencial, afinal, os estudantes não poderiam ficar desamparados. Inclusive, de acordo com Almeida, Carvalho e Pasini (2020, p. 2), “a crise sanitária está trazendo uma revolução pedagógica para o ensino presencial, a mais forte desde o surgimento da tecnologia contemporânea de informação e de comunicação”. Essa situação ocasionou mudanças radicais em toda a estrutura educacional. De acordo com Parente (2021, p. 93):

Os sistemas educacionais foram obrigados a se ajustar rapidamente para que experiências de aprendizagem, que não podiam mais acontecer dentro de sala de aula, continuassem acontecendo nas casas dos alunos, com o apoio de mídias digitais, TVs, rádios e materiais impressos, muitas vezes distribuídos pelas próprias escolas, pelo correio ou por meios alternativos.

O cenário foi de mudanças bruscas, repentinas e chocantes, entretanto, não é possível iniciar o estudo acerca da educação remota, considerada uma modalidade emergencial, afinal, trata-se de um novo modelo que está sendo desenvolvido na prática, sem destacar a importância da trajetória já alcançada pela Educação a Distância - EAD, que ganhou destaque no cenário brasileiro após a publicação da

LDB em 1996, na qual a EAD foi reconhecida no sistema de ensino. Desde então têm tido avanços significativos, ainda mais durante a pandemia, em que os números de alunos no EAD cresceram significativamente e o uso das Tecnologias tem se tornado cada vez maior. Cabe ressaltar que “o cenário atual, do mundial ao local, reforça a ideia das TECNOLOGIAS como um instrumento favorável à transmissão e amadurecimento do conhecimento sistematizado”. (SOARES; COLARES, 2020, p. 21)

Neste contexto, destaca-se o fortalecimento da EAD, que segundo Moore e Kearsley, citados por Lopes e Faria (2017, p. 37), evoluiu ao longo da história e passou por diferentes gerações:

A primeira foi marcada pela comunicação textual, por meio da correspondência; a segunda geração foi do ensino por rádio e televisão; a terceira caracteriza-se principalmente pela invenção das universidades abertas; a quarta geração foi marcada pela interação a distância em tempo real, em cursos de áudio e videoconferências. A mais recente, a quinta geração, é a que envolve o ensino e o aprendizado on-line, em classes e universidades virtuais, baseadas em tecnologias da internet.

Essas gerações ocorreram em períodos distintos, ou seja, a primeira geração da EAD ocorreu no século XIX, na Europa, quando o ensino por correspondência teve seu início. Já a segunda geração coincidiu com o período em que a humanidade passou por duas guerras mundiais. Ainda, destaca-se que na década de 70, iniciou-se a terceira geração de EAD, período em que coincide com a crise das sociedades capitalistas que ocasionou uma reestruturação dos cenários produtivos mundiais. A quarta geração teve início nos anos 90, com o uso crescente de ambientes informatizados de aprendizagem. (LOPES; FARIA, 2017)

A publicação da LDB de 1996, ocorreu em um momento em que a EAD ganhou destaque mundial em seu quarto período na história, caracterizado pelo uso crescente de ambientes informatizados de aprendizagem em rede, impulsionando significativamente o crescimento da EAD no Brasil. Acredita-se que até a pandemia, viveu-se a quinta geração de EAD na história, com o destaque do uso da internet possibilitando realidades extraordinárias. Mas, e agora, em meados de 2021, em qual geração encontra-se a EAD, sendo utilizada como base para a educação remota emergencial em quase todo o mundo?

Ressalta-se que é nesse cenário que a Organização Mundial da Saúde decretou o estado pandêmico e que as instituições escolares precisaram implementar um novo modelo educacional, afinal a EAD já estava consolidada,

sendo uma “uma estratégia educativa baseada na aplicação da tecnologia à aprendizagem sem limitação do lugar, tempo, ocupação ou idade dos alunos. Implica novos papéis para os alunos e para os professores, novas atitudes e novos enfoques metodológicos” (ZAMLUTTI, 2006, p.19). E a tecnologia digital avançou significativamente nos últimos anos, possibilitando esse salto educacional.

Segundo Piletti (2018, p. 233):

A educação a distância, prevista no artigo 80 da LDB de 1996, foi definida no Decreto n. 5622, de 2005, como a modalidade educacional “na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos”.

Desde 2005, já estava estabelecido o tipo de mediação existente na educação a distância, um modelo que serviu como base para a implementação da educação remota emergencial. Inclusive, o mesmo decreto estabelece as situações em que é possível a educação a distância, no qual está incluída a aplicação na educação básica em situações emergenciais, conforme segue:

Na educação fundamental e média apenas para fins de complementação de aprendizagem ou em situações emergenciais, ou quando existam impedimentos em acompanhar o ensino presencial, em caso de problemas de saúde, deficiência, prisão ou residência no exterior ou em regiões longínquas de difícil acesso e sem atendimento escolar. Na educação de jovens e adultos. Na educação especial. Na educação profissional para cursos e programas técnicos de nível médio e tecnológico de nível superior. (PILETTI, 2018, p. 233-234)

Entretanto, existem diferenças significativas entre EAD e a Educação Remota Emergencial, que devem ser consideradas. Segundo Arruda (2020, p.265):

Atender, por meio de tecnologias digitais, alunos afetados pelo fechamento das escolas, não é a mesma coisa que implantar Educação a Distância, ainda que tecnicamente e conceitualmente refira-se à mediação do ensino e da aprendizagem por meio de tecnologias. A EaD envolve planejamento anterior, consideração sobre perfil de aluno e docente, desenvolvimento a médio e longo prazo de estratégias de aprendizagem que levem em consideração as dimensões síncronas e assíncronas da EaD, envolve a participação de diferentes profissionais para o desenvolvimento de produtos que tenham, além da qualidade pedagógica, qualidade estética que é elaborada por profissionais que apoiam o professor na edição de materiais diversos, conforme afirmam Maia e Mattar (2008).

Já, quanto a Educação Remota Emergencial que é uma modalidade implementada para suprir uma necessidade do período pandêmico, ele apresenta:

conforme afirmam Hodges et al. é uma mudança temporária da entrega de conteúdos curriculares para uma forma de oferta alternativa, devido à situação da crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para as aulas previamente elaboradas no formato presencial, podem ser

combinadas para momentos híbridos ao longo da crise, em situações de retorno parcial das aulas e quantitativo de alunos e possuem duração delimitada pelo tempo em que a crise se mantiver. (ARRUDA, 2020, p.265,266).

A educação remota implementada durante a pandemia do COVID-19 no Brasil, apresenta elementos da EAD e características da educação presencial, ou seja, algo totalmente novo, no qual professores, estudantes e pais, enfim toda a sociedade, estão fazendo adaptações a fim de que os processos educacionais não fiquem estagnados, mas que seja dada continuidade nos anos letivos. Entretanto, é diferente da modalidade de Educação a Distância (EAD), que conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, por meio de diferentes mídias em plataformas on-line.

O intuito da educação remota não é estruturar um ecossistema educacional robusto, mas ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente. Assim, em decorrência da pandemia, a educação remota emergencial tornou-se a principal alternativa de instituições educacionais de todos os níveis educacionais, caracterizando-se como uma mudança temporária em circunstâncias de crise. (HODGES et al, citado por RONDINI, PEDRO e DUARTE, 2020).

Segundo Guarezi citado por Faria (2010, p. 31), “conceituar EAD é um processo evolutivo, que começou com a abordagem na separação física das pessoas e chega ao processo de comunicação, incluindo, no final do século XX, as tecnologias da informação”. E agora, como conceituar a educação remota emergencial implementada no século XXI? A qual está sendo implementada por professores e estudantes sem a formação específica, mas que têm buscado aprender o funcionamento das plataformas virtuais e desenvolvido formas de superar as dificuldades surgidas no processo.

De acordo com Arruda citado por Santos e Reis (2021, p.72-73), a educação remota emergencial “é a modalidade educacional que busca efetivar o processo de aprendizagem em um contexto de crise com o auxílio das TDIC - na atualidade, pela pandemia COVID-19”. A definição de Educação a Distância apresentada por Pallof e Pratt (2002, p.27), apresenta semelhanças com o conceito de educação remota emergencial, já que aborda o ambiente virtual, as tecnologias,



interação entre os pares e a colaboração que já tem acontecido através de aplicativos ou de documentos disponibilizados no drive para uso coletivo:

A EAD é caracterizada quando o ensino e a aprendizagem acontecem em sala de aula virtual mediada por tecnologias onde a comunicação estabelecida no ambiente on-line deve favorecer o intercâmbio de informações entre participantes do processo, pois 'fundamentais aos processos de aprendizagem são as interações entre os próprios estudantes, as interações entre professores e os estudantes e a colaboração na aprendizagem que resulta de tais interações'.

Ainda, de acordo com Santos e Reis (2021, p.73), "o foco principal dado pelo ERE é que cada instituição educacional, a partir de sua realidade, possa adequar e adaptar atividades para seus estudantes de modo que consigam promover a acessibilidade e democratização do conhecimento". O grande diferencial entre EAD e ERE pode ser caracterizado pela escolha de participar de um modelo educativo on-line ou não, já que no caso da educação remota emergencial, tornou-se uma obrigatoriedade, pressionando as famílias a buscarem melhor conexão de internet, a compra de celular, note-book e outros, além da exposição nas câmeras, fato raro principalmente entre adolescentes.

As escolas estão inovando e renovando no sentido de criar meios para auxiliar toda a sociedade nesse momento excepcional de pandemia, em que as atividades presenciais foram suspensas e toda a comunidade escolar foi transferida do ambiente físico da escola para as suas casas.

#### **4.1 O papel do professor na aprendizagem remota**

Neste novo contexto, os professores são desafiados diariamente, pois precisam se reinventar para prosseguir com as atividades escolares e alcançar os objetivos pedagógicos. Foi necessária adaptação das casas para trabalhar em home office, além de reestruturação da própria forma de trabalho, já que não eram preparados ou capacitados para atuar nessa nova modalidade educacional. Ainda, é válido mencionar aqueles que não tinham nenhuma habilidade com as tecnologias digitais, sendo convocados a ministrarem suas aulas de forma virtual, realmente os

desafios foram inúmeros, mas estão sendo vencidos a cada situação, aula ou módulo finalizado.

No cenário pandêmico ocorreram inúmeras alterações no papel do professor, no entanto, segundo Guedes e Rangel (2021, p.18) “ ao mesmo tempo preservou sua importância. Embora as Tecnologias ofereçam um universo infindável de conteúdo, somente o profissional professor é capaz de filtrar aquilo que realmente é relevante para o ensino e aprendizagem do estudante”. A pandemia obrigou os diversos atores educacionais a passarem por uma transformação que já era pensada, comentada, mas que eram necessárias muitas mudanças para ocorrerem, mudanças estas que foram proporcionadas pela necessidade urgente dos estudantes prosseguirem com os estudos em casa.

A implementação da educação remota emergencial não tem sido um processo simples, mas complexo e difícil, afinal além das dificuldades tecnológicas é necessário ultrapassar os limites e bloqueios, quebrar paradigmas e promover uma mudança de cultura, que trará resultados em cenários futuros, no pós-pandemia, pois a mudança de cultura não acontece rapidamente. Segundo Faustino e Silva citados por Souza e Miranda (2021, p.45) “A ruptura dos processos presenciais para os virtuais de aprendizagem requer maior exploração de recursos tecnológicos até então pouco utilizados no ambiente escolar”.

Segundo a professora Elenice Ana Kirchner no livro *Desafios da Educação em Tempos de Pandemia* (2020, p.46):

A pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola, nos retirando a sala de aula, o ambiente que sempre foi o lugar de estabelecer os vínculos principais de mediações de conhecimento. A função docente desempenhada dentro desse lugar, onde professores, alunos e toda comunidade escolar se habituaram, já não é o espaço delimitado para essa função. Como o movimento de uma sala de aula é marcado por uma rotina intensa de afazeres, o tempo de pensar sobre outras formas de ser e fazer a aula, acaba sendo redimensionado para outros espaços de formação. Sempre falamos na transformação da escola, que precisamos repensar novos modelos, eis que a pandemia nos obrigou a mudar. Estamos a vivenciando neste momento com as escolas em isolamento social, e ao mesmo tempo precisamos pensar em como fazer a sala de aula acontecer em outros espaços e tempos, tornando-se o grande desafio do momento. O que conhecíamos por sala de aula se alterou, precisamos pensar e fazer escola a partir de outros formatos para os quais temos inúmeros questionamentos.

O local de trabalho do professor foi alterado, porém a função docente permanece, agora com outros elementos envolvidos, as tecnologias de informação e comunicação. Uma das grandes dificuldades foi a necessidade urgente de

posicionar-se em um novo ambiente, o virtual, instalado fisicamente em casa, o ambiente familiar. O medo tomou conta, afinal de uma semana para outra, as escolas foram fechadas, com isso a incerteza tomou conta. Segundo Morin (2007, p.84) “é preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que valores são ambivalentes, em que tudo é ligado”. Entretanto, quando a situação invade a vida da pessoa, torna-se difícil vencer. O medo da doença, da perda do emprego, dos desafios a serem enfrentados, enfim, diversos. Que postura adotar?

Cabe ressaltar a importância de o professor separar os momentos de trabalho das demais funções familiares, para não correr o risco de estar conectado em todo o tempo, seja fora do horário de trabalho ou finais de semana, já que esse novo modelo abriu portas para que pais e alunos encaminhem mensagens via WhatsApp a qualquer hora, mas é fundamental que o docente limite os momentos de respostas. Aqui destaca-se que é primordial saber usar as tecnologias de forma equilibrada, conseguindo manter o foco e estabelecendo os limites necessários.

De acordo com os professores Mendes e Bianchessi no ano de 2018, ou seja, muito antes do cenário pandêmico, “na atuação docente, auxiliado pela tecnologia na sala de aula, o professor precisa manter uma postura responsável na condução do processo associativo entre tecnologia e conhecimento”. Sim, o professor é o mediador, mas para isso precisa compreender o uso das ferramentas. Infelizmente, muitos docentes chegaram ao ano de 2020, com pouquíssimo conhecimento acerca do uso das tecnologias no ambiente escolar, sem a possibilidade de atender essa demanda: “pois essas tecnologias contemporâneas, no contexto do ambiente escolar, necessitam de um mediador com sapiência para discernir que elas são apenas instrumentos auxiliares na atuação do professor. (MENDES e BIANCHESSI, 2018, p. 161)

Ainda, referente à docência digital, Borges e Cunico (2020, p.278) relatam a importância de a comunidade docente ter a consciência de que as crianças, jovens e adolescentes aprendem de forma diferente, portanto “a geração digital por consequência exige professores digitais. No cenário de ensino e aprendizagem, se torna necessário que esse professor aprenda a usar e manejar múltiplas abordagens, principalmente ligadas às novas tecnologias”. Borges e Cunico ainda ressaltam que “Fazendo uma comparação até pouco tempo atrás tínhamos a lousa com giz, quadro

negro, atividades de recortes em revista ou jornal, lápis que precisavam de apontadores. Isso tudo na maioria dos lugares estão sendo substituídos por meios eletrônicos”. Na mesma linha, eles citam Munhoz (2019, p.47), o qual ressalta que os recortes de revistas e jornais, agora são diretamente retirados de tablets, notebooks e smartphones cada vez mais inteligentes, que são levados para as salas de aula; mas a forma de tratar os conteúdos permanece inalterada”. O avanço das tecnologias digitais tem ocorrido de forma significativa, sendo impossível não aplicar em sala de aula.

É inadmissível que professores se neguem ou se privem do aprendizado das tecnologias digitais, isso para além do cenário pandêmico, mas para melhoria e inovação das atividades realizadas em sala de aula, compreendendo que a cada ano surgem alunos com perfis diferentes, conformados com as Tecnologias. Para não estar desatualizado é de grande relevância o interesse por novos aprendizados e a sua inserção na preparação das aulas.

Ainda, vale destacar a importância de o professor conhecer as metodologias ativas e utilizá-las na Educação Remota ou Híbrida, inclusive segundo Borges e Cunico (2020, p.276), “espera-se que neste cenário que envolve o ensino aprendizagem, seja capaz de aprender as metodologias ativas e adaptar-se às suas várias abordagens”. O uso das metodologias ativas combinadas com as tecnologias digitais poderá facilitar o trabalho do docente, que poderá desenvolver mais eficazmente o seu papel como mediador:

na metodologia aprendizagem ativa o professor passa a ter uma atuação de mediador, ou seja, deixa de ser o centro da aprendizagem. O professor irá oferecer estímulos para que os estudantes assumam um papel mais ativo e desenvolvam sua própria aprendizagem. Haverá a oportunidade de pensar, refletir sobre suas ações, de forma crítica, além de criar formas de conhecimento. (BORGES e CUNICO, 2020, p.276)

Diante do cenário pandêmico e pós-pandêmico, espera-se que o professor tenha uma postura diferenciada, compreendendo o seu papel de mediador no processo de aprendizagem, buscando conhecer as novas tecnologias e as metodologias ativas, fundamentais para a eficácia da educação remota e híbrida.

## **4.2 O papel da família na educação remota emergencial**

A educação remota emergencial apresenta inúmeros desafios, entre eles, a participação da família, que sempre foi alvo de discussões, agora, em um cenário pandêmico, passou a ser fundamental para o sucesso da educação remota. Segundo Kirchner (2020, p.48), é o “momento de garantir e fortalecer o vínculo entre família e a escola, promovendo experiências de aprendizagens junto às famílias com orientação dos professores”. Esta é uma tarefa difícil, porque a maioria dos pais continuam trabalhando fora de casa e aqueles que estão em home-office também não conseguem dar a atenção necessária, a fim de que os filhos, principalmente os da Educação Infantil e Educação Fundamental 1 consigam obter êxito nos estudos. Com isso, percebeu-se um alto número de alunos que não realizaram as atividades propostas.

Pais e/ou outros responsáveis que não tinham noção dos conteúdos estudados pelos filhos, muito menos das dificuldades que os professores enfrentam em sala de aula presencial, agora se deparam com a responsabilidade de providenciar um ambiente adequado aos filhos e acompanhar o processo educativo. Sem falar naqueles que ficam fora durante todo o dia, no trabalho, qual estratégia deve ser utilizada pela escola para manter esse estudante na aula on-line? São muitos os questionamentos, que aos poucos vão sendo respondidos, para outros, será necessária a continuidade da prática e inúmeras pesquisas, a fim de propor soluções aceitáveis.

Kirchner também relata o quanto tornou-se importante o diálogo com a família, a busca pela compreensão das necessidades, lembrando que existem famílias que têm recursos e outras não, tornando-se necessário lidar de formas diferentes com cada uma, “a demanda desse momento nos exigiu ouvir as famílias, com sensibilidade e sutileza nas ações nesse processo de acompanhar e observar como estão sendo realizadas as atividades em casa e o retorno das propostas” (2020, p. 48).

Existem famílias que não têm disponíveis os recursos básicos para que o aluno estude em casa, falta cadeira, mesa e outros, sem falar na alimentação, que é primordial para que a criança/adolescente possa estudar. Nesse cenário, como a escola deve atuar? Comunicar o Conselho Tutelar? Aguardar até que a educação

presencial seja retomada? Independente da resposta, os prejuízos são imensos, demonstrando a fragilidade social em que o Brasil está imerso.

### **4.3 Uso de tecnologias digitais em educação remota emergencial**

A implementação da educação remota emergencial passa necessariamente pela disponibilização de aparelhos tecnológicos, é claro, além da internet, seja na casa dos professores, quanto dos alunos. Entretanto, os índices são alarmantes, segundo Tokarnia (2020, s/p) “uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet”, isso sem destacar aquelas que têm acesso precário, com disponibilidade apenas de dados móveis.

Nesse sentido, de acordo com Santos e Reis (2021, p. 73, 74), a educação remota emergencial tem um aspecto segregador:

vários estudantes não possuem acessos condizentes às TDIC para o desenvolvimento de muitas práticas da referida modalidade, deste modo, o ERE trouxe uma dualidade para a área educacional: a garantia do acesso à educação e a qualidade educacional - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Em contrapartida, o avanço da tecnologia é significativo e evidente em nível mundial, inclusive em países menos desenvolvidos como o Brasil:

os recursos tecnológicos passaram por uma evolução impactante no decorrer dos últimos anos, possibilitando mudanças técnicas e fazendo com que as pessoas se tornem cada vez menos resistentes e mais confiantes em sua utilização e incorporação no cotidiano escolar. A inserção de novas tecnologias digitais, como os dispositivos móveis e o uso de aplicativos, proporciona metodologias ativas, colocando o aluno como provedor do conhecimento, pois os aparatos tecnológicos fazem parte do seu cotidiano e são utilizados de forma tranquila e satisfatória. (MENDES e BIANCHESSI, 2018, p. 151)

Nos últimos anos foram inúmeras as tentativas de implementação do uso de tecnologias digitais nas escolas. Entre outras, a instalação de TV Multimídia, disponibilização de tablets. Entretanto, a situação não se limita à disponibilização de equipamentos, mas passa necessariamente pela mudança de mentalidade de toda a comunidade escolar, que ainda tem uma visão de que a tecnologia atrapalha ou dificulta o trabalho. Assim, tornou-se muito complexa a mudança brusca ocorrida na implantação da educação remota emergencial, na qual professores e coordenação

pedagógica, de um dia para o outro, foram obrigados a familiarizar-se com o uso de aparatos tecnológicos para desenvolver o seu trabalho.

Concernente a grande maioria de estudantes que demonstravam ter habilidades, foram surpreendidos com o fato de que sabiam jogar no celular ou computador, mas não tinham noção de como usar uma ferramenta de webconferência e outras necessárias para dar prosseguimento nos estudos. Isso comprova o que Mendes e Bianchessi relatam acerca da habilidade no uso das tecnologias digitais, ou seja, “ter acesso às novas tecnologias não é suficiente, pois é preciso saber utilizá-las de forma democraticamente coordenada, pois são muitos os atores presentes no processo de aprendizagem” (2018, p.153). Por outro lado, concernente ao desempenho dos estudantes com as tecnologias, Borges, Figueiredo e Avelino (2021, p.61) apresentam que “a utilização das tecnologias facilita as práticas pedagógicas, aliás, seu uso é bem recorrente do cotidiano dos alunos do século XXI”.

Durante o cenário da pandemia, pode-se identificar que grande parte do chamado “conhecimento tecnológico” que tanto professores quanto estudantes tinham sobre as tecnologias, não passava da chamada “informação atacadista”, ou seja, não significa que a pessoa tem conhecimento sobre determinado assunto, mas apenas recebeu a informação. Ainda, de acordo com Mendes e Bianchessi (2018, p. 153):

a inserção de novas tecnologias no cotidiano escolar permite dar suporte para professores e alunos ao estabelecer estratégias democráticas no processo de aprendizagem, tornando-se um diferencial para as escolas. Com o advento da internet, vive-se a denominada revolução técnico científico-informacional, que promove a democratização da informação de forma atacadista, o que não significa, necessariamente, assimilar mais sabedoria ou conhecimento e, conseqüentemente, estar destituído do estágio de alienação ou ignorância, pois informação não quer dizer conhecimento.

Em contrapartida, percebe-se grande interesse tanto de docentes quanto dos discentes na busca pelo conhecimento das tecnologias, buscando cursos on-line, compra de equipamentos, dispositivos eletrônicos para o desenvolvimento das aulas, o que é muito importante, já que para que possa ocorrer o processo de aprendizagem do uso das Tecnologias o interesse de ambas as partes é primordial, com a troca de informações entre professores e estudantes. Segundo Borges, Figueiredo e Avelino (2021, p. 62):

[... ] essas trocas de saberes entre os integrantes da escola, tem provocado um interesse ainda maior nos educadores, mesmo com idades variadas e avançadas, o ato de aprender por meio das tecnologias tem despertado a importância dessas ferramentas como recursos facilitadores nos processos de aprendizagem.

Com a declaração da pandemia do COVID-19, ocorreu a automática suspensão das aulas presenciais, gerando instabilidade no sistema educacional, trazendo a obrigatoriedade de professores e estudantes migrarem suas atividades para o ambiente online. Essa migração foi realizada transferindo as práticas pedagógicas do ambiente presencial para o on-line.

e na realidade, essa foi uma fase importante de transição em que os professores se transformaram em youtubers gravando vídeo aulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o Skype, o Google Hangout ou o Zoom e plataformas de aprendizagem, como o Moodle, o Microsoft Teams ou o Google Classroom. No entanto, na maioria dos casos, estas tecnologias foram e estão sendo utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo. (MOREIRA, HENRIQUES e BARROS, 2020, p.352)

Ainda, segundo Moreira, Henriques e Barros (2020, p. 352):

É urgente e necessário transitar deste ensino remoto de emergência, importante numa primeira fase, para uma educação digital em rede de qualidade. Mais do que a transferência de práticas presenciais urge agora criar modelos de aprendizagem virtuais que incorporem processos de desconstrução e que promovam ambientes de aprendizagem colaborativos e construtivistas nas plataformas escolhidas.

A fala de Moreira, Henrique e Barros remete-nos para um cenário pós-pandêmico que seja influenciado significativamente pela implementação de novas práticas. Acredita-se que o panorama anterior à pandemia não será retomado, afinal, o avanço foi muito grande em pouco tempo. Mas, o que se espera dos novos tempos? Uma educação híbrida em todo o cenário educacional brasileiro, que combine práticas presenciais, direcionando o estudo on-line?

#### **4.4 A educação híbrida**

Após um ano de pandemia, instituições públicas e privadas decidiram implantar a educação híbrida, a fim de diminuir a circulação nas escolas. No caso, foi implementado basicamente, dividindo as turmas, assim o professor, ao mesmo tempo que ministra aula para os alunos que estão na escola, também atende os



alunos que estão assistindo a aula em casa. Entretanto, não existe acordo quanto a esse modelo tratar-se de Educação Híbrida. Acerca do modelo proposto, denominado de híbrido, Souza e Miranda (2021, p.49) apresentam:

No âmbito dos protocolos pedagógicos, têm sido propostas: a utilização de um regime de alternância (presencial/remoto) na execução das atividades educacionais; a elaboração de planos de trabalho domiciliar ou remoto para estudantes e professores dos grupos de risco, e para aqueles que não se sintam confortáveis e seguros na escola; a preparação de atividades de acolhimento no retorno às aulas presenciais, objetivando auxiliar o enfrentamento aos impactos emocionais e de aprendizado durante o isolamento social.

Cabe um questionamento, afinal a proposta apresentada acima realmente trata-se de um modelo de educação híbrida? Nesta proposta, é importante destacar que os professores, ao mesmo tempo que ministram uma aula para os alunos presenciais, também precisam atender os alunos on-line. Esta é a indicação do modelo de aprendizagem denominado de “blending learning”, ou seja, a aprendizagem híbrida.

Acerca do termo híbrido, Castro et al (2015, p.34) apontam que “designa um cruzamento genético entre duas espécies, raças, variedades ou gêneros distintos, vegetais ou animais, que geralmente não podem ter descendência. No sentido Figurado é caracterizado por aquilo que foi composto por elementos diferentes.

Segundo Horn e Staker (2015, p.34) a educação híbrida “é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle dos estudantes sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou ritmo”.

O modelo híbrido significa misturado, também pode ser chamado de *blended learning*, que significa aprendizagem híbrida. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. (MORAN, 2015). Isso possibilita que o processo de aprendizagem ocorra de diversas formas. No contexto da educação remota emergencial, busca-se aplicar o modelo híbrido, a fim de possibilitar a efetiva aprendizagem dos estudantes dos diversos níveis.

Atualmente, inúmeras instituições têm adotado o modelo de Educação Híbrida, porém com inúmeras diferenças, algumas mantêm a estrutura curricular que era adotada no modelo presencial antes da pandemia, apenas com alguns ajustes, possibilitando que os alunos frequentem a escola em alguns dias e em outros

assistam as aulas online. Em outros casos, a escola tem inserido metodologias ativas no desenvolvimento das aulas e outras alteraram totalmente a estrutura curricular. Entretanto, a maioria apenas fez uma transposição das aulas presenciais.

Essa nomenclatura foi adotada, já que na educação híbrida, parte das atividades são realizadas a distância e outras presencialmente, que foi a proposta pedagógica para o ano de 2021 em praticamente todo o território brasileiro, entretanto, com o agravamento da pandemia, não foi consolidada completamente.

Na educação híbrida ou blended learning nem todas as atividades são realizadas a distância, a separação geográfica e temporal não são características fundamentais da educação Híbrida. Esta estratégia educacional tem sido usada como complemento de atividades educacionais presenciais, para incrementar e auxiliar atividades de pesquisa, colaboração entre professores e alunos e para facilitar o acesso à informação, quase sempre com o uso das Tecnologias no intuito de desenvolver projetos ou atividades de âmbito escolar presencial. (CAMILLO, 2017, p. 66)

Constatamos hoje instituições escolares que adotam caminhos diversos. Enquanto umas optam por manter o modelo curricular pautado por disciplinas e introduzem as metodologias ativas como forma de maior envolvimento dos alunos desenvolvendo a aprendizagem por meio de projetos interdisciplinares. Outras instituições tomam atitudes mais radicais, dispensam as disciplinas, reelaboram os projetos, os espaços e as metodologias fazendo com que cada aluno aprenda de acordo com seu próprio ritmo.

A educação Híbrida é uma tendência do século XXI, na qual a responsabilidade pela aprendizagem também é do estudante, sendo necessário adotar uma postura mais ativa e participativa. Já o docente passa a desenvolver um papel de mediador, assessorando o estudante, a partir das dúvidas e dificuldades apresentadas. Já a sala de aula é o local onde professores e estudantes se encontram para resolver problemas, auxiliando uns aos outros, com isso desenvolvem as competências.

São inúmeros os desafios para a implantação da educação híbrida, entre eles destacam-se a dificuldade que tanto alunos quanto professores têm de utilização das tecnologias educacionais:

Os alunos e professores precisam familiarizar-se com as tecnologias existentes e desenvolver a capacidade de manipular, interagir e produzir conteúdo dentro do ambiente virtual para que as atividades interativas online tenham sucesso. Temos consciência de que, embora, muitos alunos tenham familiaridade com as novas tecnologias, é preciso que eles sintam a necessidade de utilizá-las voltada para o ambiente educacional. Os professores, por sua vez, precisam estar atentos ao uso das novas

tecnologias, se apropriarem destas ferramentas buscando novas formas de lidar com os conteúdos de suas disciplinas a fim de que estejam mais próximos da realidade de uma geração que já nasceu utilizando as novas tecnologias e de outra bastante resistente ao uso delas. (CASTRO et al, 2015, p. 48)

Por outro lado, segundo Camillo (2017, p. 65):

As Tecnologias vieram para somar, para agregar, integrando-se com o formato tradicional do ensino, proporcionando o que é conhecido como blended learning ou Educação Híbrida, sendo que a "sala de aula invertida" (flipped classroom) é uma das modalidades que têm sido implantadas tanto na educação Básica quanto no ensino Superior. A educação Híbrida utiliza a tecnologia abrindo novos horizontes na educação, transformando e buscando melhorar o processo de aprendizagem.

Observa-se que os diversos atores educacionais, estão buscando formas para melhorar o modelo de educação que foi implantado às pressas durante a pandemia, entretanto, são inúmeros os desafios, apesar do surgimento das Tecnologias e até mesmo da propagação dos novos modelos educacionais, e no caso abordado, as inúmeras metodologias que podem ser desenvolvidas no modelo híbrido.

## 5 AVALIAÇÃO EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO EMERGENCIAL

Vale iniciar este capítulo com uma reflexão sobre o conceito de avaliação, já que ao longo da história, os processos avaliativos apresentam-se como um grande desafio do sistema educacional, em alguns períodos são supervalorizados outros não, utilizados em algumas ocasiões como moeda de troca, punição ou vingança, em outras, como meio através dos quais a aprendizagem ocorre. Inclusive, em pleno século XXI, estudantes ainda se deparam com professores que utilizam os processos avaliativos como meio de amedrontá-los, pressionando ou utilizando como barganha para presentes ou agrados. Entretanto, a proposta dessa pesquisa é pensar em uma avaliação que transcende o ato de verificar se o estudante conhece ou não um conteúdo, mas segundo Both (2017, p. 33) “que ela possibilite verificar quais foram os caminhos que o levaram a esse conhecimento”.

Por meio dos processos avaliativos as pessoas são aceitas ou não em um processo seletivo; estudantes são aprovados ou reprovados em um ano escolar ou em qualquer outro curso; trabalhadores são mantidos no emprego ou demitidos. Resultados positivos nas avaliações demandam em premiações, por outro lado, resultados negativos resultam em perda de privilégios, surras, decepções. São inúmeros os lados dos processos avaliativos e atualmente, fala-se muito nas dificuldades de avaliar os estudantes em um cenário pandêmico, entretanto, as dificuldades com os processos avaliativos são anteriores a pandemia, aliás, é uma temática antiga e abordada nos diferentes contextos da sociedade.

Desde o início da trajetória escolar, o estudante é bombardeado pela temida avaliação, que causa medo, temor e pavor. Quando a criança inicia o período escolar, já vai percebendo que os momentos de provas/exames são terríveis, isso ocorre por diversos motivos, entre eles, o discurso dos pais; a postura dos professores, colegas e demais pares; planejamento e formato das avaliações. Mas, esse é o real conceito? Os objetivos da avaliação estão sendo desenvolvidos corretamente? De acordo com inúmeros pesquisadores contemporâneos, a avaliação não deve ser temida, pelo contrário, ela faz parte do processo de aprendizagem. A professora Joana Romanowski ao prefaciar o livro ‘Avaliação “voz da consciência” da aprendizagem’ do professor Ivo Both faz o seguinte relato sobre a missão da avaliação:

Sua missão vai além de indicar o desempenho do ensino e da aprendizagem; ela pode provocar, instigar, desassossegar, tirar do lugar cômodo em que cada um se encontra, avaliação como facilitadora da aprendizagem, por contribuir no desvelamento dos caminhos da aprendizagem, avaliação como estímulo para aprender, avaliação que provoca inserir todos em uma aprendizagem democrática. (2012)

Quanto ao medo que os estudantes apresentam referente a avaliação, destaca-se que é reforçado pelo próprio sistema que mantém modelos antigos nos diversos ambientes, sejam escolares ou não, perpetuando uma visão distorcida dos processos avaliativos. Na escola pode-se destacar a famosa semana de provas, com cadernos guardados, distanciamento entre as carteiras, supervisão dos professores e coordenadores, às vezes dos inspetores também, sem falar na prova oral, na frente de todos os colegas. Esses procedimentos aos poucos vão contaminando a mente de crianças e adolescentes, os quais, ao chegar à fase adulta, apenas replicam o aprendido. No que se refere a esse sistema escolar, que infelizmente ainda é mantido na contemporaneidade, Luckesi (2003, p. 16) relata:

A tradição dos exames escolares, que conhecemos hoje, em nossas escolas, foi sistematizada nos séculos XVI e XVII, com as configurações da atividade pedagógica produzidas pelos padres jesuítas (séc. XVI) e pelo Bispo John Amós Comênio (fim do séc. XVI e primeira metade do século XVII).

O formato avaliativo baseado em um modelo antigo, que valoriza a memorização, proporciona a manutenção desse cenário “do horror”, que amedronta a todos os estudantes e ainda continua sendo desenvolvido, inclusive em avaliações através da educação remota, com professoras enviando provas objetivas, solicitando câmeras abertas e olhar fixo na tela. Destaca-se que esse tipo de avaliação privilegia a aprendizagem mecânica, que não considera os elementos que o aluno já conhece, pelo contrário, apresenta novas informações sem fazer uma ponte com os aprendizados anteriores, proporcionando que o estudante decore os conteúdos para ser aprovado nas avaliações, entretanto, pouco tempo depois já não consegue lembrar-se.

Esse tipo de avaliação corrobora com a aprendizagem? As avaliações que valorizam a memorização são um resquício do modelo implantado pelos jesuítas, em que “a verificação dos resultados se dá através de provas orais ou escritas, nas quais os alunos devem reproduzir exatamente aquilo que lhe foi ensinado” (LUCKESI, 2003, p.16) Esse modelo de avaliação, segundo Moreira ocorre no seguinte ambiente educativo (2011, p. 53):

A escola continua fomentando a aprendizagem mecânica, o modelo clássico em que o professor expõe (no quadro de giz ou com slides *PowerPoint*), o aluno copia (ou recebe eletronicamente os *slides*), memoriza na véspera das provas, nela reproduz conhecimentos memorizados sem significado, ou os aplica mecanicamente a situações conhecidas, e os esquece rapidamente, prossegue predominando na escola, aceito sem questionamento por professores, pais e alunos, fomentados pelos exames de ingresso às universidades e exaltado pelos cursinhos preparatórios. Uma enorme perda de tempo. Os alunos passam anos de sua vida estudando, segundo esse modelo, informações que serão esquecidas rapidamente. Quando chegam à universidade, não tem subsunçores para dar conta das disciplinas básicas, o que foi aprendido mecanicamente e serviu para o exame de ingresso já foi esquecido ou “deletado”.

Para que haja mudança no universo avaliativo, são necessárias alterações na base educacional brasileira, iniciando na formação dos professores, que poderão fomentar mudanças estruturais na educação, tanto nas políticas públicas educacionais como na disseminação de novos conceitos na sociedade. Afinal, vive-se em um período da história em que as tecnologias estão cada vez mais difundidas e avançadas, as pessoas são bombardeadas com informações por todos os lados, a comunicação é global, o acesso a livros, materiais e outros é totalmente facilitado. Entretanto, muitos docentes persistem em um modelo de aprendizagem e avaliativo ultrapassado, com raízes no século XVI.

No contexto brasileiro, pode-se destacar que se tornou culturalmente aceitável ter medo de ser avaliado, cultura implementada ao longo das décadas, imputando às pessoas o receio de passar por qualquer tipo de avaliação, verificação. Entretanto, destaca-se que a cultura apesar de já estar enraizada, pode ser alterada ao longo do tempo, ao ser exposta a outros comportamentos e *inputs* diferentes daqueles que culminaram nas características enraizadas.

Nesse período de pandemia, pode-se observar uma oportunidade para evolução da cultura no que se refere aos processos avaliativos escolares ou não, já que apresentam falhas e lacunas que precisam ser revistas e preenchidas respectivamente. Inclusive, mesmo virtualmente, os professores têm tido a oportunidade de avaliar o aluno de uma forma diferenciada, individualizada, não sendo necessária a aplicação de provas sem consulta, mas uma avaliação a partir da realização de atividades, falas e comportamentos durante a aula, resta saber se docentes e coordenadores pedagógicos conseguem ultrapassar as barreiras implementadas ao longo dos séculos e avançar para uma avaliação que faça parte do processo de aprendizagem.

Entretanto, Luckesi, um estudioso da avaliação (2011, p. 147) descreve que, “a avaliação da aprendizagem não é um ato isolado e separado do ato pedagógico”. Por outro lado, observa-se que essa separação tem se instalado na cultura educacional brasileira e encontrado espaço para perdurar no decorrer das décadas, apesar de inúmeros esforços para a mudança nesse cenário. A própria teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel, traz uma proposta de aprendizagem diferenciada, no entanto, existem muitas barreiras quanto a sua implementação.

Saraiva citada por Both (2017, p.32) explica que “avaliar a aprendizagem do aluno significa, concomitantemente, avaliar o ensino oferecido [assim] se não houver a aprendizagem esperada estamos diante de uma certeza – o ensino não cumpriu sua finalidade – a de fazer aprender”. Isso explica que um resultado negativo não pode trazer tranquilidade ao docente, já que não é apenas o aluno o responsável, mas os diversos atores educacionais. Quanto a isso, Saraiva ainda ressalta que:

Um sistema de ensino comprometido com o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos encontra na avaliação, não um instrumento para aprovar ou reprovar e, sim, uma referência à análise de seus propósitos permitindo-lhes buscar caminhos para que os alunos sejam bem-sucedidos na travessia da passarela da aprendizagem. (SARAIVA apud BOTH, 2017, p. 32).

Ainda, sobre a avaliação da aprendizagem, Luckesi (2011, p. 263), apresenta:

A avaliação da aprendizagem é um recurso pedagógico disponível ao educador para que auxilie o educando na busca de sua autoconstrução e de seu modo de estar na vida mediante aprendizagens bem-sucedidas. Contudo, também subsidia o educador, se necessário, em sua atividade de gestor do ensino, visto que lhe permite reconhecer a eficácia ou ineficácia de seus atos e dos recursos pedagógicos utilizados, assim como, se necessário, subsidia ainda proceder a intervenções de correção dos rumos da atividade e dos seus resultados.

Em meio ao caos estabelecido no mundo, decorrente das complicações estabelecidas pela necessidade de isolamento social para conter a transmissão do vírus COVID-19, as escolas implantaram a educação remota emergencial, sendo necessária uma abordagem direta sobre os processos avaliativos que estão sendo desenvolvidos nesse período, a fim de identificar como as práticas avaliativas têm contribuído para a aprendizagem. Quais os modelos avaliativos que têm sido aplicados pelos docentes e os princípios utilizados?

A professora Jussara Hoffmann no livro Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista, defende que “a avaliação deixe de ser o momento terminal

do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento”. (1995, p. 21)

Já para Luckesi (2002, p. 81), a avaliação:

deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos.

A avaliação é entendida como um julgamento de valor sobre dados relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão. Os dados relevantes se referem às várias manifestações das situações didáticas, nas quais professor e aluno estão empenhados em atingir os objetivos de aprendizagem. O julgamento de valor sobre esses dados, através da análise dos instrumentos de verificação da aprendizagem como provas, exercícios, respostas dos alunos, realização de atividades etc., permite uma tomada de decisão para o que deve ser feito em seguida. (LUCKESI, 2005)

Por outro lado, espera-se que a avaliação seja um processo que contribua para a aprendizagem. Inclusive, Both (2017, p.35) afirma que “perceber as reações do estudante, a melhoria do seu desempenho, bem como suas dificuldades com relação à aprendizagem, requer trabalho permanente e, de preferência, proximidade na relação entre professor e aluno”. Ele ainda destaca que, “um processo avaliativo representa para o docente e para o aluno, na mesma proporção, uma oportunidade ímpar de obtenção de elementos para reflexão sobre a prática pedagógica docente e sobre a construção da aprendizagem” (p.37). Assim, o acompanhamento deve ocorrer durante todo o ano letivo e a medida que o professor vai conhecendo melhor o estudante conseguirá captar de forma mais eficaz os pontos fortes e fracos, o que possibilitará que o docente intensifique determinados conteúdos.



## 5.1 Exame ou avaliação

Luckesi constatou que “a escola pratica mais exames que avaliação”, inclusive inicia o capítulo II do seu livro Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico relatando o seguinte: “este capítulo tem por objetivo trazer à consciência uma conduta que se tornou habitual em nosso dia a dia escolar - confundir os atos de examinar com os de avaliar a aprendizagem como se fossem equivalentes ”. (2011, p. 179).

Nos últimos 70 anos fomos transitando do uso da expressão examinar a aprendizagem para o uso de avaliar a aprendizagem dos estudantes, porém, na prática, continuamos a realizar exames - ou seja, mudamos a denominação sem mudar a prática. Então, nos dias atuais, em nossas escolas, efetivamente anunciamos uma coisa - avaliação - e fazemos outra - exame - o que revela um equívoco tanto no entendimento quanto na prática. Esses atos verdadeiramente têm em comum apenas o primeiro passo, que é a exigência da descritiva da realidade do desempenho do educando; no mais, são essencialmente distintos. (LUCKESI, 2011, p. 180)

No que se refere ao significado da palavra, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), exame é “teste, prova ”, já avaliação é “ apreciação da competência de um profissional, do progresso de um aluno etc. ”. As diferenças são significativas, já que o exame proporcionará a indicação de aprovado ou reprovado, já uma avaliação indica o progresso, em que nível o estudante encontra-se, quais conteúdos já assimilou e aqueles que ainda precisam ser trabalhados para que o processo de aprendizagem ocorra efetivamente.

Cabe destacar as principais diferenças entre exame e avaliação, as quais segundo Luckesi (2011, p. 181 - 201) são as seguintes:

Quanto à temporalidade, os exames estão voltados para o passado e a avaliação para o futuro. [...] Quanto à busca de solução, os exames permanecem aprisionados no problema e a avaliação volta-se para a solução. [...] Quanto à expectativa dos resultados, os exames estão centrados com exclusividade no produto final e a avaliação, no processo e no produto, ao mesmo tempo. [...] Quanto à abrangência das variáveis consideradas, os exames simplificam a realidade, enquanto a avaliação tem presente a complexidade. [...] Quanto à abrangência do tempo em que o educando pode manifestar o seu desempenho, os exames são pontuais e a avaliação é não pontual. [...] Quanto à função, os exames são classificatórios e a avaliação é diagnóstica. [...] Quanto às consequências das funções de classificar e diagnosticar, os exames são seletivos e a avaliação é conclusiva. [...] Quanto à participação na aprendizagem, politicamente, os exames nas salas de aulas são antidemocráticos e a avaliação é democrática. [...] Quanto ao ato pedagógico, os exames são autoritários e a avaliação dialógica.

Concernente a temporalidade, Luckesi relata que os exames estão voltados para o passado, diferentemente da avaliação que tem o foco no futuro. Isso refere-se ao fato de que ao aplicar um exame procura-se identificar o que ele já aprendeu, isso independe do que ele ainda precisa ou irá aprender, já que o objetivo do exame é classificar o estudante a partir dos resultados imediatos. Esta variável demonstra que o aluno é premiado ou punido em decorrência do que aprendeu, independente das possibilidades futuras. “Com base nesse dado, o estudante será classificado, de forma quase inapelável” (2011, p. 182).

Entretanto, a avaliação tem como base a investigação dos aprendizados recebidos para projetar o futuro, pois trata-se de um processo continuado, com vistas para definir os passos seguintes. Inclusive, pode-se destacar que a partir da avaliação, o professor tem um retrato da situação, portanto, poderá analisar as possíveis causas de resultados considerados insatisfatórios, que segundo Luckesi podem ser: “disfunção emocional do educando, carência de pré-requisitos, qualidade das atividades docentes, assim como do material didático utilizado, sem esquecer fatores como as condições físicas e administrativas da escola em que o educando está matriculado”. (2011, p. 182)

Acerca da variável busca de soluções, destaca-se que está atrelada com a questão da temporalidade, pois devido o exame estar focado no passado, as soluções tornam-se inviáveis. “permanece a aparência de que não existe solução possível para os impasses: ‘os educandos apresentam dificuldades de aprender’, ‘por mais que se faça, os resultados são insatisfatórios’, ‘o fracasso escolar é uma certeza’” (LUCKESI, 2011, p. 184). Essa fala é no mínimo desanimadora, afinal, se a reprovação é certa, os resultados sempre serão insatisfatórios, qual o sentido de o docente desenvolver novas possibilidades de aprendizagem? Ainda, quando as situações inadequadas são reforçadas, torna-se muito mais difícil a busca de soluções. Tanto que Luckesi afirma que “com a filosofia oculta sob essas expressões, não poderemos, de forma alguma, investir na melhoria da aprendizagem” (p. 185).

Já a avaliação, com foco no futuro, apresenta-se como vetor para melhoria da aprendizagem e busca de soluções, inclusive, a avaliação existe para promover mudanças nos cenários apresentados como inadequados, insatisfatórios. Mostra a necessidade de soluções, não deve ser aplicada apenas para identificar um

resultado, mas como entrada para a tomada de ações corretivas, seja em relação às dificuldades do educando ou do educador, entre outras, pois “a função central do ato de avaliar é subsidiar soluções para os impasses diagnosticados, a fim de chegar de modo satisfatório aos resultados desejados”. (LUCKESI, 2011, p. 186)

Quanto à expectativa dos resultados, o foco do exame é o resultado final, aprovado ou reprovado, sem considerar o processo, diferentemente da avaliação que tem na sua essência a característica da continuidade, progressão. O exame limita significativamente a aprendizagem, porque tem como objetivo o resultado de uma prova final, independente de todas as ações, atividades realizadas pelo estudante no decorrer do módulo, bimestre, entre outros. De acordo com Luckesi essa questão é validada em uma situação de fraude em um exame, já que se a situação não identificada, “as respostas são assumidas como certas, pois se olha somente para o produto”. (2011, p. 187).

Diferentemente dos exames, o ponto central da avaliação está na aprendizagem, assim, foca em identificar os resultados ao longo do processo e, claro, com a percepção de que ao final do período será necessário definir um parecer final, mas que foi sendo construído ao longo dos encontros, do ano letivo ou semestre. “A avaliação, na modalidade de acompanhamento, trabalha com resultados intermediários e sucessivos, tendo em vista o resultado mais abrangente da ação que, em dado momento, será considerado como final” (LUCKESI, 2011, p. 188).

No que diz respeito à abrangência das variáveis consideradas, os exames simplificam a realidade do processo avaliativo, já que têm a tendência de atribuir especialmente ao estudante a responsabilidade pelos resultados, independente se positivos ou negativos, que é uma realidade peculiar aos concursos, exames de seleção, no entanto, no ambiente escolar, essa prática é indevida, pois são diversos os fatores e os atores que fazem parte do processo de aprendizagem. Luckesi ainda afirma que “o ato de examinar quando utilizado no contexto da aprendizagem na escola, toma o educador e o educando como se fossem sujeitos existentes num vácuo de relações” (2011, p. 189). Entretanto, docentes e discentes têm relações no ambiente escolar que contribuem positiva ou negativamente para o resultado do processo, não é possível dissociar a responsabilidade do educador.

Referente a avaliação da aprendizagem, apresenta-se como um ato complexo da realidade, afinal é voltado para a melhoria do desempenho do educando e considera as diversas variáveis que podem intervir nos resultados das avaliações. Luckesi (2011, p. 191) relata que “educador e educando são seres constituídos pela complexidade e deste modo devem ser encarados nos processos avaliativos. Simplificar essa complexidade significa não dar atenção ao ser humano que está vivendo e atuando;”.

Essa temática é muito importante, porque o foco do professor deve estar em buscar os melhores resultados para o estudante, assim, ele programa diversas formas de avaliar, a fim de extrair o melhor, além de considerar que a avaliação deve ser continuada, ou seja, acontecer em conjunto com a aprendizagem. Haja vista que de acordo com Both (2017, p. 136), “a aprendizagem ocorre tanto mais significativamente quanto maior for a interação entre o ato de ensinar e o de avaliar. Assim, avaliar a aprendizagem do aluno significa, concomitantemente, avaliar o ensino oferecido”. Apenas realizar uma verificação através de um exame não contribui para o processo de aprendizagem.

Não se avalia o aluno para saber se ‘ele aprendeu’, além dos conhecimentos construídos a partir das informações transmitidas pelo professor ou buscadas por ele próprio, adquiriu as competências, as capacidades e as habilidades essenciais para sua participação efetiva na sociedade, que deveriam ser desenvolvidas pela escola, diante de sua responsabilidade de formar integralmente os alunos, para que eles possam viver o hoje e preparar-se para o amanhã. (BOTH, 2017, p.136)

Na contramão da proposta de uma avaliação como fator de aprendizagem apresentam-se os exames, que são pontuais, diferentemente da avaliação, que conforme já foi citado é um processo que considera as ações ocorridas antes e depois. Essa questão é muito relevante, já que no exame, é considerado apenas o resultado alcançado naquele momento, sem considerar os momentos anteriores ou posteriores a sua aplicação, desconsiderando qualquer problema que possa ocorrer no dia, seja de saúde física, emocional ou outros. Já a avaliação, não se vincula somente ao presente, mas considera outras variáveis. “Tem um compromisso com o passado (como vinha ocorrendo o desempenho?), com o presente (o que está ocorrendo agora, como resultado de um passado?) e com o futuro (o que poderá ocorrer amanhã ou depois, a partir de possíveis intervenções nessa situação?)”. (LUCKESI, 2011, p.195)

Outra variável é a função, já que exames são classificatórios, ou seja, o exame serve para identificar uma aprovação/reprovação, uma nota, que pode estar abaixo ou acima da média especificada. Com isso, necessariamente, de acordo com Luckesi (2011, p.196), “inclui alguns - os aprovados - e exclui outros - os reprovados”. Já a avaliação tem como característica ser diagnóstica, portanto, não deve ser classificatória, ao professor não cabe o objetivo de classificar os alunos, mas identificar a qualidade do processo de aprendizagem e quando necessário intervir.

Toda avaliação pelo próprio fato de ser avaliação, deve ser diagnóstica. Trata-se de característica constitutiva sua. Contudo, mesmo sabendo disso, temos insistido no uso dessa adjetivação a fim de chamar a atenção para a necessidade efetiva da diferenciação entre os atos de avaliar e examinar, uma vez que, em si, o ato de avaliar é diagnóstico e o de examinar é classificatório. (LUCKESI, 2011, p.197)

Referente às consequências das funções de classificar e diagnosticar, ressalta-se que os exames são seletivos, pois aprovam alguns e reprovam outros. O grande problema é quando são parte do cotidiano da escola, porque nesse caso, excluem alguns. “Por serem classificatórios, implicam a seletividade, o que é natural numa situação de concurso; porém, na sala de aula, a seletividade é grave, pois atinge as raias da exclusão” (LUCKESI, 2011, p. 198). Inclusive, este é um cenário comum na comunidade escolar, estudantes que são excluídos por apresentarem dificuldades de aprendizagem e assim, reprovam, sendo cada vez mais excluídos, até a desistência da vida escolar.

Por outro lado, a avaliação é inclusiva, o que segundo Luckesi (2011, p.199), “implica na concepção de que ninguém pode ou deve permanecer sem aprender. O ato de avaliar ‘traz para dentro’. Caso o estudante manifeste não ter aprendido, é convidado a ‘entrar na aprendizagem’ e é auxiliado para que ela ocorra”. Entretanto, essa não é a realidade de forma geral no ambiente escolar, pelo contrário, percebe-se a aplicação de exames seletivos e classificatórios. Afinal, se o ato de avaliar fosse implementado corretamente, os educandos com dificuldades de aprendizagem seriam acolhidos, sendo oferecido o suporte necessário. Ainda, de acordo com Luckesi (2011, p. 199), “para incluir em educação, o educador deve ir até onde o educando está em suas dificuldades, a fim de então, caminhar com ele rumo a uma solução possível. Não basta julgá-lo de fora; importa, com ele, descobrir a defasagem e encontrar a solução”.

No que concerne à participação na aprendizagem, politicamente, os exames realizados em sala de aula são antidemocráticos, pois excluem parte dos estudantes que não alcançam a aprendizagem considerada necessária. E isso vai de encontro a condição democrática da escola, que tem como premissa, dar o melhor atendimento, sem diferenciação, a todos os estudantes, proporcionando meios de acesso à aprendizagem. Assim, “não pode admitir o uso dos exames no seu espaço, à medida que eles, quando aí praticados, contradizem essa condição sendo seletivos e, por conseguinte, excludentes” (LUCKESI, 2011, p. 200). Em contrapartida, a avaliação, por ter um caráter de inclusão, é democrática. Destaca-se nesse contexto que a ação pedagógica tem como objetivo que todos os estudantes tenham êxito no processo de aprendizagem, sem exclusão. Assim, a aplicação de exames deve ser banida da sala de aula, deixando lugar para a prática da avaliação em sua essência, com enfoque na aprendizagem dos educandos.

Sobre o ato pedagógico, os exames são autoritários, isso ocorre porque a partir do exame, o professor pode aprovar ou reprovar o estudante, aliás, já é utilizado com esse propósito. Nesse sentido, no ambiente escolar é possível identificar docentes preparando exames com intenções indevidas, muitas vezes para prejudicar, punir o discente, aproveitando-se da sua posição de professor. Inclusive, Luckesi relata (2011, p. 202):

a vida pessoal de cada um de nós, quando estudantes regulares na escola, foi marcada por muitas experiências autoritárias em provas que se fixaram em nossa história psicológica, tais como: ressentimentos por atos injustos nos processos examinativos; notas baixas não merecidas; provas com conteúdos além e/ou diferentes dos ensinados; questões elaboradas com ambiguidades; armadilhas para surpreender os ‘incautos’; utilização de questões com base em conteúdos secundários em termos de seus significados, só para ver se os alunos estudaram.

Essas são práticas ocorreram com muita frequência no ambiente escolar do século XX, porém, infelizmente, se mantiveram no século XXI, inclusive, atualmente, durante a pandemia, com a implementação da educação remota Emergencial - ERE, ainda é possível identificar situações semelhantes. De acordo com Luckesi (2011, p. 205), “estamos operando ainda, predominantemente, com o desempenho final, a pontualidade na manifestação do desempenho, a classificação do educando em uma escala, a exclusão temporária (ou definitiva) dos que não atingem o desempenho esperado”. Essa prática, afasta a possibilidade da aplicação efetiva da avaliação no

ambiente escolar, dificultando avanços necessários para o melhor desempenho tanto da prática docente quanto discente.

## 5.2 Avaliação diagnóstica, formativa e somativa

Existem diversas nomenclaturas para os tipos de avaliação, no entanto, nesta pesquisa, além das diferenças entre exame e avaliação, considerou-se importante apresentar a divisão entre avaliação diagnóstica, formativa e somativa, que apresentam os seguintes conceitos.

De acordo com Luckesi (2005, p. 81), para ser diagnóstica:

A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem.

Ainda, sobre o que significa diagnosticar, Luckesi (2011, p. 197) relata que “significa retratar alguma coisa através dos dados empíricos que a constituem, isto é, a avaliação constata a qualidade da realidade, tendo por base os seus dados, o que, de forma alguma, implica em sua classificação.

Quanto à avaliação formativa, Sant’Anna (1995, p. 34) afirma que “ela é chamada de formativa no sentido que indica como os alunos estão se modificando em direção aos objetivos”. Nesse contexto, destaca-se que “avaliar não é o centro do processo de desenvolvimento, mas o aprender, o crescer e o evoluir como pessoa”. (COQUI e SANTOS, 2021, p. 45)

De acordo com Sant’Anna (1995), para que se processe a avaliação formativa alguns pontos devem ser observados:

- Seleção dos objetivos e conteúdos distribuídos em pequenas unidades de aprendizagem.
- O aluno deverá conhecer os objetivos para que se engaje no processo.
- Formulação de objetivos com vista à avaliação em termos de comportamento observáveis, estabelecendo critérios de tempo, qualidade e quantidade.

- Elaboração de um quadro ou um esquema teórico que permita a identificação das áreas de maiores dificuldades.
- Correção de erros e insuficiências para reforço de comportamentos bem-sucedidos e eliminação de desacertos, assegurando o bom andamento da aprendizagem.
- Seleção adequada de alternativas terapêuticas para ajudar o aluno a se recuperar de alguma insuficiência no processo de aprendizagem.

Com relação à avaliação formativa, Hadji (2001, p. 19) sustenta que:

sua função principal é a de contribuir para uma boa regulação da atividade de ensino . Trata-se, portanto, de levantar informações úteis à regulação do processo de aprendizagem. Todavia, ele nos lembra: uma avaliação não precisa conformar-se a nenhum padrão metodológico para ser formativa.

Acerca da função formativa da avaliação, Perrenoud (1993, p. 173) defende que:

ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar. A ideia base é bastante simples: a aprendizagem nunca é linear, procede por ensaios, por tentativas e erros, hipóteses, recuos e avanços: um indivíduo aprenderá melhor se o seu meio envolvente for capaz de lhe dar respostas e regulações sob diversas formas.

A avaliação somativa, aparentemente, é a mais encontrada no sistema educacional brasileiro, privilegiando o alcance de notas, que demonstram se o aluno atingiu ou não a média, portanto aprovado ou reprovado. Tem o objetivo de classificar o estudante ao final de um módulo, bimestre, trimestre, semestre ou ano letivo. Segundo Zabala (1998, p. 200-201):

esta avaliação somativa ou integradora é entendida como um informe global do processo que, a partir do conhecimento inicial , manifesta a trajetória seguida pelo aluno, as medidas específicas que foram tomadas, o resultado final de todo o processo e, especialmente, a partir deste conhecimento, as previsões sobre o que é necessário continuar fazendo ou o que é necessário fazer de novo.

O sistema educacional vigente apresenta requisitos quanto a aprovação ou reprovação dos estudantes que devem ser contabilizados através de notas, número de faltas e outros. Para atender a esses requisitos, professores estabelecem avaliações que irão possibilitar o levantamento de notas para cada estudante, atribuindo-lhe um determinado status. Essas avaliações, em sua maioria, têm apenas esse objetivo somativo. Nesse sentido, Gatti (2003, p. 110) afirma:

É preciso ter presente, também, que medir é diferente de avaliar. Ao medirmos um fenômeno por intermédio de uma escala, de provas, de testes,



de instrumentos calibrados ou por uma classificação ou categorização, apenas estamos levantando dados sobre uma grandeza do fenômeno. (...) Mas, a partir das medidas, para termos uma avaliação é preciso que se construa o significado dessas grandezas em relação ao que está sendo analisado quando considerado com um todo, em suas relações com outros fenômenos, suas características historicamente consideradas, o contexto de sua manifestação, dentro dos objetivos e metas definidos para o processo de avaliação, considerando os valores sociais envolvidos.

Além dos requisitos estabelecidos, também se ressalta a postura de muitos docentes que não conseguem inovar e trazer a avaliação como parte do processo de aprendizagem, mas mantêm-nas como o final do processo. Segundo COQUI e SANTOS (2021, p. 45):

muitos profissionais estão aprisionados nesse modelo de avaliação tradicional e ultrapassado e cometem os mesmos erros do passado ao avaliar os alunos, mesmo com uma infinidade de inovações pedagógicas, parece que avaliar apenas para ter uma nota no final de uma etapa letiva é muito mais fácil. Porém, o momento instaurado na sociedade diante da crise na saúde pública causada pelo contágio do coronavírus e a necessidade de afastamento social e, por conseguinte, o novo modelo de aulas remotas deixou o processo avaliativo muito mais desafiador.

A função somativa da avaliação é a que menos se encaixa nesse momento de pandemia, afinal, como o professor consegue verificar se o aluno alcançou os objetivos de aprendizagem, se nem ao menos conseguiram desenvolver as competências mínimas para o ano escolar. Inicialmente, previa-se uma retomada dos conteúdos no início de 2021, mas já se percebeu que não existe previsão de retomada presencial em 2021, mantendo a educação híbrida até o final do ano.

É possível unir as funções da avaliação? Uma mesma avaliação pode ser formativa e somativa? Segundo Both (2012, p. 30-31): “O aspecto processual, também denominado formativo, encontra-se presente na vida acadêmica ou escolar ao longo de todo o transcurso de formação. O aspecto somativo, por sua vez, representa o desempenho do estudante de forma pontual, no qual os resultados são demonstrados numericamente”.

Prosseguindo com o professor Ivo José Both (2012, p. 31):

Ainda que os aspectos processuais (formativo) e somativo conservem características individuais, estes não se apresentam, todavia, como elementos antagônicos na ação avaliativa. Portam-se na verdade, como elementos de avaliação complementares. O aspecto somativo da avaliação pode igualmente converter-se em aspecto formativo ou processual, na medida em que os diversos valores numéricos que representam desempenho acadêmico ou escolar são analisados criteriosamente com esse foco.

Inclusive, Romanowski e Wachowicz citadas por Both (2012, p. 31) no que se refere a avaliação formativa e somativa afirmam:

A avaliação da aprendizagem adota duas modalidades, a formativa e a somativa. A avaliação formativa é a que procura acompanhar o desempenho do aluno no decorrer do processo de aprender e a somativa é a realizada no final desse processo e visa indicar os resultados obtidos para definir a continuidade dos estudos, isto é, indica se o aluno foi ou não aprovado.

Mediante ao exposto acima, percebe-se que avaliação formativa e somativa devem fazer parte de um processo avaliativo, e, no caso da somativa, com o objetivo de identificar a aprovação ou não, que é um requisito da legislação educacional brasileira, todavia, não pode ser o único tipo de avaliação aplicado, pois perde todo o foco de aprendizagem que a avaliação deve apresentar.

Nesse sentido, é possível desenvolver um planejamento que inclua a avaliação como parte do processo de aprendizagem, além de cumprir a função somativa, que é um dos requisitos.

O processo avaliativo tem-se apresentado como o grande desafio da educação, demonstrando a fragilidade do sistema de ensino e suas consequências que refletem na reprovação e evasão escolar. Essa prática é uma das molas mestras de uma educação de qualidade, não como instrumento de poder, repressão, punição ou condutor para o fracasso escolar, mas como mecanismo para medir a eficiência da prática do próprio professor. (COQUI e SANTOS, 2021, p. 43)

O fato da avaliação ser uma entrada de informações tanto para discentes como para docentes, a torna ainda mais especial e necessária, já que por meio dela é possível identificar a eficácia da prática docente e os pontos que precisam ser trabalhados para que o estudante alcance o aprendizado necessário. Both (2017, p.36), ressalta que o “trinômio aprendizagem-avaliação permite ao aluno reconhecer seu papel, tanto na família quanto na sociedade, como ser cooperador, criativo, participativo e corresponsável pela gradual elevação da qualidade de vida”.

Nesse sentido destaca-se que “a avaliação da aprendizagem não é e nem pode continuar sendo a prática pedagógica tirana que ameaça e submete a todos com poder discriminatório”. (LUCKESI, 2011, p. 263-264). Pelo contrário, é preciso avançar para uma avaliação inclusiva, democrática, não autoritária, diferentemente dos exames, que tiveram sua raiz em uma tradição escolar que privilegiava o castigo, a punição.

Herdamos essa crença e ela se encontra incrustada em todos os nossos poros e entranhas. Wilhelm Reich, um psiquiatra alemão, da primeira

metade do século XX, diz que nós, educadores, temos a ‘compulsão de educar’ e essa crença inconsciente nos conduz a forçar o educando a ser como desejamos que ele seja; para tanto, usamos o recurso do castigo, em suas mais amplas e variadas possibilidades, o qual, na escola, pode ir desde a simples ameaça verbal até algumas práticas restritivas ou mesmo punitivas. (LUCKESI, 2011, p. 208)

Nesse afã de educar, muitos educadores ainda utilizam a avaliação com autoritarismo, de forma antidemocrática. O avanço é lento, a própria legislação educacional brasileira só apresentou o termo avaliação no ano de 1996 com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, já que a anterior apresentava o conceito de sistema de exames. Entretanto, é fundamental a mudança dessa mentalidade retrógrada, a fim de estabelecer um sistema educacional que priorize a aprendizagem e a avaliação como componente do ato pedagógico.

Vale ressaltar que foi realizada uma pesquisa para elaboração de uma revisão sistemática de literatura acerca do tema ‘Avaliação Educativa na educação básica durante a pandemia e pós-pandemia’ referente aos anos de 2020 e 2021, conforme quadro 1 - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - Avaliação, Educação e Pandemia - 7 resultados.

Quadro 1: Lista de teses/dissertações BDTD: Avaliação, Educação e Pandemia

Data	Título da tese/dissertação	Autor(es)	Inclusão	Exclusão
2020	Estudo de caso do projeto de educação ambiental escola de vida [recurso eletrônico]: percepção ambiental dos professores, interdisciplinaridade, eficácia e efetividade nas metodologias adotadas	Lélio Costa e Silva		X
2021	Proposta de uma sequência didática auto instrucional sobre educação financeira para uso escolar ou cotidiano	Valdir Roberto Nicoletti		X
2021	Entrelaçando vozes e embalando experiências: as percepções dos professores sobre a organização dos espaços para a promoção do protagonismo infantil	Digilaini Machado dos Santos		X
2020	Reuniões pedagógicas como espaço de formação continuada em serviço: estudo de caso da Escola Estadual Monte Sinai/Esmeraldas - MG	Adriana Pedrosa de Souza Silva		X
2021	A jornada dos híbridos: acompanhamento dos percursos de aprendizagem em movimento no contexto da Internet das Coisas	Claudio Cleverson de Lima		X
2020	Programa de intervenção online com professores para prevenção e enfrentamento do bullying escolar	Cláudia Santos da Rocha		X
2021	Gestão de recursos e logística em home care: a operacionalização dos insumos sob a ótica de gestores de empresas privadas do ramo	Renato Fogaça		X

Fonte: Batista e Wunsch (2021).

Periódicos da CAPES - Avaliação, Educação e Pandemia - 212 resultados, sendo escolhidos os primeiros 10 artigos por ordem de relevância, conforme quadro 2:

Quadro 2: – Lista de artigos CAPES: Avaliação, Educação e Pandemia

Data	Título do artigo	Autor(es)	Inclusão	Exclusão
2021	Avaliação em tempos de pandemia: oportunidade de recriar a escola	Cláudia Oliveira Pimenta, Sandra Zákia Sousa	X	
2021	Metodologias de Ensino-Aprendizagem em instituição hospitalar: avaliação e propostas em cenário de pandemia	Milena Fernandes Lima, Estela Mara Moraes Teixeira, Paulo Roxo Barja		X
2020	Dossiê Avaliação da Aprendizagem na Educação Superior	Joe Garcia		X
2021	Estratégias de ensino remoto durante a pandemia de COVID-19	Robson Lima Arruda, Robéria Nádia Araújo Nascimento	X	
2020	Avaliação na Educação Superior: limites e possibilidades de uma experiência	Marcos Villela Pereira, Sônia Maria de Souza Bonelli, Rosane Oliveira Duarte Zimmer, Sítia Lúcia Faé Ebert		X
2021	Amamentação e cuidados ao bebê durante a pandemia da COVID-19: como recursos multimídias podem ajudar	Cassia Patricia Barroso Perry, Ana Cristina Barros da Cunha, Karolina Alves de Albuquerque, Paula Caroline de Moura Burgarelli, Marina Batella Martins, Marina Vilaça Cavallari Machado		X
2020	Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspectivas dos docentes portugueses	Hugo Miguel Ramos dos Santos		X
2021	Educação Remota em Tempos de Pandemia: reflexões no contexto acadêmico	Valdes Roberto Bollela, Igor Studart Medeiros, Simone Telles		X
2020	Impactos da pandemia de COVID-19 nas práticas de avaliação da aprendizagem na graduação	Joe Garcia, Nicolas Fish Garcia		X
2021	Ensino em tempos de pandemia: um novo cenário, com (não tão) novas necessidades	Leila Miyuki Saito, Marcelo Cristiano	X	

Fonte: Batista e Wunsch (2021).

O artigo ‘Avaliação em tempos de pandemia: oportunidade de recriar a escola’ foi elaborado com o objetivo de apresentar possíveis percursos a serem percorridos no retorno às atividades presenciais, especialmente os relacionados à avaliação e currículo. Ainda, um dos propósitos deste artigo refere-se à sistematização de

contribuições resultantes de diversos estudos, os quais segundo as autoras Cláudia Oliveira Pimenta e Sandra Zákia Sousa tratam-se de “relatórios de pesquisa, que procuraram caracterizar propostas que foram delineadas na perspectiva de dar continuidade ao trabalho escolar em que se incluem os processos avaliativos ”. (2021, p.4). Dessa forma, trata-se de um texto com riquíssimas contribuições para o tema desta pesquisa. Acerca da avaliação a aprendizagem, as autoras ressaltaram o seguinte:

Sobre os processos de avaliação da aprendizagem, os resultados das investigações indicam: preocupações acerca de como avaliar a aprendizagem dos estudantes no referido contexto; percepções de que os processos avaliativos precisam ser readequados; necessidade de planejamento para a realização de avaliações diagnósticas, especialmente no retorno presencial, além de recomendações quanto à importância de realização de processos formativos sobre avaliação para os professores. (2021, p.14).

Ainda, as autoras fizeram um levantamento dos artigos acadêmicos sobre avaliação educacional no cenário pandêmico, com perspectivas para o período pós-pandêmico, ou seja, pistas que facilitem a compreensão das ações desenvolvidas na educação remota emergencial. A partir das análises realizadas, no que se refere a avaliação, destacaram:

Quanto à avaliação, a tendência revelada reitera um sentido há muito presente na escola, que se pauta na ideia da “ avaliação como medida de conhecimento, com fins classificatórios” (SOUSA, 2010, p. 107). Inúmeros estudos e pesquisas, conduzidos de norte a sul do país, possibilitam a compreensão dos princípios e finalidades que têm norteado a vivência da avaliação no contexto escolar, revelando a sua natureza essencialmente seletiva e autoritária. (2021, p.19)

Os autores Robson Lima Arruda e Robéria Nádia Araújo apresentaram um estudo de caso no artigo denominado ‘Estratégias de ensino remoto durante a pandemia de COVID-19: um estudo de caso no 5º ano do Ensino Fundamental’. O texto apresenta os resultados de uma análise das estratégias utilizadas na educação remota da turma citada, evidenciando aspectos do ensino, da avaliação e da formação remota. Um dos pontos que Arruda e Araújo destacaram refere-se à oportunidade de mudanças no sistema educacional, ao abordarem que o período pandêmico possibilitou que as práticas pedagógicas sejam revistas, “não apenas pela necessidade de repensar o uso das tecnologias, mas pela forma com que frequentemente as aulas são centradas na transmissão de conteúdos e na concepção cognitivista de indivíduo”. (2021, p.40)

Eles apresentaram o projeto utilizado pela escola para o desenvolvimento das aulas, o projeto É DE CASA, no qual foram definidas diversas ações para manter o contato e o vínculo entre professor e aluno. Para tanto, são realizados registros diários do planejamento da aula, e registro de frequência dos alunos em uma lista com legenda para identificar a situação de cada estudante, conforme segue:

vermelho para alunos não alcançados, amarelo para alunos atendidos apenas por ligação telefônica, verde claro para alunos alcançados por meio de aparelho celular com acesso à internet e verde escuro para alunos que apenas enviaram a atividade respondida via whatsapp ou impresso sem interagir com o professor. (2021, p.43)

No que tange especificamente à avaliação na turma pesquisada, eles destacaram que existe relação entre o desempenho dos alunos e o engajamento dos pais:

Ao analisarmos as fichas de Avaliação Geral de Desempenho Mensal, observamos que há uma relação entre o baixo desempenho de alguns alunos com o fato de não terem quem os ajude nas atividades em casa. Mais especificamente, são os 20% que permanecem sem apoio em casa durante a maior parte do tempo. Da mesma forma, pode-se observar que os alunos com melhor desempenho são aqueles em que a família participa ativamente do processo. Em alguns casos, alguns alunos conseguem bom desempenho, mesmo sem a participação direta da família, porém estes são casos em que os alunos já possuem certa autonomia e algumas habilidades essenciais já consolidadas. (2021, p.46)

Essa análise é importante para a tomada de ações no pós-pandemia, quando ações remotas poderão ser implantadas a partir de um planejamento, não de forma compulsória, ou seja, todos os estudantes apresentam um perfil adequado para estudar de forma remota ou híbrida?

No artigo ‘Ensino em tempos de pandemia: um novo cenário, com (não tão) novas necessidades’, os autores Leila Miyuki Saito e Marcelo Cristiano Acri abordam a temática do ensino remoto emergencial e as necessidades de formação dos docentes, no que se refere ao letramento digital e o letramento em avaliação, sendo que este último está relacionado ao tema deste capítulo. Com a obrigatoriedade da Educação Remota Emergencial, tornou-se fundamental o uso as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar, assim, a partir disso os autores defendem que “é importante que ressignifiquemos o papel que as TDIC têm, sobretudo, na avaliação da aprendizagem do aluno no ensino remoto durante e pós-pandemia” (2021, p.143).

Assim, ao longo do texto aborda-se a importância da avaliação e os seus desdobramentos, inclusive Saito e Acri citam que “o nível de letramento em avaliação

no Brasil está longe de ser considerado satisfatório ‘quando consideramos os diversos papéis que a avaliação desempenha na sociedade e as demandas diferenciadas em cada uma dessas atuações’ (2021, p.143). Ainda, os autores apresentam um conceito de letramento em avaliação, o qual é primordial para os professores durante e pós-pandemia, o que poderia mudar o rumo da avaliação educativa em nosso país. Segundo Fulcher (2012, p. 125) citado por Saito e Acri (2021, p. 149):

Conhecimentos, habilidades e capacidades exigidos para que seja possível elaborar e realizar avaliações na sala de aula ou em uma escala mais abrangente, assim como a compreensão mais profunda de processos de avaliação, seus princípios e conceitos, incluindo questões éticas e procedimentais. Além disso, esse letramento também envolve o conhecimento histórico, social, político e filosófico de práticas avaliativas, compreendendo sua evolução e impactos sociais, institucionais e individuais.

## 6 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: COMO ENTENDÊ-LA?

Para análise da aprendizagem ocorrida como parte do processo de avaliação educativa, será utilizado o conceito de 'Aprendizagem Significativa' de David Ausubel, que pode ser considerada como uma das formas mais adequadas para fomentar uma avaliação que faça parte do ato pedagógico, contribuindo para a aquisição de significados. Ao longo de suas pesquisas, Ausubel afirmou que a aprendizagem significativa envolve a aquisição de novos significados e estes, por sua vez, são produtos da aprendizagem significativa (AUSUBEL, 2003). Como a avaliação pode contribuir para um processo de aquisição de significados, conhecimentos? Essa é uma das questões que se pretende responder neste capítulo. Quanto ao surgimento da teoria, de acordo com Borges e Cunico (2020, p.280):

Essa teoria surgiu numa época em que o estudante era um mero espectador e o professor dono do conhecimento e por isso provocou algumas discussões contrárias. Com o passar dos anos e com o desenvolvimento das novas tecnologias, que foram somados no processo educacional, essa teoria vem ganhando força e se tornando essencial no processo de ensino aprendizagem.

Para entender a teoria de Ausubel é importante identificar os tipos gerais de aprendizagem, divididos em Aprendizagem Cognitiva, Afetiva e Psicomotora. A aprendizagem cognitiva resulta no armazenamento organizado de informações na mente do aprendiz, e esse complexo organizado é conhecido como estrutura cognitiva, ou seja, quando alguém está aprendendo um determinado conceito, ideia, essa informação é armazenada e organizada na sua mente, esse processo de organização, armazenamento, é chamado de aprendizagem cognitiva. Quanto à aprendizagem afetiva, resulta de sinais internos do indivíduo, como prazer e dor, satisfação ou descontentamento, alegria, ansiedade, ou seja, algumas dessas experiências afetivas sempre acompanham as experiências cognitivas, portanto a aprendizagem afetiva é concomitante com a cognitiva. E a aprendizagem psicomotora, que envolve respostas musculares adquiridas mediante treino e prática. O Ausubel vai enfatizar primordialmente a aprendizagem cognitiva (PINHEIRO, 2017).

De acordo com Ausubel, a estrutura cognitiva é o conteúdo total e organizado de ideias de um determinado indivíduo, ou seja, tudo o que já aprendeu, a soma de



informações, ideias, conceitos, proposições, enfim, todas as informações são organizadas, seguindo uma hierarquia de conceitos gerais para mais específicos, ou seja, a soma total e organizada de ideias de uma determinada pessoa. É possível remeter esse conceito para o contexto da aprendizagem de certos assuntos, em que a estrutura cognitiva refere-se ao conteúdo e organização das ideias naquela área particular de conhecimento, por exemplo, tudo o que o estudante já aprendeu, adquiriu, organizou sobre um determinado assunto, faz parte de uma estrutura cognitiva relacionada aquele contexto de aprendizagem. (PINHEIRO, 2017).

A ênfase de Ausubel se dá na aquisição, no armazenamento e na organização das ideias no cérebro do indivíduo, ou seja, você adquire uma determinada informação, armazena (processos de memória e psicológicos envolvidos) e também organiza as informações/ideias no cérebro. Ele entende que essa estrutura cognitiva é extremamente organizada e hierarquizada, ou seja, existe uma organização prévia, mas também uma hierarquia, no sentido de que várias ideias vão se intercalando de acordo com a relação que se estabelece entre elas. Além disso, nessa estrutura cognitiva se ancoram e se reordenam novos conceitos e ideias que uma pessoa vai progressivamente aprendendo, já que toda estrutura cognitiva tem pontos de ancoragem, assim os novos conceitos vão se ligar a esses pontos, se alojando e se reordenando, sendo gradativamente internalizados. (PINHEIRO, 2017).

Esses pontos ou âncoras, são denominados subsunçores, que segundo Moreira (2011, p.14), “é o nome que se dá a um conhecimento específico, existente na estrutura de conhecimentos do indivíduo, que permite dar significado a um novo conhecimento que lhe é apresentado ou por ele descoberto”.

O subsunçor pode ter maior ou menor estabilidade cognitiva, pode estar mais ou menos diferenciado, ou seja, mais ou menos elaborado em termos de significados. Contudo, como o processo é interativo, quando serve de ideia-âncora para um novo conhecimento, ele próprio se modifica adquirindo novos significados, corroborando significados já existentes. (MOREIRA, 2011, p.14)

Neste contexto, destaca-se que inicialmente, toma-se como base a estrutura cognitiva do estudante, que contém conhecimentos prévios que podem ser relacionados com os novos temas. “A este conhecimento, especificamente relevante à nova aprendizagem, o qual pode ser, por exemplo, um símbolo já significativo, um conceito, uma proposição, um modelo mental, uma imagem, David Ausubel (1918-2008) chamava de subsunçor ou ideia-âncora” (MOREIRA, 2011, p.14).

Ainda, para Ausubel, o conceito de aprendizagem consiste na ampliação da estrutura cognitiva através da incorporação de novas ideias a ela, ou seja, na medida que uma pessoa aprende, está ampliando a estrutura cognitiva, inserindo, incorporando ideias novas a essa estrutura já existente, é claro que tudo depende do tipo de relacionamento existente entre as ideias já existentes nessa estrutura e as novas estruturas que estão se internalizando. Dependendo desse tipo de relacionamento, poderá ocorrer um aprendizado que pode ser mecânico ou significativo. Já que a aprendizagem significativa, se dá naquele processo em que uma nova informação vai se relacionar, interagir com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo, ou seja, na estrutura de conhecimento de cada pessoa existe um aspecto que vai se ligar ao novo conhecimento, o chamado subsunçor, o qual permite que a nova informação seja incluída na estrutura cognitiva. (PINHEIRO, 2017).

Segundo Moreira (2011, p.13) a aprendizagem significativa é “aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe”. Nesse contexto, considera-se que “substantiva quer dizer não-literal e não arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende”.

Ainda, concernente a não arbitrariedade, quer dizer que existe uma relação lógica e explícita entre a nova ideia e alguma outra já existente na estrutura cognitiva do indivíduo, o processo de aprendizagem não é realizado a força, mecanicamente, mas existe uma relação lógica entre a nova informação e o conceito prévio. Quanto a informação ser substantiva, quer dizer que após aprender, o estudante conseguirá explicar os conceitos com as suas próprias palavras. Isso é muito relevante, porque no processo avaliativo, o professor conseguirá identificar uma aprendizagem que vai perdurar, que não é resultado de memorização, decoreba.

Diferentemente da aprendizagem significativa, a aprendizagem mecânica ocorre quando os novos conceitos não têm relação com conhecimentos prévios, não há elemento para ancoragem, dificultando a assimilação dos conteúdos, sendo armazenada de forma arbitrária, diferentemente da significativa, por isso não garante flexibilidade e longevidade. Vale destacar que para Ausubel não se trata de

aprendizagens opostas, já que em alguns momentos pode ocorrer a aprendizagem mecânica e em outros a significativa (PINHEIRO, 2017).

A aprendizagem mecânica é aquela que resulta em decoreba, memorização, facilitando o esquecimento rápido. Isso não quer dizer que quando a aprendizagem é significativa o indivíduo nunca esquecerá, “ porém não é um esquecimento total. É uma perda de discriminabilidade, de diferenciação de significados, não uma perda de significados” (MOREIRA, 2011, p. 17-18).

Segundo Moreira (2011, p.18), “se o esquecimento for total, como se o indivíduo nunca tivesse aprendido um certo conteúdo, é provável que a aprendizagem tenha sido mecânica”. Esse tipo de aprendizagem ainda é muito valorizada nas avaliações, que podem ser consideradas exames, exemplo disso são os casos em que o professor limita os estudantes a respostas idênticas aos textos trabalhados em sala de aula, desconsiderando o uso de respostas similares, sinônimas. De acordo com Rogers (2001, p. 259):

aprendizagem significativa é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas de sua existência.

Para abordar o conceito de Ausubel, é necessário compreender do que se trata o cognitivismo, o qual segundo Moreira e Masini citados por Nogueira e Leal (2018, p.212), “procura descrever, em linhas gerais, o que sucede quando o ser humano se situa, organizando o seu mundo, de forma a distinguir sistematicamente o igual do diferente”. Eles ainda ressaltam que “a psicologia cognitivista se preocupa com o processo de compreensão, transformação, armazenamento e uso da informação envolvida na cognição, e tem como objetivo identificar os padrões estruturados dessa transformação”.

Ainda sobre o conceito de aprendizagem significativa de acordo com a teoria cognitivista, Moreira e Masini citados por Nogueira e Leal (2018, p. 212) destacam:

como um processo de armazenamento de informação, condensação em classes mais genéricas de conhecimentos, que são incorporados a uma estrutura no cérebro do indivíduo, de modo que esta possa ser manipulada e utilizada no futuro. É a habilidade de organização das informações que deve ser desenvolvida.

Segundo Ausubel, para que ocorra a aprendizagem é necessário que os conteúdos sejam desenvolvidos dos mais extensos para os mais abstratos. “Ao

iniciar pelo conceito mais extenso os alunos conseguirão aprender de forma mais significativa até chegar aos conceitos mais abstratos e específicos” (NOGUEIRA E LEAL, 2018, p. 215).

o termo significativo nada tem a ver com ideias importantes ou com ideias cientificamente corretas. Conforme melhor expressa o termo inglês do conceito, “meaningful learning”, a aprendizagem significativa implica atribuição pessoal de significado para as ideias que são percebidas, processadas e representadas mentalmente. Assim, de acordo com esta Teoria, o significado atribuído pelo sujeito que aprende pode ser ou não correto do ponto de vista científico e também é o sujeito que, de forma consciente ou não, confere importância ao conhecimento ao atribuir-lhe utilidade para sua vida cotidiana. O processo de aprendizagem, na perspectiva da TAS, é dinâmico, contínuo, pessoal (idiossincrático), intencional, ativo (no sentido de atividade mental), recursivo, de interação (entre a nova informação e a prévia) e interativo (entre sujeitos). (LEMOS, 2011, p. 28)

Para que os conteúdos sejam repassados aos estudantes nesse formato, é necessário que os docentes façam um planejamento identificando nas disciplinas os conceitos mais abrangentes, com maior poder de inclusão para iniciar os estudos e, posteriormente, chegar aos menos abrangentes. Essa prática vai facilitar o processamento de informações pelo aluno, facilitando a aprendizagem. Segundo Moreira (2011, p.15), “progressivamente, o subsunçor vai ficando mais estável, mais diferenciado, mais rico em significados, podendo cada vez mais facilitar novas aprendizagens”.

O conhecimento prévio é, na visão de Ausubel, a variável isolada mais importante para a aprendizagem significativa de novos conhecimentos. Isto é, se fosse possível isolar uma única variável como sendo a que mais influencia novas aprendizagens, esta variável seria o conhecimento prévio, os subsunçores já existentes na estrutura cognitiva do sujeito que aprende. (MOREIRA, 2011, p. 23)

Existem casos em que o estudante não tem subsunçores adequados que possam ser utilizados como âncora para aprendizado de um novo tema, atribuindo significados, Ausubel sugere que a solução seja encaminhada através dos organizadores prévios.

É um recurso instrucional apresentado em um nível mais alto de abstração, generalidade e inclusividade em relação ao material de aprendizagem. Não é uma visão geral, um sumário ou um resumo que geralmente estão no mesmo nível de abstração do material a ser aprendido. Pode ser um enunciado, um filme, uma leitura introdutória, uma simulação. Pode ser também uma aula que precede um conjunto de outras aulas. As possibilidades são muitas, mas a condição é que preceda a apresentação do material de aprendizagem e que seja mais abrangente, mais geral e inclusivo do que este. (MOREIRA, 2011, p.30)

Ainda, “os organizadores prévios podem ser usados para suprir a deficiência de subsunçores ou para mostrar a relacionalidade e a discriminabilidade entre novos conhecimentos e conhecimentos já existentes, ou seja, subsunçores”. Entretanto, são inúmeras as dificuldades para suprir a falta de subsunçores através de organizadores prévios, tendo pouco efeito no suprimento dessa lacuna. Entretanto, são muito úteis na função de relacionar os novos conteúdos com conhecimentos já adquiridos pelo estudante. “Organizadores prévios devem ajudar o aprendiz a perceber que novos conhecimentos estão relacionados a ideias apresentadas anteriormente, a subsunçores que existem em sua estrutura cognitiva prévia”. (MOREIRA, 2011, p.31)

Além da existência de subsunçores adequados, existem duas condições para que a aprendizagem significativa ocorra, sendo que a primeira está relacionada ao material de aprendizagem e a segunda refere-se à predisposição do estudante para aprender.

A primeira condição implica que o material de aprendizagem (livros, aulas, aplicativos) tenha significado lógico (isto é, seja relacionável de maneira não-arbitrária e não literal a uma estrutura cognitiva apropriada e relevante) e que o aprendiz tenha em sua estrutura cognitiva ideias-âncora relevantes com as quais esse material possa ser relacionado. Quer dizer, o material deve ser relacionável a determinados conhecimentos e o aprendiz deve ter esses conhecimentos prévios necessários para fazer esse relacionamento de forma não-arbitrária e não-litera. A segunda condição é talvez mais difícil de ser satisfeita do que a primeira: o aprendiz deve querer relacionar os novos conhecimentos, de forma não-arbitrária e não-litera, a seus conhecimentos prévios. É isso que significa predisposição para aprender. (MOREIRA, 2011, p. 25)

O material pode ser potencialmente significativo, mas o significado está na estrutura cognitiva do estudante, que poderá ou não interagir possibilitando a aprendizagem ou não. Essa predisposição do estudante em aprender não está relacionada à motivação, mas a uma predisposição de interagir com os novos conhecimentos, vinculando-os em sua estrutura cognitiva prévia e com isso, adicionando significados e enriquecendo os conhecimentos acerca de uma temática. Essas condições estão relacionadas ao conhecimento prévio do aprendiz, já que sem esses conhecimentos, os novos não serão potencialmente significativos. De acordo com Moreira (2011, p. 41):

quanto mais o indivíduo domina significativamente um campo de conhecimentos, mais se predispõe a novas aprendizagens nesse campo ou em campos afins. No caso da aprendizagem mecânica, ocorre o inverso: quanto mais o aprendiz tem que memorizar conteúdos mecanicamente, mais ele se predispõe contra esses conteúdos ou disciplinas.

Considerando a importância do papel do aprendiz no processo, destaca-se ainda que o significado de aprendizagem significativa além de apontar para a responsabilidade do estudante, também foca no papel do professor no processo de aprendizagem, como um indivíduo que auxilia o outro no alcance dos objetivos. Assim, se a aprendizagem significativa de uma determinada área instrumentaliza o estudante para intervir com autonomia na sua realidade, é essencial que o professor esteja comprometido com a aprendizagem do estudante e este, por sua vez, com sua própria aprendizagem (LEMOS, 2011).

Ainda, vale destacar a importância do ambiente afetivo, o qual é destacado por Borges e Cunico, “pensando numa aprendizagem integral, é necessário que seja criado um ambiente afetivo onde os integrantes do trabalho possam interagir e estimular o trabalho em grupo de forma colaborativa”. Eles ainda citam Munhoz (2019, p.225), o qual faz uma abordagem sobre o ambiente afetivo dizendo que “são condições favoráveis para o aluno chegar à solução de um problema resultante da problematização do currículo”. (2020, p.280,281)

O estudo da aprendizagem significativa remete a urgente necessidade de mudanças nas práticas educativas referentes a cognição, haja vista, segundo Moreira (2011, p. 31-32), “a aprendizagem que mais ocorre na escola é a aprendizagem mecânica, aquela praticamente sem significado, puramente memorística, que serve para as provas e é esquecida, apagada, logo após, é a conhecida decoreba”. Inclusive, em tempos de Educação Remota Emergencial, a aprendizagem significativa é totalmente aplicável, já que é uma teoria sobre a aquisição de conhecimentos com significados em qualquer situação formal de educação, seja presencial ou virtual. É tempo de a escola considerar os conhecimentos prévios do estudante e desenvolver uma nova forma de aprendizagem. Segundo Postman e Weingartner citados por Moreira (2011, p. 42):

Podemos, ao final das contas, aprender somente em relação ao que já sabemos. Contrariamente ao senso comum, isso significa que se não sabemos muito, nossa capacidade de aprender não é muito grande. Esta ideia - por si só - implica uma grande mudança na maioria das metáforas que direcionam políticas e procedimentos das escolas.

Ressalta-se que durante o período de implementação da Educação Remota Emergencial, o uso de tecnologias digitais foi intensificado, sendo necessário rever conceitos e teorias considerando o novo cenário que está despontando com a

Educação Híbrida. Como fica a aprendizagem? E as avaliações? Bannel et all (2016, p. 57) apresentam o seguinte:

Para realizar mudanças significativas nas práticas educativas, de modo que a escola possa atender às demandas sociais do século XXI, precisamos rever e atualizar conceitos e teorias sobre a cognição e sobre como os seres humanos aprendem. Revisões conceituais nesse campo levam em conta possíveis impactos do uso intenso de tecnologias de informação no desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes, em especial no que diz respeito às funções psicológicas superiores.

Inclusive uma aula significativa não precisa necessariamente ser presencial, expositiva, mas podem ser utilizadas, inclusive, atividades colaborativas virtuais, que tem potencial facilitador para uma aprendizagem que seja significativa, haja vista facilitar a contribuição dos participantes, negociação de significados e o professor na função de mediador. Ressalta-se que independente da estratégia, instrumento, técnica ou método, o professor pode promover a aprendizagem mecânica, já que a aprendizagem significativa está muito mais relacionada a forma como o professor age em sala de aula. Assim, são necessárias novas posturas, novas filosofias e também novas formas de avaliar. Nesse sentido, Moreira (2011, p.51) aborda que “a facilitação da aprendizagem significativa depende muito mais de uma nova postura docente, de uma nova diretriz escolar, do que de novas metodologias, mesmo as modernas tecnologias de informação e comunicação”.

Quanto a avaliação, Moreira (2011, p.51) aborda que “esse tipo de avaliação baseada no sabe ou não sabe, no certo ou errado, no sim ou não, é comportamentalista e em geral promove a aprendizagem mecânica, pois não entra na questão do significado, da compreensão, da transferência”. Em geral, mesmo que o aluno não tenha entendido um determinado assunto, se ele souber marcar a alternativa correta ou apresentar o resultado solicitado, considera-se aprovado.

Ao contrário, a avaliação da aprendizagem tem o enfoque na identificação da compreensão do tema. “Porque o que se deve avaliar é a compreensão, captação de significados, capacidade de transferência do conhecimento a situações não conhecidas, não rotineiras”. Surpreendentemente, a avaliação mecânica ainda é uma prática comum no ambiente escolar brasileiro, mas, felizmente, existem docentes que têm buscado alterar essa prática, mas são necessárias mudanças estruturais no cenário educacional. É fato que a avaliação significativa demanda mais esforço na preparação, correção do que a mecânica, principalmente porque exige novas posturas dos atores educacionais.

Ressalta-se que foi realizada uma pesquisa para elaboração de uma revisão sistemática de literatura do tema Aprendizagem Significativa, Educação e Pandemia referente aos anos de 2020 e 2021, conforme quadro 3 - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - Aprendizagem Significativa, Educação e Pandemia - 7 resultados

Quadro 3: Lista de teses e dissertações BDTD: Aprendizagem Significativa, Educação e Pandemia

Data	Título da tese/dissertação	Autor(es)	Inclusão	Exclusão
2021	Manual de experimentos de física utilizando um smartphone	Renan Gustavo Beloni Freitas		X
2021	Tratamento do movimento oscilatório utilizando o ensino híbrido: uma proposta para o ensino médio	Laércio Fermino de Toledo Júnior	X	
2020	Histórias em quadrinhos: um estudo sobre ensino e aprendizagem da língua inglesa	Talize Zilio	X	

Fonte: Batista e Wunsch (2021).

O autor Laércio Fermino de Toledo Júnior, na dissertação intitulada ‘Tratamento do movimento oscilatório utilizando o ensino híbrido: uma proposta para o ensino médio’, apresenta uma proposta relacionada ao ensino da Física na Educação Média, considerando a situação vivida na pandemia e o fato de grande parte dos estudantes serem nativos digitais. Para isso foi utilizado o modelo de rotação por estações, que faz parte da metodologia do Ensino Híbrido, para trabalhar o tema movimento oscilatório no ensino médio.

Segundo o autor, a proposta foi realizada “utilizando a ferramenta on-line Google Forms e Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) aliados à experimentação, como uma possibilidade de aprendizagem significativa”. Destaca-se que antes de apresentar as estações aos estudantes, foi realizado um questionário diagnóstico a fim de verificar o conhecimento prévio em relação ao tema discutido, possibilitando melhor direcionamento do trabalho. Segundo o autor os resultados foram positivos, demonstrando a efetividade da aplicação da metodologia de aprendizagem significativa, inclusive em um modelo de educação remota e/ou híbrida:

A proposta foi muito bem recebida pelos alunos e a metodologia foi muito útil para trabalharmos de maneira satisfatória o tema proposto, relacionando a Física com o cotidiano dos alunos, e para trabalhar competências e habilidades através do uso de softwares, vídeos, experimentos, escrita e trabalho em grupo, mesmo em um contexto completamente remoto. (TOLEDO JÚNIOR, 2021, RESUMO)



Na dissertação ‘Histórias em quadrinhos: um estudo sobre ensino e aprendizagem da língua inglesa, a autora Talize Zilio teve como objetivo geral “evidenciar quais são as contribuições para o ensino e para a aprendizagem da Língua Inglesa, em um nono ano do Ensino Fundamental, que as HQs neste idioma podem proporcionar. Destaca-se que devido a pandemia, a pesquisa que seria realizada de forma presencial sofreu alterações, tendo sido realizada no modelo de Ensino Remoto Emergencial, ou seja, a coleta e análise de dados foram realizadas por meio da transcrição das aulas síncronas e atividades assíncronas.

Considerando a teoria da aprendizagem significativa, proposta por Ausubel, a autora buscou pesquisar a influências das HQs, que apresentam principalmente histórias pertencentes ao ambiente dos estudantes e assim promover o estudo da língua inglesa. Conforme afirma Neves (2012, p. 18) citada por Zilio (2020, p.26) a HQ “encanta todas as idades e é meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Podemos aproveitar a sua atratividade para trabalhar conteúdos diversos, no intuito de que o aprendizado seja mais prazeroso”.

A pesquisa foca na análise do uso das HQ’s como conhecimento prévio, questão defendida por Ausubel na teoria da aprendizagem significativa. A autora destacou nas Considerações Finais que “as interações produzidas pelos estudantes participantes desta pesquisa, a partir do uso das HQs no processo de aquisição do idioma estrangeiro, foram intensas e agregaram significado social aos alunos”. (2020, p.154)

Periódicos da CAPES - Aprendizagem Significativa, Educação e a Pandemia - 18 resultados referentes aos anos de 2020 e 2021, sendo escolhidos os primeiros 10 artigos por ordem de relevância, conforme quadro 4:

Quadro 4: Lista de artigos CAPES: Aprendizagem Significativa, Educação e Pandemia

Data	Título	Autor(es)	Inclusão	Exclusão
07/08/2021	A relação dos educadores e educandos em tempos de pandemia e a interface tecnológica no processo de ensino e aprendizagem não presencial	Ivan Souza, Lidiane Nogueira da Silva, Marcio Coutinho de Souza, Mauro Lúcio Franco. Stênio Cavalier Cabral, Ivana Carneiro Almeida, Alexandre Sylvio Vieira da Costa, Allan Castro Ferreira	X	
01/05/2021	Aprendizagem histórica em tempos de pandemia	Cristiano Nicolini ; Kênia Érica Gusmão Medeiros		X
23/08/2021	Ensino e Aprendizagem no contexto do Ensino Remoto e da Educação a Distância: caminhos e possibilidades	Marianne Spalding, Charles Rauen, Luana Marotta Reis de Vasconcellos, Mariana Raquel da Cruz Vegian, , Keila Cristina Miranda, Adriano Bressane, Miguel Angel Castillo Salgado		X
18/09/2021	Docência em Tempos de Covid-19: concepções de professores do ensino médio sobre o uso das tecnologias digitais no ensino remoto	José Batista de Souza, Carlos Albert de Vasconcelos		X
18/09/2021	Quando as escolas fecharam! Lugar da docência a partir dos relatos das professoras aos grupos na universidade	Juliana Fátima Pasini, Flávia Anastácio de Paula, Flaviana Demenech		X
01/10/2021	A relevância e os cenários da supervisão pedagógica frente ao ensino híbrido no contexto pandêmico da COVID-19 no Tocantins	Edineide Paslandim Neto de Carvalho; Philipe Lira de Carvalho, Lêda Lira Costa Barbosa		X
08/09/2021	A adaptação de práticas de oralidade em língua inglesa como L2 de modo presencial para remoto	Claudia Marchese Winfield; Ana Flávia Will		X
01/05/2020	A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo	Jandeson Dantas da Silva, Wenyka Preston Leite Batista da Costa, Manoel Pereira da Rocha Neto		X
07/05/2021	Práticas docentes inovadoras: caminhando na incerteza momentânea entre o status quo e a ousadia	Sandra Maria Nascimento de Mattos; José Roberto Linhares de Mattos	X	
01/09/2021	Entrevista com Adolfo Tanzi Neto: uma perspectiva sócio-histórico-cultural do ensino híbrido e suas tecnologias	Bruna Quartarolo Vargas; Christine Nicol Passos		X

Fonte: Batista e Wunsch (2021).

No artigo A relação dos educadores e educandos em tempos de pandemia e a interface tecnológica no processo de ensino e aprendizagem não presencial, os autores abordam vantagens e desvantagens do uso da tecnologia no processo de aprendizagem, considerando as circunstâncias vivenciadas desde o início da pandemia, com destaque positivo para a utilização das TIDC's em sala de aula, no entanto, a figura do professor como mediador é fundamental para a aprendizagem.

Os autores trazem contribuições que são relevantes para o tema desta pesquisa, entre outros, alguns dados de Guimarães (2019) concernentes aos posicionamentos dos discentes como protagonistas do seu aprendizado, o qual é um fator importante para a aprendizagem significativa. Para SOUZA et al. (2021, p.5), de acordo com a pesquisa de Guimarães, foi possível identificar os seguintes resultados:

55% dos discentes concordam e entendem que, tornar-se protagonista pode ser de grande auxílio no processo de aprender a aprender, assim como pensar criativamente e colaborativamente. Da mesma forma, 11% concordam que ser protagonista pode ser um avanço no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, além daqueles que, mesmo concordando, não acreditam que tal atitude pode auxiliar na aprendizagem (7%).

Ao abordar o conceito de aprendizagem significativa de Ausubel, os autores descrevem que “ainda existem muitos professores, gestores e familiares que não enxergam as tecnologias como uma abordagem significativa de ensino”. Esse posicionamento está relacionado à falta de familiaridade dos docentes com os instrumentos tecnológicos, por outro lado, “os educandos geralmente se apresentam favoráveis às idas ao laboratório de informática, ao uso dos equipamentos eletrônicos, às mídias etc., e se sentem mais familiarizados com os conteúdos quando são abordados por meio desses instrumentos tecnológicos”. Percebe-se uma grande oportunidade no período pós-pandemia, para implementar o uso das tecnologias digitais nos espaços escolares. (SOUZA et. al.,2021, p.6)

No artigo ‘Práticas docentes inovadoras: caminhando na incerteza momentânea entre o status quo e a ousadia’, os autores Sandra Maria Nascimento de Mattos José Roberto Linhares de Mattos, ressaltam as transformações ocorridas a partir de março de 2020, destacando “ as transformações na maneira de fazer aulas. O ato de ensinar e de aprender foram atingidos com interrupções abruptas, ocasionadas pela falta de perspectivas iniciais, pois priorizar a vida é essencial”. (2021, p.15) Outro fator de destaque no texto está relacionado à compreensão de aprendizagem significativa, ou seja:

se torna eficaz quando o aluno é afetado e percebe que os saberes e fazeres existentes em sua cultura são tidos como suportes para o ensino dos conceitos matemáticos escolares . Assim sendo, na aula remota quem ganha destaque são os estudantes e o professor passa a ser o mediador dos diferentes tipos de conhecimento. (MATTOS; MATTOS, 2021, p.15)

Ao longo do texto, os autores abordam questões referentes às metodologias ativas e o seu uso para o alcance da aprendizagem. Entre alguns dos relatos apresentados, os autores destacam que “o mais importante é como apresentar o conteúdo para que os estudantes aprendam significativamente, nos reportando a Ausubel (2000) sobre a maneira de apresentar um material potencialmente significativo que favoreça a aprendizagem significativa”. (MATTOS; MATTOS, 2021, p.20)

## 7 AVALIAÇÃO EDUCATIVA: CENÁRIOS PANDÊMICOS E PÓS-PANDÊMICOS

Para o desenvolvimento deste capítulo, foi realizado um levantamento do material apresentado por profissionais pesquisadores da área da Educação em *lives* sobre o tema desta pesquisa, considerando que se trata de um cenário novo, o qual pouco foi vivido pela sociedade, pois não foi possível preparação ou planejamento para implementação da educação remota.

A adaptação está ocorrendo concomitante à prática, sendo que ao longo do ano de 2020, as perspectivas eram de um retorno presencial, inicialmente ainda no primeiro semestre, posteriormente no segundo semestre e depois, em 2021, no entanto, essas perspectivas não se tornaram realidade, ou seja, após um ano do início das aulas on-line, os estudantes na maior parte do país ainda estão em casa, a maior parte em um regime totalmente remoto, outros em modelo híbrido.

A base de dados utilizada foi o Youtube, a partir de uma busca de *lives* de professores pesquisadores sobre a educação em cenários pandêmicos, procurando identificar as contribuições acerca da educação remota, educação híbrida e a avaliação educativa realizada remotamente. Os dados obtidos foram organizados em um quadro com os principais assuntos abordados pelos pesquisadores, analisados e utilizados na fundamentação teórica desta pesquisa, especificamente nesta seção, que descreve o cenário atual da implementação da educação remota emergencial.

Inclusive, esta pesquisa procurou deixar claro as diferenças entre educação a distância e educação remota, já que nas aulas on-line desenvolvidas durante a pandemia, procurou-se utilizar ferramentas da EAD, mas com elementos da educação presencial. Nesse cenário, não é possível aplicar avaliações no mesmo formato utilizado nas aulas presenciais, afinal, o professor já não consegue mais observar os alunos diariamente quanto ao seu desenvolvimento, surgindo um grande desafio, como o professor pode identificar a aprendizagem? Enviar um questionário com questões objetivas é suficiente? Estas e inúmeras outras indagações têm permeado o dia a dia docente, e claro, dos estudantes também, afinal não estavam adaptados com esse modelo, sem falar nas famílias que em sua maioria, encontram-se desamparadas, sem respostas e preocupadas com o futuro dos filhos. Fala-se

muito em ano perdido, em possibilidades de unir os conteúdos do ano de 2020 com 2021, isso será possível?

A seguir, o quadro 5, o qual apresenta a nominata das *lives* utilizadas como base para esta pesquisa,

Quadro 5: Nominata das lives como base para a pesquisa e dos respectivos pesquisadores participantes.

Nome da live	Data	Instituição	Link YouTube
Avaliação em Tempos de Pandemia	2020	A	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=tvRYQA5--0g">https://www.youtube.com/watch?v=tvRYQA5--0g</a>
Avaliação da Aprendizagem em tempos de quarentena: algumas reflexões	2020	B	<a href="https://youtu.be/8a8BsVI4Djs">https://youtu.be/8a8BsVI4Djs</a>
Como avaliar na perspectiva EAD	2020	C	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=YfwhA7pXr5oe">https://www.youtube.com/watch?v=YfwhA7pXr5oe</a> ab_channel=EditoraModerna
Ensino e Avaliação em Tempos de Pandemia	2020	D	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=orzj9gbwvbl">https://www.youtube.com/watch?v=orzj9gbwvbl</a>
Avaliação em tempo de pandemia	2020	E	<a href="https://youtu.be/ntYkL9gbWRo">https://youtu.be/ntYkL9gbWRo</a>
Educação em tempos de pandemia	2020	F	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i_Dpflo">https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i_Dpflo</a>
Avaliação da Educação na Pandemia	2021	G	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=y7t4INTA7Mce">https://www.youtube.com/watch?v=y7t4INTA7Mce</a> t=4828s

Fonte: Batista e Wunsch (2021).

Durante a apresentação de cada *live*, foi possível extrair um material significativo, afinal, trata-se da fala de professores pesquisadores que estão atuando durante esse período, alguns em linha de frente, outros em funções de gestão, coordenação, além daqueles que tem focado especialmente em pesquisas que possibilitem a identificação de práticas aplicáveis em cenários pandêmicos e pós-pandêmicos. Os textos abaixo foram adaptados para a linguagem formal, a fim de facilitar a leitura, ou seja, esse capítulo foi elaborado com base na compreensão das *lives* que estão apresentados no Quadro 5.

## 7.1 Live A: Avaliação em tempos de pandemia

Na primeira live apresentada na pesquisa, é uma entrevista com uma professora Conselheira do Conselho Nacional de Educação. Abaixo, estão apresentadas as principais contribuições extraídas dessa conversa, aplicáveis ao contexto da pesquisa:

Em 30 de maio de 2020, o Conselho Nacional de Educação publicou o Parecer nº 5/2020, que trata da reorganização do calendário escolar para o ano de 2020, além da possibilidade de considerar atividades pedagógicas não presenciais para o cumprimento da carga horária anual, considerando a situação pandêmica que o Brasil enfrenta. Em 07 de julho de 2020, também foi publicado o Parecer nº 11/2020, com orientações para a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e on-line durante a pandemia do COVID-19. Tanto o Parecer 5 quanto o Parecer 11 abordam questões referentes à avaliação, no entanto, quando foi elaborado o Parecer 5 não existia nenhuma previsão de que as escolas poderiam permanecer fechadas durante tanto tempo, afinal já se passou mais de um ano desde o início da pandemia e a educação presencial ainda não foi autorizada, com algumas exceções no caso de escolas particulares que estão funcionando em modelo híbrido.

As escolas estaduais desde março de 2020 estão realizando atividades remotas, com o uso de plataformas on-line como *Classroom*, entre outros, vídeos on-line, aulas gravadas disponibilizadas via televisão, Youtube, ou seja, combinam atividades síncronas com assíncronas. Entretanto, em um primeiro momento com pouca ou nenhuma mediação pedagógica, afinal não existiu um preparo para esse novo momento vivido na área educacional.

Todos os estudos referentes aos métodos avaliativos procuram identificar algum modelo de avaliação aplicável a educação remota emergencial, entretanto é muito difícil transpor os modelos utilizados presencialmente para as aulas on-line, inclusive, segundo a entrevistada “não existe um modelo de avaliação que se aplica integralmente a esse cenário pandêmico”. Assim, cabe aos professores, juntamente com os coordenadores pedagógicos, elaborarem modelos que sejam aplicáveis à nova realidade, que possibilitem a manutenção da avaliação como processo fomentador da aprendizagem.

Existem diferentes entendimentos quanto aos tipos de avaliação, no entanto no que se refere a divisão entre avaliação formativa, diagnóstica e somativa,

destaca-se a formativa, comumente realizada na escola, em sala de aula, conduzida pelo professor, por meio da interação entre professor/estudante com o objetivo de identificar o que os estudantes aprenderam, a partir dos objetivos de aprendizagem. A avaliação formativa até poderia ser realizada a distância, no entanto, não existem estudos sobre a eficácia desse tipo de aplicação. Estamos falando de algo novo, não se pode dizer que uma avaliação formativa simplesmente pode ser realizada de forma on-line, além disso, quando do retorno das aulas presenciais, teremos um cenário totalmente diversificado.

No que se refere a avaliação diagnóstica, diferentemente da formativa, além de existir a possibilidade de ser realizada dentro da escola pelo próprio professor, também pode ser aplicada por um órgão externo, fazendo uma avaliação geral da escola, com aplicação de provas externas. E a avaliação somativa, tem o principal objetivo de promover o aluno no final do ano, módulo ou semestre, além de atribuição de notas.

Durante a pandemia, gestores, diretores, coordenadores e professores têm buscado identificar formas de aplicar a avaliação, no entanto, as dificuldades são inúmeras, afinal toda a readequação está ocorrendo conforme as atividades estão sendo desenvolvidas, sem um planejamento prévio. Muitas escolas não têm conseguido fazer os registros necessários, seja de atividades desenvolvidas, presença e até mesmo das atividades avaliativas aplicadas. Além disso, muitos alunos não têm acompanhado as aulas.

No retorno é necessário que a escola programe avaliações considerando o registro das atividades desenvolvidas durante o período de afastamento. Essa programação vai depender diretamente do tipo de monitoramento que a escola realizou durante o afastamento, já que o trabalho no cenário pós-pandemia será resultado do nível de desenvolvimento durante a pandemia. Se a escola tiver registros minuciosos e detalhados, o prosseguimento das ações será facilitado, caso contrário, o trabalho de diagnóstico é ainda mais importante, afinal, pela falta de informações, os professores precisarão de um processo avaliativo diagnóstico que possibilite a identificação do nível de alcance dos estudantes no que se refere às competências trabalhadas durante as aulas no modelo remoto emergencial.

Com a perspectiva de retorno das aulas presenciais em 2020, acreditava-se que as escolas que desenvolveram atividades on-line e conseguiram monitorar os



estudantes de forma efetiva, poderiam considerar a possibilidade de completar de 70 a 80% do planejamento curricular, no entanto, essas são as melhores previsões. Entretanto, esse cenário mudou, haja vista que após 3 meses letivos de 2021, as escolas ainda permanecem de modo on-line.

Atualmente, a maior preocupação não é com as crianças pequenas, mas com adolescentes e jovens que estão indo para as ruas, que podem abandonar os estudos, evadir, desistir da escola. Além é claro, da atenção que precisasse dar às crianças mais vulneráveis, em situações de risco, justamente para evitar o abandono definitivo da escola. Já existem estudos que comprovam como a pandemia afetou a saúde mental das crianças e jovens, então é necessário sair do “lugar comum” e identificar formas de auxiliá-los nesse período tão dramático.

No retorno às atividades presenciais, mesmo que não exista previsão de retorno, depende-se totalmente de definições das autoridades sanitárias, sendo necessária uma clara autorização, com sustentação de responsabilidade. Sabe-se que esse processo será gradual, com aulas intermitentes, e combinará atividades presenciais e não presenciais por bastante tempo. Lembrando que a reorganização do planejamento curricular de 2020 e 2021, possivelmente só ocorrerá ao final de 2022.

O Parecer 2011 aborda que a primeira etapa ao receber os alunos na escola é a de acolhimento, o ideal é que ocorra um acolhimento envolvente, do ponto de vista socioemocional, que valorize o protagonismo do estudante e dê espaço para eles contarem como foram as alegrias, dificuldades, enfim, as experiências que tiveram no período de afastamento. Muitos deles estão desenvolvendo novas competências/habilidades, já que estão vivenciando coisas novas, é importante saber no que eles avançaram, talvez até além do que era previsto. De todo modo, o ponto mais importante no retorno, do ponto de vista da avaliação formativa e também da avaliação diagnóstica, é a avaliação da leitura. Aqui destaca-se que é necessária atenção para as competências leitora e escritora, que são as mais importantes que os estudantes precisam desenvolver. Assim, no retorno é necessário priorizar avaliações dessas competências. Se eles forem instados a fazer uma avaliação de interpretação de texto ou criar um texto dissertativo argumentativo, acerca de um tema que eles estão vivendo nesse momento, será possível identificar o avanço ou não nas competências citadas.

A avaliação de leitura é fundamental para todos os estudantes da educação Fundamental 2 e Educação Média. Além de permitir que a escola trabalhe com diferentes tipos de textos, possibilitando que os professores identifiquem as principais dificuldades e atuem diretamente no foco. Outra competência fundamental, para a qual é necessário um olhar mais acentuado, é a de raciocínio lógico matemático. Inclusive, o ideal é que não sejam avaliações de múltiplas escolhas, mas aquelas que valorizem o raciocínio.

No retorno, seja para a educação presencial ou híbrida, que é o cenário mais próximo de alcançarmos em 2021, a escola não deverá se concentrar em fazer uma avaliação completa que abordará todos os conteúdos ministrados na educação remota emergencial, mas o essencial é o foco nas avaliações transversais, que possam abordar os conteúdos de forma interdisciplinar, identificando as competências de leitura, de escrita e de raciocínio lógico. Assim, os alunos não serão prejudicados com excesso de avaliações e também evitará que os professores fiquem sobrecarregados. Vale a pena pensar em uma avaliação que envolva portfólios, trabalhos de pesquisa, estudo, assim, os professores poderão ter uma visão mais abrangente e integrada quanto ao aprendizado dos alunos.

Ainda, mesmo durante a educação remota emergencial, a escola pode trabalhar com projetos a serem realizados entre 3 e 4 alunos, com sugestão de tema e a indicação de contato on-line entre os pares, com isso é possível desenvolver nos alunos competências relacionadas à criatividade, pensamento sistêmico e também de relacionamento. Ainda mais, porque o PISA já está avaliando a criatividade e o pensamento crítico, impulsiona-se a iniciar esse tipo de avaliação, mesmo em meio a um cenário pandêmico.

Outro ponto importante nesse processo refere-se à avaliação somativa, afinal, se ela tem apenas o objetivo de aprovar ou reprovar o estudante, só pode-se avaliar os objetivos de aprendizagem que efetivamente foram cumpridos. Não existe fundamento que baliza a reprovação dos estudantes, se eles não receberam os conteúdos adequadamente, tanto é que vários estados e municípios já promulgaram leis que proíbem a reprovação em 2020. Trata-se da avaliação dos componentes curriculares, desde que a escola tenha conseguido oferecer, porque se o estudante não tem conseguido acompanhar, a primeira coisa é descobrir qual é a dificuldade que esse aluno tem para acompanhar uma atividade não presencial, muitos precisam

se adaptar. Cada aluno reage de forma diferente. Depende de uma avaliação da escola para verificar a melhor estratégia.

Não se sabe se o aluno que não está desenvolvendo atividades está com problemas em casa, se teve perdas domésticas ou familiares, pais desempregados, assim, a melhor ação é aplicar um questionário para verificar quais dificuldades o aluno enfrentou ou está enfrentando, se teve perdas ou não, se contraiu a doença, se pai ou mãe ficou desempregado, o que aprendeu, quais mudanças observa-se, facilidades e dificuldades no aprendizado à distância. Esse feedback é importante no retorno das aulas, porque as situações são diferentes. O modo como reagem é totalmente diferente. Alguns são dispersos, menos focados, outros são focados, gostam de fazer atividades on-line.

Ainda, o docente precisa fazer alguns questionamentos, como: O que está por trás de uma avaliação? O que ensinar? Como ensinamos? O que vamos avaliar a partir do que foi ensinado?? Essas perguntas precisam ser realizadas o tempo todo.

As mantenedoras e respectivas instituições escolares poderiam unir os anos de 2020 e 2021 em um único ciclo, eliminando as avaliações somativas e concentrando-se em identificar formas de avaliar do ponto de vista formativo, afinal precisa-se aprender a lidar com as novas situações. Entre elas, o fato de que existem muitos alunos que não estão dando retorno em nenhum dos canais, estão perdidos na educação remota emergencial.

Vive-se um momento excepcional, portanto soluções excepcionais devem ser pensadas, já que até agora as ações eram normais dentro dos parâmetros já estabelecidos e conhecidos. Os impactos são imensos, as pessoas têm sido atingidas em todas as áreas, desde o aumento do tempo em família até as perdas de familiares por complicações do vírus. Nesse contexto, vale o seguinte questionamento: como o sistema educacional tem observado o desenvolvimento dos alunos?

Acerca das contribuições das professoras, destaca-se a explicação do panorama geral da situação educacional do país nesse início de pandemia. Inclusive, a professora entrevistada aborda questões específicas dos pareceres 05 e 11, que foram fundamentais no direcionamento das ações nos estados brasileiros. Ainda, cabe destacar que os pareceres apresentam questões importantes no que se refere à avaliação, com a possibilidade de adaptação ao modelo de Educação Remota

Emergencial e prevendo a retomada de conteúdos no retorno presencial, que ainda é incerto, com a aplicação de avaliação diagnóstica.

Outro fator fundamental destacado nas falas refere-se a compreensão da situação dos estudantes, já que muitos não têm acesso às tecnologias necessárias para o acompanhamento das aulas, as famílias estão procurando adaptar-se assim como os professores. Assim, é primordial que haja facilitação direcionada pelas escolas, no sentido de oferecer todas as possibilidades existentes para manter esses estudantes engajados no processo educacional.

## **7.2 Live B: Avaliação da Aprendizagem em tempos de quarentena: algumas reflexões**

Nesta *live* tem-se uma entrevista com uma doutora em Educação e Psicologia. Abaixo, estão apresentadas as principais contribuições extraídas dessa conversa, aplicáveis ao contexto da pesquisa:

O entrevistador inicia a *live* abordando o fato de que os educadores estão precisando reinventar a prática educativa, afinal vive-se um tempo atípico, inimaginável, que suscita medo, mas ao mesmo tempo leva a reinvenção da prática docente. Muitos educadores têm perguntado ‘como avaliar nesse contexto da educação remota?’.

A entrevistada começa sua fala referindo-se ao público como a ‘sua família’, a grande família de educadores, professores, alunos, enfim, todos aqueles que têm interesse no tema avaliação. Estamos em um momento de solidariedade e avaliação tem tudo a ver com solidariedade, mas logo vem à mente o tipo de ansiedade que está marcando todos, que é o medo, o que também acontece na avaliação, entretanto, ela expressa que gostaria muito que esse medo desaparecesse, que tanto professores quanto alunos perdessem o medo da avaliação.

Ainda destaca que tudo depende de como entendemos avaliação, que normalmente, tradicionalmente, compreendemos como um processo para medir, dar nota e decidir por aprovar ou não, lamentavelmente esse conceito ficou muito restrito, convergente e muito perigoso, inclusive se diz que os alunos brasileiros estão entre

os mais ansiosos, por conta de notas e de tantos resultados que uma avaliação pode trazer. Ela relata que ao perguntar para um menino qual é o maior incômodo da avaliação na escola e recebeu a seguinte resposta: - a pressão. Entretanto, o menino destacou que atualmente, durante a pandemia, está acontecendo uma avaliação sem pressão, já que eles, os alunos, fazem a avaliação. Isso é paradoxal, porque durante uma mudança de processos tão rápida (educação remota emergencial), pode-se chegar ao sucesso na avaliação, já que os alunos estão percebendo que eles estão se avaliando.

Estudos têm mostrado que uma das características mais fortes para fazer o aluno aprender mais rápido e melhor, com mais profundidade e conhecimento, é quando ele se avalia, ou seja, ele está conhecendo as suas possibilidades. Avaliação é o processo para descobrir o que está acontecendo. Ao perguntar ao menino 'o que você faria se fosse professor e identificasse que o aluno acertou as atividades que foram apresentadas a ele durante a aula online?', o menino disse 'poderia dizer Parabéns'.

Quando o professor utiliza as avaliações para identificar o sucesso do estudante, parabenizando o sucesso e descobrindo as falhas para corrigi-las, estará promovendo uma avaliação que faz sentido. Então, o resultado é tomar decisão em função desta descoberta e em função desta reação/resposta, este professor vai construindo uma avaliação que vai caminhando para a valorização e não para a desvalorização.

O professor entrevistador ressalta que a contribuição da entrevistada vai ao encontro do principal questionamento dos professores em todo o Brasil, os quais estão muito preocupados em como avaliar na educação remota, quando eles estão distantes dos estudantes, 'afinal existe uma forma específica para avaliar a distância?'. Ela ressalta que a avaliação sempre deveria ser próxima, mas às vezes, mesmo em sala de aula presencial, os professores estão distantes dos estudantes, principalmente durante o momento chamado de 'avaliação'. Já que, chama-se avaliação o momento da prova, mas a avaliação é o olhar constante no aluno, registrando o que o estudante faz, descobrindo as falhas, corrigindo.

A avaliação deveria ser sempre próxima, hoje estamos fisicamente distantes, mas interessantemente estamos muito próximos. Estamos falando diretamente com o estudante. Em uma sala de aula presencial, dificilmente fala-se individualmente,

mas normalmente no coletivo. É preciso exercitar essa individualidade em sala de aula, para observar cada um. É claro, pode-se falar um dia com um e em outro dia com outro, assim sucessivamente chegarmos a ter esse contato direto com os estudantes.

Hoje, a distância, estamos diretamente com eles, podemos falar e responder os questionamentos, observar o desempenho, e assim, elogiar quando está bem, ajudar, estimular, mas também ajudar a corrigir as falhas, em outras palavras, incentivar a correção de uma falha, permitir que eles errem. A continuidade do contato direto com o aluno é muito importante, face a face, olho no olho, não através de uma prova ou de um exercício, porém quando se aplica exercícios é necessário o feedback, para que o aluno saiba quais foram os erros e acertos, para ajudá-lo no processo de aprendizagem. O feedback não deve demorar para que o estudante saiba quais são os pontos de melhoria.

O entrevistador observou que existe uma grande preocupação dos professores quanto a forma de realizar uma avaliação coletiva a distância, que é a forma comum de avaliação na educação presencial. Mas, na verdade, esse distanciamento está permitindo a prática da avaliação individual. Ele ainda relatou que para validação da carga horária das atividades remotas, um dos requisitos é que os professores avaliem os estudantes e registrem. Quando o professor dá o feedback, muitas vezes, ele nem percebe que está avaliando. Entretanto, uma das funções do feedback é avaliar, dispensando uma organização ritualística.

A entrevistada reforçou que existem muitas formas de avaliar que são semelhantes na educação presencial e a distância, entretanto a avaliação a distância traz um acréscimo muito interessante com a proximidade e individualização ocorrida a distância, além da possibilidade do registro aprimorado. A melhor resposta do aluno, não está necessariamente em uma prova, mas pode ser encontrada em um gesto, uma atitude, um comentário, uma descoberta, as quais são manifestações que devem ser registradas pelo professor, compondo o portfólio de cada estudante. Por outro lado, o docente realiza o seu próprio registro, referente ao que ele ensinou e o que tinha planejado, com isso, descrevendo o seu desempenho e dos estudantes. É melhor um pequeno exercício com 3 ou 4 questões do que um grande exercício em uma grande prova. Faz muito mais sentido uma avaliação contínua, sendo aprofundada a cada encontro. Assim, o professor consegue observar inclusive

os alunos que apresentam menos registros, que precisam de maior acompanhamento. Esse acompanhamento deve ser regado a elogios e do cuidado em corrigir as falhas.

Também é muito importante que o professor receba o feedback do estudante, precisa-se ensinar o discente a aplaudir o docente. Aos estudantes só é permitido mostrar as inquietações, o desconforto ou ainda permanecerem sempre calados, portanto, é preciso ensiná-los a ter reação.

O entrevistador apresentou mais uma dúvida da comunidade docente, quanto a dificuldade de fazer as mesmas avaliações, com os itens iguais, para todos os estudantes. A avaliação individual pode ser diferente com cada aluno ou isso vai implicar nos resultados? A entrevistada relata que a maior riqueza da avaliação está em inventar novos métodos, novos processos, diversificar as perguntas, apesar de manter o mesmo propósito. Isso também vale para diversificar o modo de realizar um processo avaliativo, os professores estão muito presos às avaliações de uma prova geral ou tradicional, entretanto, as avaliações são contínuas, quando o professor passa pelo aluno, fala com ele, dá uma opinião, um aplauso, isso é contínuo. Não é preciso esperar uma prova para avaliar, mas é uma ação contínua. E, milagrosamente, o que faz um aluno acertar é quando ele é provocado, questionado e aplaudido quando tem êxito. Isso refere-se a uma avaliação apreciativa e não depreciativa. Pode-se aplaudir com a fala, com um gesto, um olhar.

Os professores precisam usar modos de elogiar, de agradecer, de perguntar, respeitando as condições que se enfrenta atualmente. Mas, é importante aproveitar esse momento para desenvolver esses procedimentos, que são muito importantes e contínuos. Quanto ao registro denominado portfólio, a professora Dilma Guimarães, criadora do Telecurso, denominava de memorial, uma maneira do estudante registrar a sua vida, a sua memória, como também o professor. Isso não significa que o professor deve desistir de fazer uma prova comum, coletiva, mas deve-se aproveitar muito mais esses momentos do dia a dia, faz mais sentido do que esperar a oportunidade de uma forma tradicional e geral, na qual o professor tem pouco tempo para fazer uma apreciação coletiva. O professor deve destacar as virtudes do aluno em voz alta, mas o que está errado em voz baixa. Para isso é necessária uma revolução no conceito de avaliação.

Quando o estudante recebe uma atividade que o professor propõe a distância é possível que outras pessoas participem desse momento para auxiliá-lo, e isso não é um problema. Todas as vezes que o professor torce por um estudante que ainda não está no nível desejável, ele conseguirá “fazer o gol”. É preciso torcer por cada um dos estudantes, é claro que alguns já não precisam de muita torcida, porque tem tanta energia interior, que explodem nas suas atividades, já outros precisam de muita torcida. O professor também precisa de torcida, dos colegas, estudantes, diretores, famílias, enfim, da sociedade.

A participação da família nesse processo é muito interessante, porque pais e professores também estão aprendendo com os estudantes, então, de repente os estudantes se tornam um pouco professores e os pais se tornam estudantes. Estamos na hora de mudar o modo de fazer as coisas, trabalhar o aluno, fazer com que ele aprenda, mas de outras formas. Não sabemos quando acabará essa fase, de qualquer forma, tudo o que vier depois, deverá ser uma continuação, não poderá existir uma prova final, não poderá ser interrompido por uma reprovação, mas deverá ser dada continuidade, com todos os estudantes seguindo adiante.

O entrevistador destacou que tem percebido muita angústia dos professores, preocupados com o resultado final, com os índices de aprovação e reprovação, entretanto, não é ano de preocupações desse tipo, estamos vivenciando um momento atípico de aprendizagens, de mudança de paradigmas. Existem muitos professores inseguros, principalmente aqueles de escolas particulares, porque os pais assistem às aulas com os filhos, é como se eles estivessem em sala de aula, o que faz com que os professores se sintam acompanhados, avaliados em todo o tempo. No entanto, esta avaliação não está ocorrendo apenas com os professores, mas todos estão sendo avaliados, escola, professores, estudantes, pais, enfim, este período de pandemia (quarentena) está proporcionando uma reflexão em toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, a entrevistada relatou que seria bom que em sala de aula ela sempre tivesse um colega para dialogar, auxiliar, participar. Os professores sentem falta de um colega por perto ou do diretor, para em algum momento elogiar, motivar. Também sentem falta de outros estudantes querendo fazer parte da sua sala de aula. Isso também é avaliação.



A entrevistada contou uma história, apresentada pelo professor Michel Quinn Patton, um estudioso da avaliação, que contou: um professor vivia em um país onde não existia fruta, mas assim mesmo, ele escreveu sobre as frutas, dizendo que eram maravilhosas, excelentes, um dia levaram o professor em um pomar, totalmente florido, e ele deslumbrado começou a tirar as flores e pensando que eram frutas, começou a provar, assim achou horrível e disse, não acreditem nas frutas, são insípidas, ele confundiu a flor da primavera com o fruto do verão. Ele não esperou o verão chegar, e encontrou o fruto ainda em flor, isso é o que fazemos quando classificamos o estudante, classificamos o trabalho antes de esperar o seu amadurecimento natural, e assim precisamos aguardar para poder festejar o verão pleno de sol.

Quanto a uma avaliação pós-pandemia, comentou que vê um futuro com uma avaliação revolucionária, diferente, porque vai aproveitar os pontos positivos daquilo que sempre foi realizado e do que estamos aprendendo a fazer. Essa comunicação individual, que vai corrigindo cada situação por sua vez, aplaudindo, elogiando e com registros das atividades dos alunos. Os avaliadores do mundo inteiro têm se reunido para tratar a questão da avaliação, entretanto, o caminho é muito simples, ou seja, “professores joguem a sua própria luz para iluminar a prática avaliativa, em outras palavras, você vai criar a sua avaliação, desde que você siga esses princípios quase sagrados, do respeito, da ética, do entusiasmo, da alegria, de uma avaliação que dá prazer”.

A entrevistada reconheceu que não é fácil, afinal vive-se um momento difícil de entendimento, de compreensão, de descobrir, de propor soluções, não é fácil para todos, mas é possível, “com fé temos essa luz para ver como fazer melhor aquilo que é a nossa missão, eu creio muito, tenho certeza, que melhor que notas e boletins é ter pessoas transformadas”. A professora citou Paulo Freire quando disse “precisamos criar um mundo em que seja menos difícil amar”. E ainda falou, “Jesus às vezes acalma as tempestades, outras vezes ele acalma o marinheiro, mas às vezes ele ensina a nadar, e acho que agora estamos aprendendo a nadar”.

Vale destacar que a professora Thereza aborda a avaliação com muita afetividade, como um momento crucial do processo educacional. Ao destacar a importância de o professor ter contato individualizado com cada estudante, ela ressalta que cada um é essencialmente diferente, ou seja, aprende diferentemente,

portanto precisa em algum momento da trajetória ser observado, para que o docente identifique as particularidades.

Ao dizer a frase “professores joguem a sua própria luz para iluminar a prática avaliativa”, mais uma vez ela suscita no público docente, o despertar de sentimentos profundos que precisam direcionar cada professor em sua caminhada, para que assim, possam contribuir positivamente na vida de cada estudante, sendo agente de transformação através do processo de aprendizagem.

### **7.3 Live C: Como avaliar na perspectiva EAD**

A terceira *live* apresentada na pesquisa, trata-se de uma entrevista com três professoras da EAD. Abaixo, estão apresentadas as principais contribuições extraídas dessa conversa, aplicáveis ao contexto da pesquisa:

A quarentena fez com que todos passassem por um período de intensa aprendizagem, ao mesmo tempo que professores buscam formas de ensinar os estudantes, estão mergulhando em novos conceitos e conhecimento do novo cenário.

Segundo a professora 1, querendo ou não quando iniciou-se o processo de sair da escola e levá-la para casa, houve uma tentativa de usar o termo ‘educação a distância’, mas EAD é muito diferente do que está sendo realizado, seguem modelos muito diferentes, o que está sendo realizado segue um modelo muito diferente do que espera-se de EAD, na qual se tem um material fixo, planejado por um grupo que talvez o professor não conheça, com modelos de avaliação fixos, interação com o tutor, instrutor, que é uma pessoa que vai interagir como aluno quando ele tem dúvida, existe pouca personalização. O que vive-se hoje é uma situação emergencial, longe do quadro ideal que se espera da educação, uma situação de pandemia. Isso não é somente no Brasil, mas no mundo todo. Então, passou-se a chamar de ‘educação remota’, que engloba o que há de melhor na educação a distância e o que há de mais interessante e possível de se trabalhar da escola presencial.

Ainda de acordo com professora 2, pode-se chamar de 'aprendizagem on-line', as aulas remotas podem ser consideradas dessa forma. Não existe a possibilidade de o aluno ficar 50% do período a distância e 50% do período presencial. Em termos de papel do aluno, destaca-se que o estudante do EAD lê muito, interage pouco. Nas aulas remotas, há muita interação, tenta-se fazer com que haja interação. Em termos de ritmo de aulas, nas aulas remotas é possível personalizar porque o professor conhece os alunos, sabe quem está esperando para entrar na aula. Assim é possível personalizar, com a possibilidade de estar o tempo todo em interação com o professor. Em momento algum, os professores foram treinados para esse momento, existem elementos importantes da EAD que podem ser aproveitados, mas também existem muitas coisas do presencial que estão sendo adaptadas. Estamos em aulas remotas em situação emergencial.

A professora 3 destacou que a maioria dos professores não estavam preparados para ministrar aulas remotas, da mesma forma os alunos, assim é complicado esperar que os alunos consigam manter o ritmo de aprendizagem que existia nas aulas presenciais.

Acerca da relação entre avaliação e o currículo, a professora 1 pontuou que um dos seus professores do mestrado dizia que quanto maior o envolvimento com a aprendizagem, maior o envolvimento com a avaliação, sendo necessárias novas reflexões e a busca por novas formas de avaliar, porque é o aspecto mais desafiador da profissão docente. As questões avaliativas fazem parte de reflexões anteriores à situação da educação remota na pandemia. O sistema de avaliação está atrelado ao currículo da escola, ele é pensado segundo uma concepção de aprendizagem e agora ao transportar o currículo do presencial para o modelo remoto, também é necessário identificar o que há de melhor do presencial e do EAD, o que é que cabe na avaliação.

A professora 2 ainda apresenta o modelo do 'desenho invertido' que parte do princípio de que 'primeiro se pensa onde quer chegar', ou seja, para onde eu vou e o que eu vou precisar'. O que o professor espera que os seus alunos aprendam? O que eles querem aprender? Quais evidências podem ser coletadas ao longo do caminho, referente ao modo como eles aprendem, de como eles estão aprendendo neste momento? A partir disso, propõe-se um olhar para o currículo que está sendo transportado para o ambiente on-line, com a seguinte premissa: ao final de uma

unidade ou período, o que se espera que esses alunos tenham aprendido, além dos novos aprendizados que eles têm adquirido, como exemplo, o uso de novas ferramentas virtuais, que fazem parte de um aprendizado que também ocorre por meio da interação com os pares.

Nesse currículo redesenhado para o ambiente on-line, vale pensar em uma circularidade, ou seja, ao propor um objetivo de aprendizagem é fundamental identificar de que maneiras esse estudante vai aprender e quais recursos ele tem? Nesse sentido, ao elaborar o currículo, é necessário planejar os processos avaliativos de forma integrada, considerando o que vale a pena aprender e ensinar, além do que esses alunos estão aprendendo nesse caminho.

Nem todos os estudantes têm acesso às mesmas tecnologias, assim, considerando o nível de acesso individual, o que é possível fazer? Portanto, é fundamental pensar com a equipe de cada instituição, o que é que os alunos aprenderão e que ferramentas ou abordagens poderão ajudá-los nesse processo, além do papel dos professores em auxiliar os estudantes a identificar como eles podem aprender no ambiente on-line, afinal existem alunos que estão conseguindo ficar muito mais concentrados e têm melhores resultados, outros, que tinham um bom desempenho no presencial, agora estão mais retraídos e sentindo muitas dificuldades.

Ainda, acerca da avaliação na educação remota, a professora 2 abordou a avaliação baseada nas competências. Ela relata a importância do desenvolvimento de competências por projetos, ou seja, quais competências precisam ser desenvolvidas nesse período, no chamado projeto da 'educação remota', ainda, quais competências esse projeto determina como uma aprendizagem importante.

Acerca da avaliação das competências e habilidades, a professora 3 relatou que o primeiro desafio é a necessidade de revisar o currículo e identificar quais competências e habilidades podem ser desenvolvidas em casa, fora do ambiente escolar. Em segundo lugar, o professor precisa acreditar no trabalho que está sendo realizado de forma on-line, assim, ele conseguirá se envolver, nesse formato. A partir disso, o professor terá alegria na aplicação de algum instrumento de avaliação. E ainda, ele precisa mudar o seu comportamento, influenciando os demais envolvidos no processo. Esses pontos são fundamentais, já que o grande desafio é criar um ambiente de avaliação que demonstre equidade e responsabilidade.

Entre outros, ela também destacou a importância da coerência do modelo de avaliação e da abrangência, ou seja, qual será o alcance da avaliação proposta, afinal são formatos diferentes diante de seres humanos com os mesmos estímulos, que têm respostas diferentes, além da continuidade da avaliação. Com destaque para análise de como o aprendizado está acontecendo, para utilizar o instrumento mais adequado. Ainda, a professora destaca que é muito difícil chegar a uma fórmula mágica.

No que se refere a evidências de aprendizagem, a professora 1 relatou que existem muitas pesquisas e estudos que mostram a eficiência da avaliação formativa, que é processual e você vai coletando evidências ao longo do caminho, mas um ponto crucial da avaliação formativa é o *feedback*. No momento atual pode estar relacionado ao andamento das aulas (acesso, se o aluno ouve ou não), mas o mais importante refere-se às atividades propostas. Nessa situação existe um grande desafio, afinal dar feedback individualizado demora muito tempo, portanto, o professor precisa identificar formas de dar retorno ao aluno, seja em grupo ou individual.

A avaliação somativa é o retrato de um momento, como uma fotografia da aprendizagem, ou seja, ao final de um módulo ou período, o professor aplica uma atividade avaliativa que demonstrará o resultado (aprendeu ou não aprendeu), mas seria importante que ela pudesse compor com a avaliação formativa. Entretanto, muitos docentes questionam essa composição, contrapondo com o fato de que os alunos são auxiliados pelos familiares, mas esse pensamento não se aplica ao modelo atual, afinal, na educação remota, os pais são parceiros ativos no processo de aprendizagem, ou seja, os professores precisam reeducar e informar os pais quanto ao papel a ser desenvolvido, além de questioná-los quanto a forma que os alunos aprendem. A professora 1 ressalta que nesse momento a avaliação formativa tem um papel fundamental e muito maior que a avaliação somativa.

Concernente aos critérios para escolha de ferramentas tecnológicas para avaliação, a professora 2 relata que o professor nunca deve utilizar uma ferramenta primeiramente para avaliação, mas é necessário experimentar antes, ajudar o aluno a entender o funcionamento, para em determinado momento servir como instrumento de avaliação. Ainda, a personalização é muito importante, ou seja, quem é meu aluno, qual é o objetivo que eu tenho com a avaliação, qual o momento em

que ela está acontecendo, já que ela pode ser uma avaliação processual ou de produto. Existe um erro ao pensar que para avaliar em EAD é só criar um questionário com questões objetivas, já que pode ser difícil tanto para o professor quanto para o estudante, além de em muitos casos não ser a avaliação adequada.

Uma sugestão são as ferramentas com gamificação, como o *kahoot*, que é uma ferramenta que parece um jogo, mas que você pode utilizar os conteúdos que você gostaria de avaliar e usar essa ferramenta como uma forma de avaliação. Quanto aos questionários, podem ser realizados em Google Forms, Microsoft Forms, que são ferramentas gratuitas, afinal recomenda-se que o professor não financie a compra de ferramentas. Pelo contrário, ele deve analisar quais são as ferramentas disponíveis na escola para elaborar as avaliações e a partir disso, vale tentar usar para fazer avaliação.

Concernente ao modo de fazer a aprendizagem colaborativa acontecer por meio de ferramentas on-line, Renata destaca que existem diferentes aplicativos, como Word Online ou Google Docs, em que o professor consegue abrir um documento e os estudantes conseguem colaborar nele. Outra sugestão da professora refere-se a abertura de salas on-line e interagir com os estudantes, como uma roda de conversa, semelhante ao modelo que era utilizado no presencial. Existem diferentes recursos que os professores já conhecem, já utilizam e que podem ser utilizados para avaliação.

O principal é definir o que você está avaliando, quem são as pessoas que estão sendo avaliadas e quais os recursos disponíveis para avaliação. Enfim, para definir quais os critérios que o professor deve utilizar para definir as ferramentas a serem utilizadas, é necessário identificar quem são os estudantes e o que você quer avaliar, já que em alguns casos pode ser necessária mediação, outros têm mais facilidade, mas independentemente disso, é necessário criar um roteiro para explicar como usar a ferramenta.

Ainda, a professora 2 ressalta que para organizar esses processos, identificando as ferramentas disponíveis e adequadas, é necessário que os professores tenham apoio das instituições, e que estas façam uma avaliação delas mesmas, quanto ao que podem oferecer ao corpo docente e discente. Entre outros pontos, nesta avaliação, a instituição precisa identificar quais as necessidades dos estudantes, quais as ferramentas que os professores podem utilizar, quanto o

servidor segura de informação (por exemplo, se todos os alunos mandarem vídeos, como serão armazenados?).

A professora 3 apresentou outras ferramentas que podem ser utilizadas para a realização das avaliações, como o podcast, vídeos e as narrativas transmídias. Entretanto, destacou que é necessário conhecer quem é o estudante e o seu potencial, além das condições ambientais para utilização do instrumento, já que existem estudantes que não têm acesso a internet ou que apresentam outras dificuldades. Sendo assim, é fundamental compreender o que o estudante possui de ferramentas para realizar a escolha do melhor cenário para a avaliação.

Ela ainda ressaltou a oportunidade atual de avaliar as competências digitais e socioemocionais. O processo avaliativo precisa ser aplicado com sensibilidade, porque o próprio processo já mexe muito com a emoção do estudante, então se a escola não for generosa na aplicação dos conteúdos, poderá desmotivar os alunos. Assim, é importante pensar no desenvolvimento potencial dessas habilidades durante o processo de aprendizagem do estudante, como a questão da adaptabilidade ao novo cenário e a automotivação. Afinal, o professor precisa trabalhar para manter o engajamento da turma mesmo após estarem expostos ao instrumento de avaliação, que não pode servir como desestímulo, tendo cuidado para que o processo de avaliação não seja doloroso para o estudante, mas que proporcione o desenvolvimento da autonomia, ou seja, o que ele pode fazer sozinho, quando precisa de monitoramento, além dos requisitos definidos pelo professor, ou seja, o estudante pode ou não ser assistido naquela situação.

É fundamental uma comunicação muito eficaz e positiva, escola, estudantes, famílias, todos precisam estar numa régua de comunicação eficaz e muito potente. É preciso saber comunicar para os pais o que está acontecendo, é preciso comunicar principalmente para o aluno. Nesse processo destacam-se outras competências a serem avaliadas, como a capacidade de diálogo, desenvolvimento de cidadania digital, consciência, empatia, curiosidade e criatividade. A professora Eny deixou um desafio que se refere a perguntar aos estudantes quais são os instrumentos de avaliação que os professores podem utilizar para medir o que eles estão aprendendo?

A professora 1 finalizou destacando que é necessário pensar que tradicionalmente a avaliação focava no êxito, no que o aluno era capaz de fazer,

muito competitiva, na qual o erro tinha um olhar muito escondido ou diminuído dentro da aprendizagem, mas agora, estamos aprendendo a lidar com coisas novas, portanto aprendendo com os erros. Assim, o foco agora é pensar acerca do lugar do erro nesse cenário, o pai ou a mãe que querem corrigir o erro do aluno, o professor que se sente observado porque não pode errar, qual aprendizado fica para as famílias, estudantes e professores? Aprender a partir do erro, que pode ser algo riquíssimo, o que não significa errar de forma irresponsável, mas aprender a aprender e isso inclui o erro de uma forma mais humanizada.

Na conclusão, a professora 2 relata que ninguém melhor do que o próprio professor para saber avaliar o seu grupo, que talvez seja por tentativa e erro, com a experimentação, vai conseguir chegar a um modelo ideal de avaliação nesse contexto de aulas remotas. Ainda, ressaltou que as pessoas aprendem de forma diferente, assim, se tivermos apenas uma forma de avaliação, ela não será justa, ou seja, vale diversificar, fazer com que os estudantes experimentem o modelo de avaliação remota antes de ser avaliado formalmente, que haja a consideração de que esse modelo é novo para todos, e que dará certo.

A professora 3 encerrou destacando que devemos sempre pensar na coerência do processo, na importância de ser condizente com o que estamos fazendo. Portanto, não tentar avaliar de uma forma diferente essa experiência de aprendizagem, porque tudo que estamos vivendo hoje são experiências, os estudantes estão vivendo uma experiência de aprendizagem, os pais também estão vivendo essa experiência de aulas on-line, da mesma forma os professores. Pensar na coerência, que não se distancie dos instrumentos de avaliação.

A entrevistadora destacou a importância do diálogo entre alunos e professores e entre professores e escola, porque é fundamental que os docentes tenham essa voz e possam sugerir formas de avaliação. Também deixou a seguinte citação: “O analfabeto do século XXI não será aquele que não consegue ler e escrever, mas aquele que não consegue aprender, desaprender e reaprender” (TOFFLER, 1970).

Concernente ao posicionamento das professoras, destaca-se que são profissionais com especializações diferentes, portanto “passearam” no cenário educativo pandêmico, abordando assuntos diferentes e complementares na temática da avaliação, desde as diferenças entre EAD e a Educação Remota Emergencial até os instrumentos avaliativos que podem ser utilizados on-line.



## 7.4 Live D: Ensino e Avaliação em Tempos de Pandemia 1

Nesta *live*, a entrevista é com um professor Mestre e Doutor em Educação. Abaixo, estão apresentadas as principais contribuições extraídas dessa conversa, aplicáveis ao contexto da pesquisa

Iniciando a conversa, o professor entrevistado relata que ensinar a distância é uma novidade para os professores, que precisam contar com a autonomia da criança, que busca solucionar problemas, que tem dentro de si a crença de que ela consegue fazer. Assim, os professores de forma geral estão descobrindo que poderiam ter desenvolvido mais a autonomia dos alunos, o que ajudaria muito agora.

Relata que este pode ser o momento mais desafiador da história recente, já que a pandemia está colocando luz em problemas antigos da educação, pois há muito tempo discute-se a importância de promover uma aula em que os alunos tivessem uma participação maior que tem tudo a ver com o desenvolvimento de autonomia. Há quanto tempo fala-se da importância de usar a tecnologia no fazer e agora estão precisando aprender a usar a tecnologia de qualquer maneira. Também não é recente a abordagem sobre a clareza do papel dos pais e da escola no processo de aprendizagem. Esse momento é importante para fazermos uma autoavaliação, afinal a pandemia está trazendo novos problemas, mas também está evidenciando alguns problemas antigos.

Acerca da educação remota (também chamada por muitos de educação a distância), o professor destaca a importância de três pontos: a clareza dos objetivos por parte dos alunos, a forma de dar as instruções para o estudante e também ao produto final da aprendizagem, que é fundamental quando se fala em educação remota. O estudante precisa compreender o que se espera dele e ao final do processo apresentar os resultados da aprendizagem para identificar que os desafios foram vencidos.

O professor precisa fazer a leitura de quanto o estudante aprendeu, mesmo não estando próximo a ele, por exemplo, em Língua Portuguesa é o equivalente a criar ou recriar histórias, mudar um final, escrever sobre o que entendeu de um vídeo, isso tem muito mais a ver com educação remota do que classificar palavras como oxítonas, paroxítonas, ou seja, priorizar uma aplicação contextual.

Ainda, aprender remotamente depende de três elementos fundamentais: clareza dos objetivos por parte dos alunos, já que os professores não estão disponíveis para tirar as dúvidas presencialmente; ter um certo nível de autonomia para saber pesquisar, para procurar uma resposta, para saber manusear um livro, usar a internet; e a sistematização da aprendizagem, como o estudante está distante, o professor precisa fazer com que ele sistematize o que aprendeu, é necessário que ele faça algo para mostrar que ele realmente conseguiu entender. Essa recomendação é válida para todos os níveis da Educação Básica e na Educação Superior. Ele destaca que definitivamente aprender a distância não é igual ao aprendizado presencial.

O professor destacou que há muito tempo aborda-se a importância de o professor usar novas ferramentas, já que temos tantas tecnologias digitais disponíveis, mas que sempre existiu muita resistência. Ele questiona o professor Júlio quanto ao tipo das atividades solicitadas aos alunos, podem ser em grupo ou não? Assim, o professor Júlio relata que a educação remota viabiliza muito mais facilmente as atividades individuais, mas existe como promover atividades grupais, mesmo ensinando remotamente, alguns aplicativos já oferecem esse tipo de atividade, possibilitando discussões e atividades em pequenos grupos.

Em relação ao plano de uma aula a distância, o professor Júlio relata que precisa ter 6 partes fundamentais: os objetivos de aprendizagem na linguagem do aluno; a interlocução do professor, ou seja, de que forma o professor vai interagir com o aluno na aula, seja através de um vídeo, uma web conferência ou outras; necessidade ou não de mediação de um adulto, se for necessário, é preciso que o professor se comunique com o adulto informando como deverá ser realizada a mediação; a sistematização da aprendizagem, o que o aluno vai precisar fazer para demonstrar o aprendizado; atividades a serem desenvolvidas para que o aluno consiga se auto avaliar; forma de feedback ao aluno, seja através de atividade síncrona ou outras.

Acerca do papel dos pais na educação remota, ele relata que é o mesmo papel que os pais tinham com o dever de casa quando o filho estava na educação presencial, já que atividades remotas que contam com os pais para fazer o papel de professor, com certeza foram mal planejadas. Assim, a responsabilidade dos pais está relacionada a proporcionar condições apropriadas para que a criança

desenvolva a tarefa e supervisionar, além de dar dicas para realização. Vale ressaltar que o dever de casa pertence aos alunos, assim, se o pai precisa ultrapassar esse limite tem algo errado. O papel dos pais na educação remota é similar ao apresentado sobre o dever de casa, com responsabilidade de, se necessário, auxiliar.

A escola tem o dever de ensinar. Assim, nesse momento, os pais precisam ajudar os filhos a construírem a autorregulação, que se trata de saber o que fazer, quando fazer, como se comportar. A escola precisa ter em mente que são os filhos que estão em casa e não os alunos, já que as crianças se tornam alunas quando vão para a escola, o que faz o aluno é o contexto da escola. Então, nesse momento, os professores precisam dos pais para transformarem os filhos em seus alunos. Por exemplo, a criança pode estar em casa assistindo aula de pijama, que é uma postura inadequada, assim, os pais têm a responsabilidade de fazer com que o filho se vista adequadamente para assistir a aula, como um aluno. A tarefa complicada dos pais é transformar os filhos em alunos nesse momento em que os professores não estão perto, assim, os pais precisam ser esses tutores, viabilizadores, mediadores na transformação da postura dos filhos para a de alunos.

Concernente a forma de avaliar no contexto da educação remota, o professor Júlio destaca que primeiramente vale lembrar o que significa avaliação da aprendizagem, ou seja, subsidiar a aprendizagem e servir a aprendizagem. É uma forma de garantir que todos aprendam. Avaliar, nada mais é do que descobrir quais os estudantes que ainda não aprenderam para poder rever tudo o que está sendo feito para que eles aprendam. Esse é o principal papel da avaliação, garantir que a aprendizagem vai acontecer. Avaliar serve para garantir que vai dar certo no final, para garantir durante o processo que o resultado final será positivo, a fim de tomar ações para que os objetivos sejam alcançados, logo, avalia-se para o sucesso, afinal avaliação que não termina em ação, não é avaliação. A primeira fase da avaliação é a constatação, a segunda é a reflexão e a terceira é a ação.

Sobre avaliação a distância não se pode reproduzir o mesmo modelo de avaliação presencial vigente, já que esse modelo se fundamenta na diretividade, no controle e na vigilância, elementos que não estão presentes na educação remota. Na pandemia, essa avaliação para registro, classificação é praticamente impossível de ser realizada na educação remota, apesar de algumas escolas estarem

realizando, mas acaba sendo “um faz de conta”. Agora é hora de falar de uma avaliação formativa, que tem objetivo de acompanhar a aprendizagem, avaliar o empenho que o estudante está tendo em resolver as atividades, o nível de participação, a persistência, isso é essencial avaliar. A avaliação formativa caminha lado a lado com a aprendizagem, tira dúvidas, na avaliação formativa o estudante pode consultar, pode ter todo o suporte que ele precisar, porque o que importa é que ele aprenda cada vez melhor. Na educação Fundamental muitos professores têm relatado que as escolas cobram que sejam lançadas as notas, assim, a recomendação é que vocês sejam generosos no lançamento das notas, porque não é momento de ter a nota como elemento de julgamento do estudante. No retorno às aulas presenciais, será necessário realizar uma avaliação diagnóstica de caráter cognitivo.

Uma avaliação a distância deve ser realizada de forma diferente da convencional, porque as condições são outras. A avaliação a distância precisa ter uma outra conotação, que por sinal deveria ser a mesma conotação da avaliação presencial, um componente da aprendizagem, um fator que verifica e caminha junto com a aprendizagem, então considerar as atividades que os alunos estão fazendo, o nível de dedicação na realização das atividades e a presença nas aulas, são elementos fundamentais no contexto da educação remota.

No retorno às aulas presenciais será necessário iniciar com uma avaliação diagnóstica, inclusive por determinação da lei, do Parecer 05/2020 do CNE, está definido que no retorno será necessário realizar uma nova avaliação diagnóstica. Inclusive, o Parecer 05/2020 determina que para as aulas remotas é necessário o controle da frequência, o planejamento das aulas enviado para o órgão regulador da escola, além da aplicação de avaliação (o mais processual possível), em síntese, é necessário avaliar o processo, não necessariamente uma avaliação cognitiva.

Acerca dos instrumentos de avaliação recomendados para aplicação durante o período de Educação Remota Emergencial na Educação Básica, o professor destacou que deve ser uma avaliação que facilita o aluno a continuar aprendendo, assim a própria execução das tarefas propostas deve ser um componente da avaliação. Quanto a outros tipos, pode-se citar o relato escrito, que é um instrumento a ser usado em qualquer nível, resguardadas as devidas proporções, ou seja, com a linguagem do aluno. Ainda, existe o relato em vídeo, que é muito interessante,

pode ser um vídeo com duração de 1 a 3 minutos com o resumo de uma temática. De forma específica para o Fundamental 2 e Ensino Médio, o aluno pode fazer uma síntese utilizando o Powerpoint, apresentando o aprendizado em relação a um conteúdo. Se a escola tiver acessibilidade digital, pode-se utilizar o Google Forms para elaborar provas, com questões respondidas e corrigidas em tempo real. Ainda, pode-se citar o Portfólio, uma atividade que facilita o acompanhamento, ou seja, o professor vai avaliando as atividades realizadas com a possibilidade de comprovar a evolução do aluno.

O professor aborda questões fundamentais referentes à avaliação, trazendo a sua experiência de sala de aula e fazendo comparações interessantíssimas quanto à prática avaliativa presencial e on-line. Um destaque pode ser dado às recomendações quanto a não reprodução do modelo presencial na ERE, pelo contrário, compreender que se trata de um cenário atípico, para o qual é necessário um olhar diferenciado. Ele ainda destaca pontos importantes que precisam ser seguidos no retorno presencial, fato que deve orientar os professores no sentido de não entrarem em “colapso”, afinal uma avaliação completa, conforme os padrões já estabelecidos, só poderá ser realizada quando estiverem presencialmente na escola.

## **7.5 Live E: Avaliação em Tempo de Pandemia 2**

Esta *live* é uma palestra para os educadores da cidade de Rio Negrinho - SC. Abaixo, são apresentados alguns pontos extraídos dessa palestra, aplicáveis ao contexto da pesquisa:

No Parecer 05/2020 foi realizado um levantamento de todas as informações disponíveis nos estados e capitais, algumas normas que já tinham sido elaboradas, além do que já tinha sido elaborado em outros países (os quais passaram pelo agravamento da pandemia em fase anterior ao Brasil), para então elaborar uma normatização nacional que pudesse direcionar os estados e municípios, oferecendo a segurança jurídica necessária. A Medida Provisória 934 que posteriormente foi transformada em lei, tinha proposto que não era necessário cumprir os 200 dias letivos, mas as 800 horas, o que se tornou um problema, já que não se sabia como fazer essa adequação.

As redes deveriam se organizar para fazer uma entrega não presencial, e eles observaram pelo país o uso das mídias sociais, TV pública, rádio, materiais impressos, WhatsApp, houve um conjunto de mídias utilizadas, para tentar fazer frente diante da impossibilidade das aulas presenciais. Inicialmente, ocorreu uma tentativa de replicar na educação remota o modelo de aulas presenciais, o que se mostrou impossível, já que se torna muito cansativo, professores e alunos não aguentam, não ocorre aprendizagem, já que não é educação a distância, mas educação remota. Obviamente, por ser um modelo inédito é necessário o aprendizado sobre o seu funcionamento.

Para suprir as dificuldades apresentadas acerca da Avaliação, foi elaborado o Parecer 11/2020 homologado em agosto de 2020, no qual considera-se que uma vez que seja decidido pelas autoridades competentes, sejam estaduais ou municipais, o retorno das aulas, as escolas deverão considerar as recomendações sanitárias e pedagógicas previstas. Uma das questões está relacionada a carga horária, já que não será possível cumprir os 200 dias letivos, o que já está assegurado juridicamente, no entanto, é necessário cumprir as 800 horas, exceto na Educação Infantil. Assim, sugeriu-se no Parecer que seja evitada a reprovação, a fim de diminuir a evasão. No que se refere a avaliação, recomenda-se a aplicação de uma avaliação com foco formativo e no retorno das aulas presenciais, a aplicação de uma avaliação diagnóstica, para a partir dos resultados, elaborar um planejamento adequado.

No caso específico dos anos finais da educação Fundamental e da educação Média, ele destaca os altos índices de evasão, com maior número no 6º e 9º anos impactando significativamente na educação Médio. Portanto, reforçou que as avaliações sejam formativas, para verificar o que foi aprendido, a extensão do aprendizado, dificuldades e com base nisso o professor poderá, se necessário, mudar as estratégias.

Concernente a avaliação somativa, em que é necessário atribuir notas, atualmente, vive-se uma situação de excepcionalidade, portanto, não se pode cumprir aquela rotina de definição de notas e isso poderá ser realizado baseado em documento legal, já que a recomendação do CNE no Parecer 05/2020 é que seja realizado um monitoramento/acompanhamento das atividades que os alunos estão

realizando, o qual além da perspectiva da avaliação formativa, pode ser base para a avaliação somativa.

Para os estudantes que não conseguirem fazer as interações, responder a contento, qualquer que seja o problema, seja por falta de conexão, equipamento ou qualquer outro, a recomendação é que a avaliação seja realizada quando for possível restabelecer o contato. Em uma situação extrema como a vivida atualmente é melhor ponderar, afinal é uma situação de excepcionalidade, é necessário agir de forma extraordinária. A avaliação deve ser vista como um meio para verificar o que foi realizado do que um meio para definir se aprova ou reprova, porque temos consequências sociais muito graves resultantes da reprovação e da evasão.

Do ponto de vista educativo e social é muito melhor flexibilizar os padrões avaliativos, porque é muito melhor que o estudante consiga realizar uma atividade do que nenhuma. É melhor flexibilizar a avaliação do que adotar uma postura de reprovação, que é uma tragédia social e pedagógica, com desdobramento inclusive para a gestão, porque aumentando o número de estudantes será necessário aumentar o número de professores, que será mais um aspecto para gerenciar. Assim, a recomendação do Parecer é que não se reprove e que a avaliação seja usada como um instrumento de monitoramento e que os resultados sejam utilizados no retorno das aulas presenciais ou híbridas.

A partir do retorno, será possível traçar estratégias para definir quais são os conteúdos essenciais que devem ter sido abordados durante a educação remota, que é o que diz a lei recentemente aprovada (antiga Medida Provisória 934), já que não será possível cumprir todos os requisitos, assim, será necessário selecionar as competências fundamentais de cada etapa/ano. A partir da BNCC esse trabalho se torna mais facilitado, já que as competências estão definidas e divididas de acordo com os anos. Então, a partir da BNCC será possível delimitar as competências mínimas necessárias de cada etapa e assim, dar continuidade no processo, a fim de que os estudantes se sintam motivados e tenham um aprendizado significativo.

Atualmente, está sendo realizado o que é possível, mas é necessário ter clareza das dificuldades que estão sendo enfrentadas no mundo. Assim, pode-se ter tranquilidade para tomar as decisões, principalmente com o interesse de favorecer a aprendizagem e o acolhimento. O principal elemento para se pensar avaliação na pandemia é o elemento da humanidade, ou seja, avalia-se para que e por que, nesse

sentido a avaliação é um instrumento para verificar o que foi aprendido e o que foi possível de ser aprendido, e com base nisso traçar estratégias para as próximas etapas. Portanto, a avaliação neste momento tem o objetivo de subsidiar a tomada de ações para ajudar, sobretudo os estudantes que mais precisam.

Ressalta-se que nesta *live*, o palestrante abordou aspectos relacionados aos pareceres homologados em 2020, com destaque para a não reprovação durante o período da educação remota emergencial e a aplicação de uma avaliação formativa. Ele também destacou as consequências sociais graves resultantes da reprovação e evasão, assim, a escola precisa desenvolver ações para diminuir ao máximo esse impacto, que contribuirá negativamente para o futuro do país.

## **7.6 Live F: A Educação em tempos de pandemia 3**

Esta *live* é uma palestra com um embaixador de Portugal na UNESCO, sobre o papel do professor e da escola frente à pandemia do Covid-19. Abaixo, são apresentados alguns pontos extraídos da conversa, aplicáveis ao contexto da pesquisa:

O professor inicia relatando que nesta altura, escolas e professores não podem abandonar os alunos, dizendo que não podem fazer nada, há sempre algo a fazer. “Se abandonarmos os alunos nesse momento, no futuro os alunos não irão confiar em nós”. Relata que acredita muito na escola e universidade pública, e seria estranhíssimo que em um momento tão dramático da sociedade a escola e a universidade pública estivessem ausentes. Sejam quais forem os argumentos, inclusive porque não concordam com a educação a distância, já que a situação é de anormalidade, quando é necessário recorrer a todos os instrumentos, como as plataformas digitais, a televisão, inclusive relata que em Portugal estão utilizando a televisão, sobretudo para a educação de crianças até 15 anos.

Na UNESCO em Paris, onde está como embaixador de Portugal, estão abertas inúmeras iniciativas de todo o mundo, afinal é necessário “dar asas à imaginação”. Assim, ele relata: “não podemos abandonar os nossos alunos, não podemos fazer-nos ausentes nesse momento central da vida das nossas sociedades



e neste momento tão dramático, porque são sobretudo os alunos mais pobres, mais frágeis, mais vulneráveis que precisam de nós”. Se os alunos mais pobres não têm acesso à internet, pode-se identificar outras formas, como a televisão ou outros meios, sobretudo, não é adequado arranjar desculpas para a ausência da escola na sociedade. As escolas são instituições centrais para o presente e para o futuro.

Em relação a driblar as dificuldades logísticas no Brasil durante a pandemia para prosseguir com os processos educacionais, o professor relata que é necessário partilhar uns com os outros, discorrer as páginas da UNESCO e conhecer experiências de outros países como a África, onde levam materiais na casa dos alunos, afinal, o mundo encontra-se em uma situação excepcional, “quem não tem cão, caça com gato”, é necessário recorrer a tudo que é possível, para manter essa ligação com os alunos, porque romper essa ligação seria absolutamente dramático.

O professor não defende que essa situação se transforme em uma nova normalidade, portanto é preciso ter cuidado para não transformar essa anormalidade numa qualquer normalidade futura e com isso acreditar que as plataformas digitais são uma solução miraculosa para os problemas da educação. Assim, é preciso distinguir o que é a intervenção emergencial, situação em que não se deve abandonar os alunos e o que é uma necessária renovação da escola, num processo que o professor chama de “metamorfose da escola”, de mudança da forma da escola, mas acentuando sempre essa dimensão do comum, do presencial, do trabalho em comum em um determinado espaço público, que é o espaço dos professores e dos alunos.

Essa distinção é fundamental para que não ocorram dois erros, o primeiro é dizer que “se os alunos não têm acesso é melhor não fazer nada”, e o segundo erro está relacionado a pensar que tudo vai ser transformado em educação a distância. Neste momento, é necessário estar presente, colocar em prática a criatividade, sobretudo não abandonar os alunos mais pobres e mais vulneráveis.

Concernente ao posicionamento do professor destaca-se a importância de os professores não se acomodarem com as dificuldades apresentadas, mas cabe a eles se mobilizarem para alcançar os estudantes, afinal a continuidade do processo educativo é primordial, principalmente para aqueles com maior necessidade. Outro fator de destaque em sua fala refere-se à eliminação de erros como não tomar ações,

já que os alunos não têm acesso às aulas ou ainda disseminar que a educação a distância vai ser aplicada a todos os níveis escolares.

## **7.7 Live G: Avaliação da Educação na Pandemia - EAD**

Esta *live* é uma palestra para professores da Educação Básica do Rio Grande do Sul. Abaixo, são apresentados alguns pontos extraídos dessa palestra, aplicáveis ao contexto da pesquisa:

A professora inicia sua fala a partir do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável - ODS 4, relatando que não é possível falar dos desafios da avaliação da educação em meio a pandemia sem discutir o que o Brasil se propôs em Educação Básica, no acordo firmado em setembro/2015 em assembleia das Nações Unidas, de que seria oferecido a todos uma educação que fosse inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Em resumo quer dizer que, agora já não basta mais para os 194 países que assinaram esse acordo a ser cumprido até 2030, dizer que será assegurado o acesso à educação, como foi realizado, por exemplo, com os Objetivos do Milênio.

Quando os Objetivos do Milênio foram propostos em Dakar nos anos 2000, o Brasil já tinha assegurado o acesso à educação Fundamental 1, mas agora fala-se nos Objetivos Sustentáveis sobre o tipo de educação, que seja inclusiva, equitativa e de qualidade. Uma das metas do ODS 4 diz que até 2030 será assegurado que todas as crianças completem a Educação Primária e Secundária (Educação Fundamental 1 e 2, além do Médio). Entretanto, no Brasil somente 75% dos alunos completam a educação Fundamental 2 e apenas 64% completam a educação Média na idade correta ou em até 2 anos depois, que seja de qualidade e equitativa, ou seja, qualidade entendida como a aprendizagem e quanto a ser equitativa, quer dizer que não haverá uma educação de segunda linha para os mais pobres. É muito importante fixar esse conceito, que para ODS 4, aprendizagem é o que confere qualidade.

A professora ressalta que vale analisar a situação da aprendizagem no Brasil pré-pandemia a partir dos dados científicos, assim ela apresentou alguns dados do

SAEB e IDEB para demonstrar que tem ocorrido melhorias no processo de aprendizagem, no entanto em processo muito lento, sem aprofundar a aprendizagem. Em relação ao PISA, um dado identificado a partir de pesquisa realizada com alunos demonstra que somente 2,7% deles disseram que desejam ser professores. Infelizmente, no Brasil a profissão de professor não é reconhecida como deveria.

Ao analisar os dados do IDEB de 2019, pode-se identificar que alguns estados e municípios se desenvolveram mais que outros, um exemplo é o Ceará, que das 100 melhores escolas do Fundamental 1 e 2 do país, 79 estavam no Ceará. De forma mais específica, o caso de Sobral que depois foi escalado usando regime de colaboração do governo do Ceará com os seus municípios, já que eles tinham um currículo claro, desenvolvido há muito tempo, organizado por bimestres, com monitoramento de dados de aprendizagem, com grande foco em aprendizagem e tentando garantir que a criança não abandonasse a escola, além de grande investimento na formação continuada dos professores, a partir do currículo e com o olhar nas avaliações formativas unificadas.

Ainda, a implementação de avaliações formativas unificadas, regulares e que vêm sendo aplicadas sistematicamente com devolutivas para todos na rede, o que faz grande diferença. Além disso, material de apoio de qualidade ao professor, além do livro escolar, um material de apoio que dialogue com o currículo.

Isso permite compreender um processo de melhoria contínua em aprendizagem para construir aquilo que a ODS 4 estabeleceu, ou seja, um aprendizado com altas expectativas para todos. Mas, o que constrói um processo de melhoria contínua na aprendizagem? Estabelecer resultados claros a serem alcançados por toda a rede. Não faz mais sentido pensar em cada escola como se fosse um feudo ou cada escola tendo a sua política educacional.

A autonomia da escola é justamente para se ter boa gestão, agilidade e flexibilidade, mas como diz o sociólogo Manuel Castells, vive-se em uma sociedade em rede, assim não tem por que as escolas não trabalhem colaborativamente. Daí a importância de se ter objetivos claros a serem alcançados por toda a rede, não no sentido punitivo, mas de uma escola ajudando a outra.

Currículo claro, monitoramento contínuo da aprendizagem e a possibilidade da devolutiva para todos na rede (divulgar os resultados de aprendizagem para todos

na rede, explicando e evitando que se descubra que um aluno está mal, prestes a repetir de ano ou que vai passar sem aprendizado, somente no final do ano), mas ao longo do ano vai entendendo que um certo aluno não está acompanhando, mas tentando abordar a não aprendizagem dele. Afinal, o que a ODS 4 aborda é um aprendizado para todos, não somente “altas expectativas” para aqueles que já estão motivados, se fizer isso, não se constrói equidade, porque o que leva a não motivação, muitas vezes é um fator extra escola, então precisa-se dar o direito a todos de aprenderem a se motivar, não somente receberem a mesma aula expositiva.

Uma outra estratégia para promover melhoria contínua na aprendizagem é construir ações afirmativas, expressão usada normalmente para cotas, mas neste caso, refere-se a dar mais para quem tem menos, ou seja, olhar para aquelas escolas que estão em áreas de grande vulnerabilidade e dotá-las de mais recursos. Se em crise fiscal não há recursos para dar o melhor para todas as escolas, o ideal seria investir mais nestas escolas, e torná-las centros em que os melhores professores vão dar aulas, pagando mais para esses docentes.

Inclusive, existe uma pesquisa que demonstra que pagar mais para professores que vão dar aulas nas áreas mais desafiadoras, muda a cena do jogo. Afinal, quem tem aulas nessas escolas, são os alunos que mais precisam do efeito escola, que só tem na escola a esperança de transformação das suas vidas. Assim, são nessas escolas que precisasse canalizar os melhores recursos, melhores equipamentos, conectividade em toda parte, normalmente acontece exatamente o contrário, são as escolas em bairros de classe média que recebem mais recursos.

Ainda, outro ponto para melhoria contínua em aprendizagem é o trabalho colaborativo dentro de cada escola, Michael Fullan fala muito sobre isso, vive-se na era da colaboração e o trabalho colaborativo dentro de cada escola é importante, ser professor não é ser profissional liberal, mas é um trabalho de equipe. Trabalho colaborativo dentro de cada escola e entre escolas em rede.

Apesar de percorrer todo esse caminho, infelizmente o problema de aprendizagem não será resolvido, e isso não está relacionado somente com a pandemia do COVID-19, mas porque vive-se um tempo chamado por alguns como “o futuro do trabalho”, com uma automação acelerada, inclusive com o advento da

inteligência artificial, que vem causando mudanças no mundo trabalho, e claro, também na educação, conseqüentemente na avaliação.

Alguns desafios estão ocorrendo em nível mundial, entre eles, a robotização acelerada, com extinção de postos de trabalho, desencadeando um aumento significativo da desigualdade social. Por outro lado, já começam a aparecer novos postos de trabalho que demandam competências e habilidades muito mais sofisticadas, e é claro, deverão ser oferecidas pela escola. Entre essas competências, destaca-se o pensamento crítico, pensamento sistêmico, análises aprofundadas, resolução de problemas.

Para avaliar essas novas competências, não poderá ser utilizada uma avaliação de aprendizagem que não vai ser capturada em provas de múltiplas escolhas. Se não forem desenvolvidas políticas públicas adequadas no caso da educação, entre outras, haverá um brutal crescimento da desigualdade social, e o Brasil já está passando por isso, seja pré ou durante a pandemia.

Frente a esses problemas, países com bons sistemas educacionais (20 primeiros colocados no ranking do PISA) estão tomando ações com foco em resolução colaborativa de problemas e em criatividade, afinal os robôs não colaboram em problemas que não sejam meramente operacionais. Desde a educação infantil precisa-se trabalhar com as crianças, adolescentes e jovens a resolver colaborativamente problemas não estruturados usando a criatividade.

Outro fator é a flexibilização dos currículos (todos os primeiros 40 países do PISA têm currículos nacionais), isso não quer dizer que “ter currículo é que é bom”, mas é importante para assegurar os direitos de aprendizagem de todos, mas não tem que ser vistos como listas de conteúdos e sim como habilidades e competências a serem desenvolvidas pelos jovens e promovendo interdisciplinaridade.

Como flexibilizar currículo e promover interdisciplinaridade? Basicamente por meio de aprendizagem baseada em problemas ou em projetos. Muitos professores fizeram isso durante a pandemia e a distância. A professora relata o seguinte: “fui júri de um prêmio de Matemática e Ciências e eu vi a quantidade de professores que no Fundamental 2 e no Ensino Médio conectaram a temática em Ciências e fizeram projetos relacionados à própria pandemia”.

Outra tendência importante é a personalização, que se trata de conseguir olhar para cada aluno e identificar no que ele consegue avançar e as insuficiências

de aprendizagem, conseguindo endereçar os desafios de cada um. Em uma classe de 40 alunos é irreal, porém a tecnologia é uma aliada nesse sentido, já que as plataformas adaptativas permitem que a partir de aulas digitais geradas pelo próprio professor ou desenvolvidas em conjunto pela rede, conseguem fazer uma testagem, avaliação do estágio que cada aluno está em sua jornada de aprendizagem e remetê-lo para o tópico que ele não entendeu.

Essas plataformas adaptativas ajudam de uma forma importante, evitando dois fenômenos presentes no Brasil, que são os altíssimos índices de reprovação e de alunos sendo aprovados sem terem aprendido. Os dois índices estão errados, o que se precisa é aprender uma forma de ensinar de forma que todos aprendam. Essas plataformas adaptativas têm sido aliadas nesses países com bom desenvolvimento educacional. Com isso, a avaliação formativa torna-se de fato um instrumento auxiliar do professor.

Outra questão que esses países vêm trabalhando há muito tempo é a cultura digital em Educação Híbrida, o que fez com que em muitos países europeus o processo de aprendizagem remota foi muito mais simples do que no Brasil, em que 85% dos municípios conseguiram desenvolver a aprendizagem em casa e todos os Estados tentaram fazer algo, mas não estávamos preparados tanto em termos de conectividade quanto em termo de preparo para fazer.

Cabe destacar outra tendência, que é o trabalho com as competências do século XXI, as chamadas socioemocionais, como persistência, resiliência, empatia, abertura ao novo (macro competência que dialoga muito com esse novo mundo do trabalho), adaptabilidade (que todos acabaram desenvolvendo durante o período de isolamento social). Ainda, ressalta-se o protagonismo do aluno (outra tendência da educação no mundo), um termo que foi trazido de um educador brasileiro chamado Antônio Carlos Gomes da Costa, que foi amigo de Paulo Freire e tentou juntar em um único termo dois conceitos: formar para a autonomia (Paulo Freire, Dewey e Maria Montessori) e formar para a cidadania global, que significa preparar esse aluno para ser um partícipe ativo nas múltiplas comunidades que começam na comunidade escolar e vão até a comunidade planetária.

Estas são ações que estão sendo desenvolvidas pelos países como preparação para o mundo do trabalho. Mas, para pensar o futuro existem outras questões importantes como o ambiente educacional. É fato que a escola precisa de

professores que tenham um ambiente e condições de trabalho adequadas. As pesquisas mostram o que funciona para um ambiente educacional que prepare para o futuro, entre outros, não é possível ter um trabalho colaborativo significativo se o professor tem que dar aulas em diferentes horários e locais durante um único dia, gastando a maior parte do tempo se deslocando, não sendo possível criar identidade com a equipe escolar e com os alunos.

O ambiente educacional brasileiro precisa ser transformado, com professores de dedicação exclusiva em uma única escola e com o tempo de atividades extraclasse dentro da própria escola, possibilitando o trabalho colaborativo entre os docentes e a aprendizagem colaborativa. As pesquisas mostram que a melhor forma de desenvolvimento profissional entre professores é trabalhando com os seus colegas, aprendendo um com o outro.

Espaços para prototipação de soluções, já que resolução colaborativa de problemas se tornou uma competência tão importante, várias escolas no mundo e em alguns lugares no Brasil estão criando espaços makers, que se tornaram espaços para prototipação de soluções. A própria ideia do projeto de vida do aluno, ou seja, o professor ensina o protagonismo para o aluno se entendê-lo como portador de sonhos de futuro. Cabe ressaltar que para a efetivação dessas ações, cada aluno precisa de um professor mentor, uma carga horária igual à dos primeiros 40 países classificados no PISA, de 7 horas por dia na escola, possibilitando tempo de ter aulas e atividades, além de reuniões com o professor mentor, para discutir não somente o projeto de vida, mas como as disciplinas que estão sendo ministradas dialogam com o seu esforço de construção de futuro.

A educação Híbrida, inclusive com sala de aula invertida, o que quer dizer, o professor dá aulas expositivas predominantemente por meio de uma atividade que deve ser realizada em casa, seja assistir um vídeo no Youtube ou fazer uma pesquisa sobre o tema, e o professor usa o tempo na escola e o melhor do seu talento para ensinar o aluno a pensar, a aplicar os conceitos presentes no vídeo ou na pesquisa em situações da realidade.

Outro destaque concentra-se no papel do professor como um pesquisador, e como disse Paulo Freire “um pesquisador sobre a sua própria práxis”, ou seja, sobre os seus alunos e sobre como vem funcionando a sua prática, de preferência,

colaborativamente, em comunidades de aprendizagem formadas na sua própria escola.

Nesse contexto, o que é ser professor? Como vai mudar a profissão de professor? Em primeiro lugar, o docente vai deixar de ser um mero fornecedor de aulas expositivas para ser cada vez mais um assegurador de aprendizagens e um pesquisador sobre sua práxis e seus alunos. Outro ponto fundamental, é que o professor precisa desenvolver “orgulho profissional”, ele tem o direito de receber da imprensa respeito profissional e não piedade. Acerca disso, numa pesquisa do Instituto Península aplicada no início da pandemia sobre aprendizagem em casa, na qual foram entrevistados um grande número de professores sobre como se sentiram dando aulas em plataformas, e o resultado foi de que se sentiam insatisfeitos, frustrados, porque não estavam preparados. Entretanto, a mesma pesquisa realizada em dezembro apresentou um cenário diferente, já que vários falaram de orgulho profissional, sentiram que superaram, que as aulas não são perfeitas, mas que ocorreu o aprendizado para atuar em diferentes mídias.

Outro fator importante na carreira do professor em tempos de mudanças é compensar essa formação inicial que ainda é muito divorciada da realidade do “chão da escola” com aprendizagens colaborativas, estudando, criando grupos de estudos na própria escola sobre temas relacionados a sua práxis. Além disso, criar uma mentalidade de crescimento em sala de aula, entendendo que todo aluno pode desenvolver talentos, segundo a professora Cláudia “não tem essa história de que alguns alunos têm talento para Matemática e outros não”. E, por último, mas não menos importante, ensinar a “aprender a aprender”. Já que será necessário aos alunos reinventarem-se em ondas sucessivas, na medida da extinção dos cargos, é necessário, com intencionalidade pedagógica, que sejam formados pensadores e aprendizes permanentes.

No que se refere a avaliação em casa, ressalta-se que é uma questão desafiadora. As provas podem ser realizadas em plataformas digitais, mas existe uma grande dúvida dos professores sobre a presença dos pais com os alunos na realização das provas. Neste contexto, cabe dizer que a prova é uma oportunidade para aprender, não é para punir ou recompensar esse aluno, mas para expô-lo a uma situação e verificar se ele está aprendendo ou não. Mas, naturalmente é fundamental que esse aluno seja estimulado a escrever.



Apesar da aplicação das avaliações durante as aulas em casa, no retorno será importantíssima a aplicação de avaliações diagnósticas. Algumas já foram feitas e os resultados são ruins, porque não é possível imaginar que após um ano letivo sem aulas, as crianças demonstrem ter aprendido de forma efetiva. A pandemia mostrou que o *homeschooling* não funciona para a grande maioria dos alunos. A partir dos resultados das avaliações diagnósticas, será primordial a elaboração de sistemas de recuperação de aprendizagem. Ainda, será necessário lidar com a forte tendência de abandono escolar e o agravamento das desigualdades sociais.

Por outro lado, é um momento de reações positivas da sociedade, quebrando paradigmas e reconstruindo. Frente a isso, se forem desenvolvidas boas políticas públicas para o retorno das aulas, para que a partir das experiências, os profissionais que conseguiram avançar na educação híbrido e metodologias ativas, possam transmitir para os demais.

Ainda, cabe ressaltar que a conectividade das escolas e das residências entrou para a agenda, mesmo que o projeto de lei tenha sido vetado, vai acabar voltando, já que a pandemia mostrou que conectividade é um direito humano básico. A professora relatou que deseja:

que a gente volte não para a antiga escola, mas para uma educação transformada, assim que houver, como eu defendo há meses, uma vacinação de todos os profissionais de educação. Aquilo que eu sonho que aconteça, é uma escola em que todos aprendam, que possa construir excelência com equidade, como diz o ODS 4, uma escola em que tantos professores como alunos trabalhem colaborativamente, uma escola em que o aluno aprenda a se reinventar, porque ele terá que se reinventar profissionalmente em ondas sucessivas de extinção de postos de trabalho uma escola em que os saberes não estejam fragmentados, em que haja uma religação dos saberes, uma escola que ensine a pensar e a aprender, uma escola que reserve tempo e espaço para formar para a autonomia.

Nesta *live* a professora apresentou um cenário mundial no que se refere à educação e seus desdobramentos para o alcance de uma aprendizagem que seja relevante neste novo cenário, o qual já estava sendo desenhado, mas que se acelerou mediante a pandemia. Sobre as consequências da crise causada pela pandemia, a professora destacou que trouxe evidentemente um grande sofrimento, com diversas perdas de vidas, perda de fonte de renda, fome, enfim, mostrou uma situação catastrófica. Por fim, o destaque da fala refere-se às reações históricas da humanidade diante das crises, já que também são momentos de quebra de paradigmas, de uma maneira ou de outra, houve uma aceleração muito grande da inclusão digital, tanto de professores como de alunos.

## 7.8 Principais contribuições das “lives”

A partir da análise das contribuições dos professores durante as *lives*, identificados alguns pontos comuns entre elas no que se refere a educação remota, avaliação e perspectivas para o cenário pós-pandemia, os quais estão apresentados no quadro 06:

Quadro 1: Amostra das Lives

Educação Remota Emergencial	Avaliação educativa	Perspectivas pós-pandemia
Elementos da EAD com adaptações do presencial, ou seja, a educação remota emergencial não é EAD.	Não existe nenhum modelo da educação presencial que possa ser aplicado na educação remota emergencial, sendo necessário adaptações.	Possibilidade real de implementação da educação híbrida no período pós-pandêmico, com a necessidade de alterações na proposta que está sendo utilizada.
Foco no desenvolvimento de algumas competências, entre elas: leitura, escrita, raciocínio lógico, digitais e socioemocionais.	A avaliação deverá ser realizada com base nos objetivos do currículo que foram cumpridos através da educação remota.	Os recursos digitais deverão fazer parte do processo educacional.
Possibilidade de completar 70 a 80% do currículo.	Utilizar ferramentas que os alunos já estejam familiarizados.	Não poderemos utilizar os mesmos recursos de tempos anteriores.
Escola, professores, alunos e família totalmente despreparados para as mudanças.	Não priorizar a identificação de notas, mas valorizar os processos avaliativos formativos.	Percepção diferenciada quanto ao processo educacional, tanto por parte da família quanto dos estudantes.
Impossibilidade de alcançar todos os estudantes, devido a dificuldade de conexão, falta de equipamentos.	Priorizar avaliações discursivas	Personalização dos processos educativos.
O Brasil estava despreparado para a implementação da educação remota.	Concentração nas avaliações transversais.	Reforço da autonomia do estudante.
Superação dos docentes e discentes, desenvolvendo novas formas de aprender.	Não é possível fazer avaliação de todos os componentes curriculares.	Reações históricas diante das crises.
Impossibilidade de finalizar o ciclo de 2020.	Realização de avaliação diagnóstica no retorno presencial.	Readequação dos alunos em ciclos plurianuais, com exceção daqueles em final de ciclo (5º e 9º anos EF e 3º ano do médio).
Eliminação da reprovação no ano de 2020.	Avaliação como parte do processo de aprendizagem.	Uso de plataformas adaptativas.

Fonte: Batista e Wunsch (2021).

Entre as temáticas comuns apresentadas nas *lives*, primeiramente destaca-se o fato da Educação Remota Emergencial estar baseada em elementos da Educação a Distância com adaptações da Educação Presencial, com uma busca na definição de atividades eficazes na implementação do “novo modelo”. Isso pode ser observado na progressão ocorrida ao longo do ano de 2020 e em 2021, em que

inicialmente, projetou-se a transposição das aulas presenciais para a modalidade on-line, seja em relação a forma de ministrar a aula, duração e aplicação de exercícios/avaliações, entretanto, ao longo do processo foi sendo alterado, a partir das análises de efetividade dos processos.

Ficou evidente o despreparo de toda a comunidade escolar para implementação da educação remota, apesar de tratar-se de uma escola inserida em um mundo tecnológico, percebeu-se que são necessários inúmeros avanços seja por parte da escola quanto das famílias. Nesse sentido, percebe-se a superação tanto de docentes quanto discentes, que têm criado estratégias para alcançar êxito na Educação Remota Emergencial. O Brasil estava despreparado para a implementação da educação remota, e isso torna-se claro ao analisar o número de estudantes que não tem acesso às aulas on-line devido à falta de conexão, dispositivos ou ambos.

Considerando a impossibilidade de completar o currículo no ano de 2020, planeja-se uma retomada no ano seguinte, o que inviabiliza a reprovação, inclusive essa é uma recomendação do Conselho Nacional de Educação. Com isso, coordenadores pedagógicos e professores, precisam focar no desenvolvimento de competências essenciais, como leitura, escrita, raciocínio lógico, digitais e socioemocionais, com a certeza de que será realizada uma retomada dos conteúdos no retorno presencial.

Concernente a avaliação ideal a ser aplicada na educação remota, pode-se perceber que não existe nenhum tipo de avaliação que possa ser apenas transposto da educação presencial, sendo necessárias adaptações. Essas adaptações precisam levar em consideração primeiramente o objetivo das avaliações, que devem estar atrelados aos processos de aprendizagem, assim, aplicar avaliações por meio de ferramentas que os estudantes já estejam adaptando, para não criar tumultos desnecessários e prejudicar os resultados.

Outro fator significativo refere-se ao conteúdo a ser cobrado nas avaliações, que deve estar focado nos objetivos do currículo que foram cumpridos através da educação remota, haja vista a readequação ocorrida nos anos de 2020 e 2021, com alterações das competências desenvolvidas nesse período. Além do conteúdo, é fundamental que os professores não priorizem a identificação de notas, mas valorizem os processos avaliativos formativos, com avaliações discursivas e que

englobem transversalmente os conteúdos que estão sendo desenvolvidos, além de questões do cotidiano do estudante durante a pandemia.

Um dos fatores preconizados pelo Conselho Nacional de Educação no Parecer 11 trata-se da aplicação de uma avaliação diagnóstica no retorno presencial, a qual já tem sido desenvolvida em muitas instituições, apesar de muitos alunos ainda estarem estudando somente de forma remota. Entretanto, é um momento importante de avaliação individual do estudante, para que o professor e toda a equipe pedagógica possam programar o desenvolvimento das atividades a partir desses resultados.

Acerca das perspectivas educacionais pós-pandemia, já é possível observar a implementação da educação híbrida, entretanto, pode-se dizer que serão necessárias inúmeras adequações para que seja oferecida de forma a atender eficazmente os estudantes presenciais e on-line, haja vista que o mesmo professor atende a todos ao mesmo tempo. Nesse sentido, identifica-se uma possibilidade de adequação, afinal, um modelo híbrido, prevê, entre outras, atividades diferenciadas para os momentos presenciais e remotos.

Ao longo desses quase dois anos, percebeu-se o desenvolvimento da autonomia do estudante, habilidade fundamental para estudar em modelos on-line, além disso, ocorreu automaticamente uma personalização dos processos educativos, pela necessidade dos docentes de ter um olhar diferenciado para cada participante da aula. Essa personalização é algo interessante e faz parte das tendências futuras da educação, com o uso de ferramentas tecnológicas que facilitam esse processo, com isso estão sendo disseminadas as plataformas adaptativas.

## 8 PERSPECTIVAS EDUCATIVAS PÓS-PANDEMIA DO COVID-19

As conjecturas pedagógicas são infundas, comentários, expectativas e até mesmo especulações fazem parte dos bastidores e estão vindo à tona, gerando inúmeras discussões e reflexões, entretanto, já pode-se falar com propriedade em perspectivas pós-pandemia, as quais são objeto das elucubrações de educadores e pesquisadores da educação, os quais, a partir do cenário pré-pandêmico e pandêmico, identificam novos cenários para o futuro, haja vista as inúmeras mudanças ocorridas neste período. Entre as inúmeras teorizações, destaca-se o fato de que quanto maior for o período de afastamento dos estudantes do ambiente escolar, a probabilidade de evasão aumenta, já que muitos não têm sido alcançados pela educação remota emergencial, seja por falta de conectividade, restrição alimentícia ou por falta de outras condições básicas.

Nós precisamos repensar o futuro da Educação, incluindo uma articulação apropriada entre o EaD e o Ensino presencial (UNESCO, 2020). Até porque, muitos no Brasil não têm acesso a computadores, celulares ou à Internet de qualidade – realidade constatada pelas secretarias de Educação de Estados e municípios no atual momento – e um número considerável alto de professores precisou aprender a utilizar as plataformas digitais, inserir atividades online, avaliar os estudantes a distância e produzir e inserir nas plataformas material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e online. Na pandemia, grande parte das escolas e das universidades estão fazendo o possível para garantir o uso das ferramentas digitais, mas sem terem o tempo hábil para testá-las ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-las corretamente. (DIAS; PINTO, 2020, p. 546)

É interessante destacar o cenário exposto e/ou agravado pela pandemia no que se refere às desigualdades sociais, já que ao mesmo tempo em que ocorreu uma grande mobilização concernente ao uso das tecnologias digitais, as quais possibilitaram a continuidade dos processos educacionais, também ocorreu um aprofundamento das desigualdades. De acordo com Marlova Jovchelovich Noletto - diretora e representante da UNESCO no Brasil, “os desafios potencializados pela pandemia incluem a falta de acesso à internet, a piora da saúde mental de pais e crianças, os riscos à saúde sexual e reprodutiva de meninas e meninos, o aumento da violência doméstica e a falta de acesso às refeições escolares”. (AGUIAR, 2021, p. 12)

É nesse cenário que a sociedade brasileira se encontra, as dificuldades do retorno para a educação presencial são inúmeras, inclusive alguns destacam como causa principal o comodismo da educação remota, mas o fato é que são inúmeras

as consequências geradas ao longo desse período, com destaque para o fato de que ainda se enfrenta a pandemia. Ainda, de acordo com Marlova, “o Relatório de Monitoramento Global da Educação identificou um aumento da exclusão durante a pandemia, bem como estimou que 40% dos países de renda baixa e média-baixa não foram capazes de apoiar os estudantes desfavorecidos durante o fechamento das escolas”. (AGUIAR, 2021, p. 14) Essa falta de apoio gera, além dos problemas de curto prazo, inúmeros outros que impactarão a sociedade a médio e longo prazos, afinal, com a diminuição de crianças e jovens na escola, o país apresenta lacunas quanto ao contingente de pessoas preparadas para o mercado de trabalho, seja por falta de competências técnicas que podem ser alcançadas na Educação Média quanto de outras adquiridas em nível acadêmico.

O impacto futuro decorre inclusive de uma constatação importante, apresentada por Buarque (2021, p. 35) que diz o seguinte: “Sabe-se que a educação de cada criança depende do grau de educação de seus pais, por isso, o salto educacional para elas exige um programa de erradicação do analfabetismo entre os adultos”. Ele apresenta essa necessidade no contexto referente a importância do desenvolvimento de políticas públicas que alcancem as pessoas carentes, que precisam ser amparadas para saírem da condição de analfabetismo e com isso poderão influenciar os seus filhos. Um dos grandes perigos da pandemia é a evasão escolar, que pode desencadear futuramente em mais crianças fora do ambiente escolar. Ele ainda destaca que:

cada vez mais a educação será um processo executado por um espaço muito mais amplo do que o sistema escolar: a educação vai exigir que os sistemas de comunicação, público ou privado, e as empresas de telefonia e todo o aparelhamento de telecomunicações sejam vetores educacionais, dentro de suas características privadas, mas como parte de um serviço público (2021, p.35-36).

Com a implementação da educação híbrida, tanto pais, quanto estudantes e professores estão enfrentando sérias dificuldades, entre outras, a falta de estrutura para manter a educação presencial e remota ao mesmo tempo, sem contar na própria exposição ao vírus, além da situação psicológica, emocional e física de todos os envolvidos.

De acordo com Vieira e Ricci (2020, p. 3):

Este período provocou também muitas reflexões - ou lições, ainda que iniciais - acerca do que precisará ser mudado na escola “pós-pandemia”. A primeira destas reflexões refere-se ao fato de que quem apenas segue currículos, sem estabelecer relações diretas com seu público e com a

realidade que o cerca, não entendeu o mandato educacional. Ou seja, não é prática viável apenas transpor conteúdos dos documentos curriculares, prescindindo dos pilares do que constitui o fazer docente: o planejamento, a seleção de conceitos e objetos de conhecimento, a reflexão acerca do que, a quem e para que queremos ensinar. É necessário ter claro que, ainda que neste momento ocorram de forma não presencial, estas são práticas de ensino escolares e possuem, portanto, caráter intencional. Ademais, é inviável, enquanto durar o regime especial de atividades não presenciais, tratar os assuntos da mesma forma como se estivessem sendo trabalhados em sala de aula, sem adequações didático-metodológicas. São diferentes tempos, diferentes espaços, ambientes diferentes de aprendizagem (os quais nem sempre possuem as condições ideais) e, além disso, os estudantes possuem condições desiguais de suporte e acesso às tecnologias.

A partir da fala de Vieira e Ricci compreende-se que aquelas instituições que se utilizam apenas do currículo para estabelecer troca com o seu público estão fadadas à falência, já que não compreenderam o principal objetivo da educação, portanto terão dificuldades para se manter em um cenário pós-pandemia, com todo o avanço ocorrido. Esse tipo de atitude é o ‘cartão de visita’ de instituições ou de educadores que ignoram o que é o ‘fazer docente’, mas apenas transpõe conteúdos dos referenciais curriculares, sem considerar o que é essencial para os estudantes, quem são eles e o que eles precisam. Esta análise é primordial tanto para o período da pandemia quanto posterior, já que a própria transposição de conteúdos ministrados na educação presencial para a educação online não é válida, pelo contrário, é totalmente inadequada.

As competências desenvolvidas na educação remota emergencial são diferentes daquelas desenvolvidas presencialmente. Um dos grandes desafios encontrados nesse período foi a dificuldade dos docentes em lidar com as tecnologias, entretanto, essa é uma competência discutida há muito tempo, inclusive Moran escreveu o seguinte acerca do docente:

Precisa aprender a trabalhar com tecnologias sofisticadas e tecnologias simples; com internet banda larga e com conexão lenta; como videoconferência multiponto e teleconferências; com softwares de gerenciamento de cursos e com softwares livres. Ele não pode acomodar-se, porque a todo o momento surgem soluções novas que podem facilitar o trabalho pedagógico com os alunos. Soluções que não podem ser aplicadas da mesma forma para cursos diferentes (2011, p. 43).

Acredita-se que uma das causas do bloqueio de muitos docentes em relação às tecnologias digitais está relacionado ao receio da perda de espaço, entretanto, trata-se de um ledô engano, já que as tecnologias podem ampliar a atuação do docente, fato que tem se destacado nesse período pandêmico, quando pais, amigos, responsáveis tem se desdobrado para suprir o papel do professor junto ao estudante,

mas não tem alcançado os resultados esperados, afinal, falta preparação para o exercício da prática docente. Inclusive, um dos resultados não esperados que decorreram da pandemia foi o fortalecimento da escola e do professor. Segundo Kenski (2005, p. 79):

o professor precisa ter consciência de que sua ação profissional competente não será substituída pelas tecnologias. Elas, ao contrário, ampliam o seu campo de atuação para além da escola clássica - "entre muros" e da sala de aula tradicional. O espaço profissional dos professores, em um mundo em rede, amplia - se ao invés de se extinguir. Novas qualificações para estes professores são exigidas, mas ao mesmo tempo, novas oportunidades de ensino se apresentam. Os projetos de educação permanente, as diversas instituições e cursos que podem ser oferecidos para todos os níveis e para todas as idades, a internacionalização do ensino - através das redes - criam novas oportunidades educacionais.

O fato é que esse pensamento não esteve somente entre os docentes, mas a própria sociedade de uma forma geral, durante a pandemia, refletiu sobre esse tema, assim como afirma Buarque (2021, p. 37), “a pandemia despertou na opinião pública a pergunta feita há décadas por especialistas em educação: se o ensino a distância substituiu a educação com a presença do professor”. Entretanto, as respostas a esses questionamentos sempre levam a uma resposta unânime, o papel do professor é aprimorado, ampliado, incluindo-o também como um mediador de tecnologias. E Buarque ainda usa o exemplo do cinema e do teatro para comparar o modelo de aulas ministradas na escola antes e depois da pandemia, “isto equivale à pergunta, no começo do século 20, se o cinema substituiria o teatro. O processo mostrou que não substituiu no sentido de eliminar; o cinema complementaria o teatro, como uma nova arte adicional”.

Uma das grandes preocupações dos professores no que se refere ao avanço tecnológico trata-se do seu papel, entretanto, como diz Buarque “a pergunta não é se dá ou não para ter aula sem a presença do professor na sala, mas como dar ao professor acesso às novas tecnologias para fazer a metamorfose da aula teatral para a aula cinematográfica”. Afinal, vive-se um novo tempo e parafraseando Buarque, hoje, já temos condições de substituir as aulas “teatrais” realizadas no período pré pandêmico, por novas aulas “cinematográficas”, utilizando os inúmeros recursos disponibilizados pelas tecnologias digitais, mas para isso, tanto docentes quanto discentes precisam mergulhar nesse universo tecnológico.

A pandemia serviu para confirmar que os professores são indispensáveis. A ampliação acelerada do uso das tecnologias de comunicação e informação no ambiente escolar, ao contrário do que alguns postulam, está reforçando o papel central dos profissionais do magistério. (MARQUES e



É fato que mesmo antes da pandemia já existiam altos índices de exclusão escolar no Brasil. Segundo dados do UNICEF (s/p), “em 2019, havia quase 1,1 milhão de crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória fora da escola no Brasil. A maioria deles, crianças de 4 e 5 anos e adolescentes de 15 a 17 anos”. Entretanto, esse cenário ganhou destaque durante a pandemia, promovendo discussões intensas, além da forte preocupação quanto a intensificação no período pós-pandemia, afinal a educação é um direito fundamental e a base de sociedades que promovem a equidade.

“Constatamos que o período de fechamento das escolas, e consequente adoção do ensino remoto, desvelou a questão da diferença profunda de acesso dos alunos a recursos tecnológicos e educacionais, refletindo as desigualdades socioeconômicas que apontamos”. (NOGUEIRA, 2021, p.312) Essa desigualdade é latente quando se percebe os índices que demonstram o número de estudantes que têm acesso a internet em casa, um dos grandes dificultadores para implementação da Educação Remota Emergencial no Brasil.

Apesar de todos os agravantes, a história mostra que em situações de crise as sociedades se desenvolvem de forma significativa e acerca disso, Parente (2021, p. 93) destaca:

Cientistas sociais defendem que crises, guerras e pandemias aceleram transformações sociais. Observadores, futuristas e pensadores da educação têm sugerido que uma aceleração na transformação educacional já está acontecendo como consequência da Covid-19. Precisamos fazer uma reflexão profunda sobre estas transformações. Por causa do necessário isolamento social, familiares de todas as classes sociais estão sendo obrigados a acompanhar, com maior proximidade às atividades educacionais de crianças e jovens.

Por outro lado, sabe-se que mesmo antes da pandemia já se discutia fortemente a necessidade de mudanças nos processos educacionais brasileiros. Entre outros motivos, destaca-se a necessidade de melhorar a aprendizagem dos estudantes, além de diminuir a evasão do ambiente escolar. Inclusive, essa necessidade de transformação é consenso entre pensadores e pesquisadores da educação. De acordo com Parente (2021, p.93), esses pesquisadores falam “ com muita propriedade e argumentos sólidos, dizem que precisamos de mudanças radicais na forma como organizamos e oferecemos a educação pública”. Agora, surge uma grande oportunidade, acelerada pela pandemia e suas consequências.

O período de mudanças tão anunciado e predito chegou, e citando uma pesquisa realizada pela Escola do Futuro da USP no final do século 20 com seus estudantes, pode-se identificar um cenário que vem sendo desenhado há algum tempo. De acordo com Ramos (2021, p. 41), “62% deles gostariam que suas aulas fossem oferecidas a distância, usando novas ferramentas de tecnologia de informação; 55% gostariam de montar seus próprios cursos; e 41% acreditavam que as salas de aula não mais seriam em um lugar físico”. Apesar dessa pesquisa ter sido realizada na educação superior, retrata uma nova cosmovisão do mundo que está sendo despertada nas últimas gerações. Ramos também cita que “foi preciso a chegada do Covid-19 para que tivéssemos a coragem de experimentar a mudança. o coronavírus funcionou como um catalisador, acelerando as mudanças no campo da educação”.

Mais do que um catalisador, a pandemia obrigou a tomada de ações diferenciadas e em nível de urgência, afinal, como um país pode sobreviver com todo o sistema educacional parado? De acordo com Castro (2020, p.51), “a anunciada revolução digital do século 21 chegou à educação básica de repente, e do pior jeito possível furou as portas das escolas. Foi literalmente produto de uma pandemia e não do avanço tecnológico”.

Em meio a isso, secretarias de educação, mantenedoras, escolas, diretores, professores, todos começaram a trabalhar com o foco na implementação da educação remota, inicialmente apenas para suprir uma demanda pontual, mas que tem sido estendida e provocará mudanças permanentes. Segundo Castro (2021, p. 51), “diferentes estratégias de educação remota e atividades presenciais foram rapidamente organizadas por grande parte de todo o país”. E agora, como voltar ao modelo anterior? Castro, ainda ressalta (p. 52), “ será que o modelo tradicional de escola presencial voltará a funcionar do mesmo modo? Só o tempo nos trará respostas concretas acerca dos efeitos não previstos de um vírus descontrolado e tão disruptivo para a história da educação no Brasil e no mundo”.

Em relação a isso, não se pode prescrever exatamente quais mudanças acontecerão no período pós-pandemia, mas vale destacar que a educação brasileira não será a mesma, pelo contrário, foram abertas as portas para a renovação, com grandes desafios apresentados, afinal, a mudança não deve acentuar ainda mais as desigualdades sociais, pelo contrário, deve potencializar o acesso da população à

educação básica.

O “novo normal” na educação poderá ser uma experiência que nos levará a um novo patamar. O que mais se ouve é sobre tecnologia na sala de aula e Educação Híbrida, metodologia com momentos em que a aprendizagem continua a acontecer de forma presencial e com outros em que o aluno estuda sozinho, em casa, aproveitando ferramentas tecnológicas. (MARQUES e NOGUEIRA, 2021, p. 81)

Apesar da educação remota implementada ter como fundamento a educação a distância, ela é diferente, entre outros, porque não tem a disposição todo o arcabouço que a EaD possui, por outro lado, é fato que passou a ser muito valorizada, sendo um referencial para a implementação da educação híbrida, que envolve aulas on-line e presenciais intermediadas pelas tecnologias digitais.

O mais importante da educação a distância não é ser remoto, mas oferecer uma aula diferente: não apenas gravada e transmitida, mas usando os recursos disponíveis; e utilizando inteligência artificial para promover o debate que constrói e transmite conhecimento entre professores, alunos, sociedade em geral e as máquinas que servem de intermediação. (BUARQUE, 2021, p. 38)

O retorno das aulas em ambiente presencial apresenta inúmeros desafios, tanto para a escola, envolvendo professores, diretores e demais funcionários, quanto para as famílias que estão inseguras. De acordo com Fernandes (2021, p.16), “de seu lado, famílias enfrentam medos e dúvidas quanto à conveniência ou não de enviar os filhos às escolas, enquanto crianças e jovens não sabem o que esperar desse retorno”. É notório que muitos estudantes estão acomodados em seus lares com a educação remota, seja através de aulas on-line ou atividades impressas. O ambiente do lar tornou-se mais seguro e aconchegante, sendo completamente normal esse tipo de sentimento, afinal os índices resultantes da pandemia são alarmantes.

E a aprendizagem, alcançou níveis aceitáveis durante esse período de Educação Remota Emergencial? Além da evasão escolar, pode-se destacar mais um desafio no sistema educacional brasileiro que são as dificuldades de aprendizagem, destacadas no período pandêmico, já que muitos estudantes não tiveram acesso às aulas remotas. De acordo com Castro (2021, p. 53):

é preciso considerar um conjunto de fatores que podem afetar o processo de aprendizagem remoto no período de isolamento da pandemia, tais como: as diferenças no aprendizado entre os alunos que têm maiores possibilidades de apoio dos pais; as desigualdades entre as diferentes redes e escolas de apoiar remotamente a aprendizagem de seus alunos; as diferenças observadas entre os alunos de uma mesma escola em sua resiliência, motivação e habilidades para aprender de forma autônoma on-line ou *off-line*; as diferenças entre os sistemas de ensino em sua

capacidade de implementar respostas educacionais eficazes; e, as diferenças entre os alunos que têm acesso ou não à internet e/ou aqueles que não têm oportunidades de acesso às atividades síncronas ou assíncronas.

Em sua abordagem, a professora Maria Helena Guimarães Castro apresenta alguns pontos importantes referentes às dificuldades de aprendizagem na pandemia, que de alguma forma estavam presentes no cotidiano das escolas e agora foram transportados para o ambiente do lar. Muitas famílias não conseguem dar o apoio necessário aos filhos estudantes, seja quando era necessária a presença na escola quanto atualmente, momento em que a criança e o adolescente necessitam de orientações mais específicas, apoio e dicas para a efetiva condução dos estudos. Outra questão importante reside nas próprias escolas e suas dificuldades na implementação da educação remota e apoio aos estudantes, gerando falhas no aprendizado. E, ainda podem-se destacar as habilidades individuais de cada estudante, sua autonomia e disciplina, as quais são fundamentais para o sucesso para a aprendizagem via educação remota.

Percebe-se uma grande defasagem em competências antes consideradas fundamentais como as de leitura, escrita e raciocínio lógico-matemático, por outro lado, competências diferenciadas foram adquiridas, principalmente aquelas relacionadas ao uso das tecnologias digitais, autonomia, entre outras. Entretanto, resultados baseados em dados só poderão ser identificados de forma plena na realização de avaliações diagnósticas. Concernente à proposta curricular que precisa ser readequada para continuidade do ano de 2020-2021, Castro argumenta que (2021, p. 64):

A seleção das habilidades ou objetivos de aprendizagem mais essenciais ancorados na BNCC deve enfatizar as competências gerais da base a as competências leitora e escritora, o raciocínio lógico matemático, a comunicação e a solução de problemas, sempre reforçando a resiliência, a colaboração, a empatia e o protagonismo dos estudantes.

Em meio a todas essas situações, não se pode deixar de destacar o esforço necessário para combater a evasão escolar, o investimento necessário para adequar as instalações, além da pressão ocasionada pelas inúmeras possibilidades de contrair o vírus do Covid-19 que ainda está presente, inclusive manifestando variantes. Essa insegurança traz bloqueios tanto aos discentes quanto docentes, haja vista não conseguir transitar livremente no espaço escolar, mas conviver usando máscara e evitando qualquer contato físico. Essas são algumas das características

desse novo e desafiador período, o qual é denominado como “o novo normal”. Estamos preparados para enfrentar as dificuldades e superá-las?

ninguém sairá da crise sanitária da mesma forma como entrou a escola vai continuar sendo o lugar de garantia do direito, mas o conceito de lugar, de território de aprendizagem, certamente será diferente, embora não saibamos exatamente ainda o que isso vai significar no futuro. (MARQUES e NOGUEIRA, 2021, p. 77)

Entre outras ações fundamentais para vencer os obstáculos da pandemia e pós-pandemia está a necessidade de elaborar um planejamento que englobe os principais pontos necessários para o retorno ao ambiente escolar.

O regresso à escola implica um número grande de providências em diferentes campos. Elas vão desde a construção de um rígido protocolo de segurança da saúde até a aquisição e distribuição de equipamentos de proteção individual (EPI) aos professores e trabalhadores da educação; do manejo e produção de alimentação escolar ao escalonamento do transporte escolar, sem esquecer as questões pedagógicas. Não se pode deixar de lado nem medidas singelas, como a desativação dos bebedouros escolares com disparo para boca. (FERNANDES, 2021, p. 16)

O planejamento para o retorno à escola precisa ser elaborado com muita cautela, prevendo alguns pontos importantes neste novo cenário, entre outros: a organização do espaço e as medidas sanitárias necessárias para evitar a contaminação; a necessidade de acolher os alunos que estarão retornando após um período de muitas perdas; a aplicação de uma avaliação diagnóstica, que inclusive é requisito previsto no Parecer 011/2020; definição de estratégias pedagógicas para suprir as lacunas deixadas durante o período, no que se refere às competências que precisam ser desenvolvidas. (FERNANDES, 2021)

Acerca da reorganização do espaço escolar para atender o protocolo sanitário, vale ressaltar que se trata de uma ação árdua e dispendiosa, já que vai além da demarcação de cadeiras e carteiras, diminuição de números de alunos em sala e intensificação das medidas de higienização dos locais, mas tem o seu ponto-chave na conscientização das pessoas que estarão circulando no ambiente escolar. Por que a conscientização deve estar presente nas escolas? Sabe-se que muitas pessoas não respeitam as normas e com isso colocam em perigo aquelas com as quais convivem, assim, como um espaço de disseminação do conhecimento, a escola não poderá perder essa oportunidade de definir ações/projetos para esse fim.

No que concerne ao acolhimento, considera-se o ponto-chave, pois a escola passará a receber alunos que perderam familiares, amigos, que estão sofrendo física e emocionalmente, crianças e adolescentes que foram privados de atividades

física/esportivas e muitos que foram alcançados pela fome e violência. Professores, funcionários, diretores, pais, estudantes, enfim, toda a comunidade escolar precisa compreender que o espaço da escola não é reservado apenas para aprender os conteúdos previstos para o ano, mas é um espaço de grande abrangência. Esse processo não será fácil, mas é primordial que sejam definidos os meios pelos quais será oferecido atendimento psicológico tanto para estudantes, quanto para professores. Segundo Ramos (2021, p. 49):

Mais do que perguntar aos estudantes o que aprenderam com as aulas *online*, é importante verificar como estão se sentindo, quais são os medos, os anseios e as alegrias que os permeiam ao retornarem à sala de aula. Dessa forma será possível vislumbrar novas práticas pedagógicas e ressignificar os afetos que moldam e constroem os aprendizados.

Além do acolhimento, um outro ponto recomendado pelo Conselho Nacional Escolar no retorno às aulas presenciais, é a aplicação da avaliação diagnóstica, a fim de identificar os níveis de aprendizado, mas não pode ser o único instrumento, afinal no dia a dia a equipe pedagógica também precisará analisar a situação física e emocional dos estudantes, que por um bom tempo irão se dividir entre as aulas remotas e presenciais. Essa avaliação foi determinada no Parecer 011/2020, sendo relevante para a elaboração do planejamento, buscando identificar se os objetivos definidos para o período de Educação Remota Emergencial foram alcançados e quanto a isso, evidencia-se que nos casos em que a escola e o professor não fizeram um replanejamento, adequando os conteúdos ao novo modelo, os resultados das avaliações diagnósticas poderão ser extremamente complexos.

Nesse retorno às aulas presenciais, talvez os alunos não tenham de fato absorvido tudo ou quase nada daquilo que se esperava no que concerne às aprendizagens essenciais tradicionais, mas certamente devem ter desenvolvido como nunca algumas das chamadas habilidades socioemocionais - tais como criatividade, colaboração, resiliência e pensamento crítico, entre outras - tão importantes para se viver o século 21, e que por isso mesmo estão presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (RAMOS, 2021, p. 49)

Neste ponto, cabe um destaque referente ao engessamento dos processos avaliativos, os quais precisam de mudanças urgentes, com alterações de foco, estratégia e concepção do que significa avaliar, uma ação que deve estar diretamente ligada à aprendizagem, ou seja, avaliação como parte do processo de aprendizagem, não uma avaliação punitiva, controladora ou eliminadora, mas para agregar conhecimento e direcionar o trabalho pedagógico.

Ainda, vale destacar outro ponto forte do planejamento que se refere a definição de estratégias pedagógicas para fechar as brechas decorrentes da educação remota emergencial que trouxe defasagem no processo de aprendizagem de muitos estudantes, alguns porque não conseguiram acompanhar as aulas, outros devido a dificuldade em assimilar conteúdos de forma online, e ainda aqueles que já apresentavam dificuldades anteriores a pandemia. De qualquer forma, isso não quer dizer que os estudantes não aprenderam nada em casa, mas que assimilaram outras competências que não estavam previstas no currículo. De acordo com Fernandes (2021, p.18), “um ano vivido com tal intensidade jamais será perdido, porque está ocorrendo aprendizagem múltiplas. Há famílias descobrindo filhos, filhos descobrindo pais, novas formas de trabalhar, se ocupar, se divertir, estudar e aprender”.

A implementação de uma educação híbrida é a grande perspectiva para o período pós-pandemia, inclusive Ramos (2021, p. 50) destaca o seguinte: “uma coisa é certa: após o Covid-19, o ensino não será mais o mesmo. O ensino mediado por tecnologias se integrará de vez ao ensino presencial, constituindo aquilo que já começamos a chamar de Educação Híbrida”. Entretanto, os percalços a serem enfrentados poderão desacelerar esse processo, considerando os índices brasileiros, entre outros:

Em uma pesquisa realizada pela UNDIME (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação) e pelo CONSED (Conselho Nacional de Secretários de Educação) foi identificado, entre outros, que 83% dos alunos das redes públicas vivem com renda *per capita* de até 1 salário-mínimo, e 79% deles têm acesso à internet. No entanto, para 46%, este acesso é apenas por celular, de uso do pai ou da mãe. Além disso,  $\frac{2}{3}$  dos estudantes não têm computador em casa. (FERNANDES, 2021, p. 20)

O que esses números representam? Facilidade para implementar uma educação híbrida no Brasil pós-pandêmico ou não? Pode-se compreender que serão necessários muitos investimentos para que o estudante possa desfrutar desta possibilidade, iniciando por uma revisita ao conceito de educação híbrida, afinal dar aulas presenciais e remotas ao mesmo tempo, dividindo-se entre falar para os estudantes em sala e para a tela, torna-se extremamente desgastante para o professor, sem falar na qualidade da aula.

A educação híbrida é diferente do que tem sido aplicado em escolas públicas e privadas da Educação Básica. Ainda, de acordo com Fernandes (2021, p. 23) é necessária a implementação de outras medidas para que a educação híbrida não

favoreça o aumento da desigualdade social: “que são a disponibilização de meios, como plataforma de ensino mediado acessível aos estudantes, o fornecimento gratuito de planos de dados e logística para entregar material impresso aos que não tenham acesso à internet”.

Considerando o foco desta pesquisa que se encontra em uma mudança nos processos avaliativos, destaca-se a seguinte recomendação da professora Maria Helena Guimarães Castro como um dos aspectos a serem considerados no planejamento do calendário 2020-2021 (2021, p. 64): “ é muito importante implementar uma estratégia que priorize as avaliações formativas e o uso de metodologias que valorizem questões abertas e estimulem o raciocínio crítico dos estudantes”. A partir disso, destaca-se que o caráter classificatório, somativo da avaliação, está em segundo plano, afinal a própria reprovação não é recomendada durante esse período de pandemia, mas o foco deve ser direcionado para avaliações que promovam o aprendizado, a qual deve ser a principal preocupação neste cenário.



## CONSIDERAÇÕES E PRODUTO DE APLICABILIDADE PEDAGÓGICA

O programa de pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação - Mestrado profissional: Educação e Novas Tecnologias (PPGENT), do Centro Universitário Internacional – UNINTER tem como parte do seu objetivo geral a formação e qualificação de profissionais para a resolução de problemas educacionais por meio da pesquisa, comprometidos com o processo de desenvolvimento da sociedade brasileira (UNINTER, s/p). Assim, a proposta de elaboração de produtos resultantes dessa pesquisa visa oferecer subsídios reflexivos que possam fundamentar mudanças na área educacional no cenário pós-pandemia da COVID-19.

A elaboração de proposta de um produto é um dos requisitos para a conclusão do Mestrado Profissional e titulação de Mestre em Educação e Novas Tecnologias, ou seja, o pesquisador deve apresentar um produto de sua pesquisa, conforme estabelece a estrutura curricular do curso.

Assim, segue proposta de produto que visa fundamentar os resultados dessa pesquisa e o desdobramento dela:

A partir da pesquisa realizada e de análise do cenário educacional concernente aos processos avaliativos, entende-se que uma das formas de disseminar uma nova cultura quanto aos enfoques de aprendizagens da avaliação é a partir de um processo de sensibilização da comunidade escolar, com pretensão de desenvolver um e-book, ou seja, um livro digital que pode ser lido em equipamentos eletrônicos.

A escolha pelo formato está relacionada principalmente à facilidade de acesso ao conteúdo pelos usuários, praticidade e visibilidade, podendo alcançar professores de todo o território nacional.

Nesse sentido, cabe destacar o papel do professor como produtor de conteúdo, indicando a responsabilidade que o docente tem de criar possibilidades para que o estudante se desenvolva, ou seja, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47).

Quanto ao e-book, destaca-se que têm ocorrido avanços significativos no seu uso, possibilitando aos usuários a leitura de conteúdo com um custo menor,

facilidade de leitura através de computadores, *notebooks*, *tablets*, celulares, além de não ocupar espaço nas estantes.

A produção do *e-book* também objetiva alcançar os diversos públicos, ou seja, tanto aqueles que têm facilidade para leituras em dispositivos como aqueles que preferem ouvir os conteúdos, o que é muito importante, haja vista que muitas pessoas aproveitam o tempo no trânsito (como passageiros) ou até mesmo quando estão realizando outras atividades que possibilitam ler conteúdos de qualidade.

O tema escolhido está baseado em eixos que serão trabalhados com o objetivo de disseminar os enfoques de aprendizagens dos processos avaliativos no cenário pandêmico e pós-pandêmico, os quais são: educação remota emergencial; educação híbrida; aprendizagem significativa; avaliação e perspectivas pós-pandemia.

Considerando a importância da implementação do produto desta pesquisa, destaca-se que poderá ser utilizado para o alcance de diversos objetivos, entre outros:

**Disseminar os principais conceitos da Educação Remota Emergencial:** destaca-se o fato de que a educação remota emergencial foi aplicada a partir de processos da EaD e da educação presencial, procurando adequá-los às diversas realidades em relação à disponibilidade de tecnologias digitais e habilidades para o uso destas.

**Renovar o entendimento acerca da aprendizagem significativa:** considerando que o conceito de aprendizagem significativa foi disseminado por Ausubel no século XX e tem sido pouco aplicado, vale ressaltar que se trata de um arcabouço significativo de ideias e proposições que podem ser aplicadas para proporcionar melhoria na aprendizagem dos estudantes.

**Propiciar a reflexão acerca do papel da avaliação na Educação Básica:** neste sentido destaca-se que a mentalidade predominante na sociedade brasileira se refere a avaliação como um momento punitivo dos processos, o qual vai premiar os aprovados e desclassificar os reprovados, para tanto, vale qualquer ação a fim de obter êxito. Essa cosmovisão é contrária aos reais objetivos da avaliação, que estão relacionados a uma forma de identificar a situação de aprendizagem e, a partir dos resultados, tomar ações para melhoria.

**Direcionar ações educativas no cenário pós-pandemia:** a partir das

mudanças compulsórias ocorridas no cenário pandêmico, abre-se as portas para um novo tempo, inclusive na educação, sendo fundamental a abertura e o engajamento dos professores, facilitando essa mudança de cosmovisão e atitudes no ambiente educacional.

O e-book, conforme apêndice I, encaixa-se nesse novo cenário, no qual as tecnologias digitais ganham espaço e possibilitam maior disseminação do conhecimento, através das redes.

Neste sentido, o e-book foi elaborado a partir de perspectivas dos professores dos diferentes níveis de ensino sobre esta temática, tornando-se um encontro de citações reais de 59 docentes brasileiros, organizadas em 40 diferentes dicas que podem ser consideradas como elementos de reflexão para o processo de otimização entre professor-estudante-conteúdo-saúde, fundamentais nestes tempos difíceis.

Esta dissertação foi iniciada com o objetivo de analisar se os processos avaliativos implementados durante a pandemia do COVID-19 no Brasil podem ser considerados como elementos-chave no processo de aprendizagem ou se estão limitados ao caráter classificatório educacional. A partir desse objetivo buscou-se apresentar elementos para responder ao problema da pesquisa, que apresentou uma questão referente aos processos avaliativos implementados durante a pandemia do COVID-19 no Brasil. Essa problemática trouxe à tona um questionamento que tem sido realizado repetidamente, ou seja, os processos avaliativos têm sido considerados como elementos-chave no processo de aprendizagem ou são limitados ao caráter classificatório? Além disso, também foram inseridas questões complementares, como identificar se os estudantes da Educação Básica encaram as avaliações como parte integrante do processo de aprendizagem, se os resultados das avaliações refletem a aprendizagem e se a avaliação sugere apoio à aprendizagem.

Para trazer respostas aos questionamentos apresentados, foi realizada uma ampla pesquisa bibliográfica em livros e em diversos artigos escritos entre os anos de 2020 e 2021, além de uma análise detalhada de *lives* sobre a temática, que foram apresentadas por conceituados profissionais da área da educação, os quais abordaram os segmentos de educação pública e privada, sendo possível observar que mesmo as escolas privadas, apesar de, em sua maioria, contarem com maior

disponibilidade de ferramentas digitais, também sofreram o impacto das repentinas mudanças ocorridas desde o início da pandemia.

Entre as 7 *lives* analisadas, 6 delas foram realizadas durante o ano de 2020, por isso é possível perceber nos docentes uma certa tendência de que iniciáramos o ano de 2021 com um cenário totalmente diferente, entretanto, quase ao final deste ano e a pandemia ainda não acabou, sendo necessária a manutenção de inúmeros cuidados. Por outro lado, muitas escolas já voltaram a oferecer aulas de modo presencial, combinado com atividades remotas, denominando educação híbrida. Entretanto, observa-se a possibilidade de um retorno definitivo às aulas presenciais para o ano de 2022, principalmente nas escolas públicas, inclusive com o abandono do uso das tecnologias digitais, o que é muito preocupante e instigador, afinal, o avanço no uso das TIDC's foi significativo e todas as tendências apontam para uma educação híbrida no cenário pós-pandemia.

Apesar de todo o empenho das diversas redes educacionais do país em prol da implementação da Educação Remota Emergencial, os índices demonstram que a partir dela houve um acentuado marco da desigualdade social em nosso país, afinal, muitas crianças e adolescentes não tem acesso à internet e dispositivos necessários para o desenvolvimento de uma educação híbrida, que privilegie o uso das metodologias ativas e que nos insira em um patamar diferenciado no que refere-se aos níveis de qualidade da educação brasileira. Afinal, além da educação ser um direito de todo cidadão, deve ser oferecida com a mesma qualidade.

Ao longo da pandemia, observou-se altos índices de evasão escolar, causadas pela falta de acesso às aulas, pois, quando o estudante não consegue acompanhar as aulas, não tem apoio da família, que em muitos casos além da falta de recursos financeiros também é desestruturada, a escola não consegue oferecer outras possibilidades, resta a evasão, que infelizmente poderá ser perpetuada no período pós-pandemia.

Em relação ao papel do professor na escola pós-pandemia, existem muitas possibilidades de que ocorra o incremento do uso das tecnologias Assim, como as grandes mudanças ocorridas ao longo da história, como por exemplo, a invenção do quadro-negro no século 18, vive-se um período de intensos avanços, os quais foram impulsionados pela pandemia e suas consequências. Entretanto, para que ocorra esse avanço, tanto docentes quanto discentes precisam mergulhar nesse universo

tecnológico.

Vale ressaltar que o problema da cosmovisão errônea quanto ao papel da avaliação não é uma situação do período pandêmico, mas algo já entranhado na mentalidade brasileira, assim, o que se percebeu durante a implementação da Educação Remota Emergencial foi o reflexo de uma cultura enraizada, que trata a avaliação principalmente como um processo classificatório, punitivo, com fins de controle. Ainda, observou-se que ocorreram tentativas de migrar os modelos avaliativos da educação presencial para a remota, mas que aos poucos, os docentes iniciaram um processo de adequação das avaliações, oferecendo opções diferenciadas aos estudantes.

Essa readequação dos processos avaliativos faz parte de um processo mais amplo, que envolve primeiramente o desenvolvimento de competências na educação remota emergencial, que são diferentes daquelas desenvolvidas presencialmente, agora, com foco principal nas competências socioemocionais, uso de tecnologias, autonomia e disciplina, fundamentais para o estudo on-line. É claro, não se pode deixar de destacar as competências de leitura, escrita e raciocínio lógico que precisam ser desenvolvidas em todos os níveis educacionais, A partir do momento que o estudante está desenvolvendo competências diferentes, automaticamente entende-se que as avaliações aplicadas precisam ser readequadas, sempre com o enfoque na aprendizagem contínua.

Um dos grandes desafios encontrados nesse período foi a dificuldade dos docentes em lidar com as tecnologias, entretanto, o desenvolvimento dessa competência é discutido há muito tempo, porém sem a implementação adequada. O uso de tecnologias no trabalho docente precisa ser encarado como uma necessidade urgente, parte dos requisitos do ser professor no século XXI, afinal o uso das tecnologias digitais é um aliado no processo educacional, tendo o professor como um mediador. Espera-se que a comunidade docente siga avançando no uso das tecnologias digitais e, para além disso, que sejam inseridas nos planos de aula e aplicações.

Acredita-se em um novo cenário educativo no Brasil pós-pandêmico, haja vista as inúmeras mudanças técnicas e pedagógicas ocorridas neste período. Entre as inúmeras teorizações, destaca-se o fato de que quanto maior for o período de afastamento dos estudantes do ambiente escolar, a probabilidade de evasão

aumenta, já que muitos não têm sido alcançados pela educação remota emergencial, seja por falta de conectividade, restrição alimentícia ou por falta de outras condições básicas. E este afastamento pode gerar evasão definitiva, assim, é necessário desenvolver possibilidades para retorno desses estudantes à escola, além de políticas públicas para alcançar esse grupo, seja em curto ou médio prazo.

A implementação de uma educação híbrida é a grande perspectiva para o período pós-pandemia. Entretanto, os percalços a serem enfrentados poderão desacelerar esse processo, considerando os índices brasileiros referentes principalmente à falta de conectividade por grande parte dos estudantes. Essa dificuldade de acesso ficou evidente no cenário pandêmico, sendo a causa da dispersão de muitos estudantes, os quais, sem a possibilidade de ir presencialmente à escola e privados das aulas on-line, se encontraram sem vínculo escolar.

Em concordância com a professora Maria Helena Guimarães no que se refere as avaliações a serem realizadas no período de retorno das atividades, que ela destaca a importância da priorização das avaliações formativas, considero que esta deve ser uma das principais ações concernentes às avaliações educativas no período pós-pandemia, já que precisamos nos deslocar daquele posicionamento anterior, que priorizava a avaliação somativa, mas definitivamente incorporar a avaliação como parte do processo de aprendizagem.

Ao propor a elaboração de um e-book como produto da pesquisa, tenho primeiramente a intenção de disseminar para o maior número de pessoas da comunidade acadêmica as ideias propostas, as quais são importantíssimas para o novo contexto que iniciou-se após março de 2020, ocorrendo uma ruptura em relação a prática docente anterior, abrindo-se as portas para um novo tipo de professor e de aluno, ou seja, um professor que além de avaliar, produz com o aluno e um aluno que deixou ser apenas consumidor, para tornar-se mais reflexivo.

Ainda, destaco que a elaboração do *e-book* tem o objetivo de disseminar a temática em meio a comunidade docente e despertá-la para a tomada de ações no cenário pós-pandemia, no qual, como professores precisamos avançar continuamente não somente na questão tecnológica, mas na mudança de mentalidade quanto às novas formas de avaliar, como parte da mudança cultural que precisa acontecer nos próximos anos e ou décadas.

Os professores também se moveram de uma posição para outra, na qual

agora passam a se destacar como produtores de conteúdo, que passa a ser uma forte característica da docência no período pós-pandemia, em que o professor não se limita a observar a produção do aluno, mas que avance de forma colaborativa com os seus alunos, produzindo materiais em conjunto. Esse tipo de ação faz parte de uma prática avaliativa que se destaca pelo seu caráter formativo.

Os professores precisam prescindir daquela função examinadora, “olhar altivo”, apenas verificando se o aluno decorou as suas falas, mas passar a observar o que o aluno produziu ou avançou a partir das discussões realizadas em sala de aula, seja virtual ou presencial.

Os professores foram obrigados de um dia para o outro a se adaptar ao uso das tecnologias, o que primeiramente foi desesperador, passando a ser desafiador até tornar-se comum à prática docente. Entretanto, após esse período, cabe agora ao docente como protagonista da sua formação, apoiando na formação do estudante.

Para acessar o e-book, aponte a câmera do celular para o QRcode:



Ou acesse:

<https://www.yumpu.com/pt/document/read/66019521/e-book-dicas-de-docentes-1>

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marcelo (org). **Educação Pós-Covid-19: novos desafios para o Brasil**. São Paulo: Geração Editorial, 2021. 178 p.: ePUB; 3MB.

AUSUBEL, David. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: Uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Editora Plátano, 2003.

ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho; CARVALHO, Élvio de; PASINI, Carlos Giovanni Delevati. **A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações**. Observatório Socioeconômico da Covid-19. Disponível em: <[https://www.osecovid19.cloud.ufsm.br/media/documents/2021/03/29/Textos\\_para\\_Discussao\\_09\\_-\\_Educacao\\_Hibrida\\_em\\_Tempos\\_de\\_Pandemia.pdf](https://www.osecovid19.cloud.ufsm.br/media/documents/2021/03/29/Textos_para_Discussao_09_-_Educacao_Hibrida_em_Tempos_de_Pandemia.pdf)>. Acesso em: 30 de jul. 2021.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. **Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19**. EmRede – Revista de Educação a distância, 2020, v. 7, n. 1, p. 257-275. Disponível em: <<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/%20article/view/621>>. Acesso em: 30 de jul. 2021.

ARRUDA, Robson Lima; ARAÚJO, Robéria Nádia. **Estratégias de ensino remoto durante a pandemia de COVID-19: um estudo de caso no 5º ano do Ensino Fundamental**. Revista Thema, v.20, 2021. Edição Especial COVID-19.

BANNELL, Ralph Ings et al. **Educação no século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

BORGES, Valdir; CUNICO, Ednilson. Metodologia Ativas na Formação de Professores e Estudantes. In: MACHADO, Dinamara Pereira et al. (organizadoras). **Formação de professores em diferentes cenários: Vozes da Pedagogia - Volume 3**. Curitiba: Editora Dialética e Realidade, 2020.

BORGES, Karina Roberto; FIGUEIREDO, Silvia Tietê; AVELINO, Wagner Feitosa. **COVID-19, Gestores pedagógicos e a educação remota: estudo de caso no Estado de São Paulo**. In: SENHORAS, Elói Martins (Org), Educação remota e a Pandemia de COVID-19. Boa Vista: Editora IOLE, 2021.

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina**. Curitiba: Intersaberes. 2017.

BOTH, Ivo José. **Avaliação “voz da consciência” da aprendizagem**. Curitiba: Intersaberes. 2012.

BRAGA, José Luiz. **Para começar um projeto de pesquisa**. Comunicação e educação. Ano X, n. 3, set/dez 2005.

BUARQUE, Cristovam. **Em se ensinando tudo dá: emergência, melhoria e salto**. In: AGUIAR, Marcelo. Educação Pós-Covid-19: novos desafios para o Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2021. 178 p.: ePUB; 3MB.



CAMILLO, Cíntia Moralles. **Blended Learning**: uma proposta para a educação Híbrida. Revista: EaD e Tecnologias Digitais na Educação, Dourados, MS, 2017 – n. 7, v. 5.

CARVALHO, Marcia Adriana de; CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **Avaliação em tempos de Pandemia CNE/CEED/RS**. Youtube, 26 de ago de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tvRYQA5--0g>>. Acesso em: 10 de jul. de 2021.

CASTRO, Eder Alonso et al. **Educação Híbrida**: Desafio da Contemporaneidade? Periódico Científico Projeção e Docência | v. 6, n. 2, 2015.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **Impactos do COVID-19 na Educação Básica Brasileira**. In: AGUIAR, Marcelo. Educação Pós-Covid-19: novos desafios para o Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2021. 178 p.: ePUB; 3MB.

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER. **Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias**. Disponível em <https://www.uninter.com/mestrado/mestrado-profissional-em-educacao-e-novas-tecnologias-apresentacao/>>. Acesso em 23 de ago. de 2021.

COSTIN, Claudia Maria. **Avaliação da Educação na Pandemia**. Youtube, 11 de maio de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=y7t4INTA7Mc>>. 19 de jul. de 2021.

COQUI, Alexandre Dijan; SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana. **Novos contextos pedem novas posturas**: a avaliação em tempos de pandemia. Revista Amor Mundi | Santo Ângelo | v. 2 | n. 1 | p. 41-49 | jan. 2021.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **A educação e a Covid-19**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020.

FARIA, Adriano Antonio. **A História do Instituto Universal Brasileiro e a Gênese da Educação a Distância no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, Paraná. p. 82, 83. 2010.

FALCÃO, Vicente; FURTADO, Júlio. **Ensino e Avaliação em tempos de pandemia**. Youtube, 27 de maio de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=orzj9gbwvbl>>. 25 de mai. de 2021.

FERNANDES, Edileuza. **Reorganização do Trabalho Pedagógico da Escola no Pós-pandemia**. In: AGUIAR, Marcelo (org). **Educação Pós-Covid-19**: novos desafios para o Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2021. 178 p.: ePUB; 3MB.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FURTADO, Júlio; FIRME, Thereza Penna. **Avaliação da aprendizagem em tempos de quarentena**: algumas reflexões. Youtube, 2020. Disponível em <<https://youtu.be/8a8BsVI4Djs>>. 08 de jul 2021.

GATTI, Bernardete A. **O Professor e a avaliação em sala de aula.** Estudos em Avaliação Educacional, n. 27, p. 97-113, jan./jun. 2003.

GUEDES, Douglas Souza; RANGEL, Tauã Lima. **Educação remota e o Ofício do Professor em tempos de pandemia.** In: SENHORAS, Elói Martins (Org), Educação remota e a Pandemia de COVID-19. Boa Vista: Editora IOLE, 2021, 131 p.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista.** 6. ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

HORN, Michel B.; STAKER, Hearther. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação.** Porto Alegre: Penso. 2015.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Das salas de aulas aos ambientes virtuais de aprendizagem.** 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5.pdf>>. Acesso em 23 de ago. 2021.

KIRCHNER, Elenice Ana. Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. In: PALÚ, Janete; SCHUTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro (orgs). **Desafios da educação em tempos de pandemia.** Cruz Alta: Ilustração, 2020.

LEAL, Elisabeth Juchem Machado. **Um desafio para o pesquisador: a formulação do problema de pesquisa.** Contrapontos - ano 2 - n. 5 - p. 237-250 - Itajaí, mai/ago. 2002.

LEMOS, Evelyse dos Santos. **A aprendizagem significativa: estratégias facilitadoras e avaliação.** Aprendizagem Significativa em Revista/ Meaningful Learning Review – V 1(1), p. 25-35, 2011.

LEMOS, Cecília et al. **Como avaliar na perspectiva EAD.** Youtube, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YfwhA7pXr5o>>. 09 de fev de 2021.

LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. (Orgs.) **Educação a distância: o estado da arte.** Volume 1. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. Disponível em: [http://www.abed.org.br/arquivos/Estado\\_da\\_Arte\\_1.pdf](http://www.abed.org.br/arquivos/Estado_da_Arte_1.pdf). Acesso em: 06 jun 2019.

LOPES, Luís Fernando; FARIA, Adriano Antônio. **O que e o quem da EAD: história e fundamentos.** Curitiba: Intersaberes, 2017.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborando conceitos e recriando a prática. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, Binho; NOGUEIRA, Flavia. **Educação e Pandemia**: enfrentando a crise com ações colaborativas. In: AGUIAR, Marcelo. **Educação Pós-Covid-19**: novos desafios para o Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2021. 178 p.: ePUB; 3MB.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de; MATTOS, José Roberto Linhares de. **Práticas docentes inovadoras: caminhando na incerteza momentânea entre o status quo e a ousadia**. Revista Teias, Seção Temática Práticas pedagógicas alternativas em contextos de incerteza e crise, v. 22, n. 65, abr./jun. 2021.

MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli; BIANCHESSI, Cleber. **A TV multimídia nas práticas pedagógicas dos professores nas escolas públicas do Estado do Paraná**: um diagnóstico a partir da teoria da atividade. In: MOSER, Alvino; ALENCASTRO, Mario Sérgio Cunha; SANTOS, Rodrigo Otávio dos (Orgs), **Educação e Tecnologia**: São Paulo: Artesanato, 2018.

MORAN, José Manuel. **Desafios da educação a distância no Brasil**. In: ARANTES, Valéria Amorim. (Org.) **Educação a distância**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, p. 45-86, 2011.

MORAN, José. **Educação Híbrida**: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACICH, Lilian; NETO TANZI, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs). **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Editora Penso, 2015.

MOREIRA, Jose António Marques; HENRIQUES, Suzana; BARROS, Daniela. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia**. Dialogia, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem Significativa**: a Teoria e Textos Complementares. LF Editorial: São Paulo, 2011.

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem Significativa**: um conceito subjacente. Revista/Meaningful Learning Review – V 1(3), p. 25-46, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. Cortez: São Paulo, 2007.

MUNHOZ, Antônio Siemsen. **Aprendizagem Ativa Via Tecnologias**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. **Teorias da Aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico**. 3ed. Curitiba: Intersaberes, 2018.

NOGUEIRA, Sonia Martins de Almeida. **Ainda tempos estranhos**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.29, n.111, p. 311-317, abr./jun. 2021.

NÓVOA, António. **A Educação em tempos de pandemia**. Youtube, 06 de abr. de 2020. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=FNf7i\\_Dpflo](https://www.youtube.com/watch?v=FNf7i_Dpflo)>. 28 de jun de 2021.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PARECER CNE/CP Nº: 5/2020. Ministério da Educação: Conselho Nacional de Educação. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em 28 abr. 2021.

PARECER CNE/CP Nº: 11/2020. **Ministério da Educação**: Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2020-pdf/148391-pcp011-20/file>. Acesso em 31 jul. 2021.

PARENTE, Rafael. **Educação Híbrida Pós-Covid e o uso das tecnologias para humanizar**. In: AGUIAR, Marcelo. Educação Pós-Covid-19: novos desafios para o Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2021. 178 p.: ePUB; 3MB.

PIMENTA, Cláudia Oliveira; SOUSA, Sandra Zákia. **Avaliação em tempos de pandemia: oportunidade de recriar a escola**. Estudos de Avaliação Educacional, São Paulo, v. 32, 2021.

PERRENOUD, Philippe. **Não mexam na minha avaliação!** Para uma aprendizagem sistêmica da mudança pedagógica. In: ESTRELA, A.; NÓVOA, A. Avaliações em educação: novas perspectivas. Porto, Pt: Porto Editora, 1993, p. 173.

PILETTI, Claudino e Nelson. **História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

PINHEIRO, César Roberto. **Teoria da Aprendizagem Significativa de David Paul Ausubel**. Youtube, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kaz5PTY0CF0>>. 15 de jul. de 2021.

POLAK, Ymiracy Nascimento de Souza. A avaliação do aprendiz em EAD. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. (Orgs.) **Educação a distância: o estado da arte**. Volume 1. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009, p.153-

160. Disponível em: [http://www.abed.org.br/arquivos/Estado\\_da\\_Arte\\_1.pdf](http://www.abed.org.br/arquivos/Estado_da_Arte_1.pdf). Acesso em: 06 jun 2019.

RAMOS, Mozart Neves. **O impacto do COVID-19 na educação e nas políticas públicas de educação**. In: AGUIAR, Marcelo. Educação Pós-Covid-19: novos desafios para o Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2021. 178 p.: ePUB; 3MB.

ROGERS, Carl Ramsom. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: M. Fontes, 2001.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Claudia dos Santos. **Pandemia da COVID-19 e a educação remota Emergencial**: mudanças na prática pedagógica. Aracaju: Interfaces Científicas, 2020, v.10, n.1, p. 41-57.

SAITO, Leila Miyuki; ACRI, Marcelo Cristiano. **Ensino em tempos de pandemia**: um novo cenário, com (não tão) novas necessidades. Revista Devir Educação, Lavras-MG. Edição Especial, p.141-160, Set./2021.

SANT'ANNA, Ilza M. **Por que avaliar? Como avaliar?**: Critérios e instrumentos. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOS, Guilherme Mendes Tomaz dos Santos; REIS, Júlio Paulo Cabral dos. **Aprendizagem e a educação remota Emergencial**: reflexões em tempos de Covid-19. In: SENHORAS, Elói Martins (Org), Educação remota e a Pandemia de COVID-19. Boa Vista: Editora IOLE, 2021,131 p.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO RIO NEGRINHO. **Avaliação em Tempo de Pandemia**. Youtube, 19 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/ntYkL9gbWRo>>. 19 de jan. de 2021.

SOARES, Lucas de Vasconcelos; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. **Educação e tecnologias em tempos de pandemia no Brasil**. Debates em Educação, v.12, n. 28, 2020.

SOUZA, Dominique Guimarães de; MIRANDA, Jean Carlos. **Desafios da implementação da educação remota**. In: SENHORAS, Elói Martins (Org), Educação remota e a Pandemia de COVID-19. Boa Vista: Editora IOLE, 2021,131 p.

SOUZA, Ivan et. al. **A relação dos educadores e educandos em tempos de pandemia e a interface tecnológica no processo de ensino e aprendizagem não presencial**. Research, Society and Development, v. 10, n. 10, 2021.

TOKARNIA; M. "Um em cada 4 brasileiros não têm acesso à internet, mostra pesquisa". **Portal Eletrônico da Agência Brasil** [29/04/2020]. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

TOLEDO JÚNIOR, Laércio Fermino de. **Tratamento do Movimento Oscilatório utilizando o Ensino Híbrido**: uma proposta para o Ensino Médio. 2020. 144 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Física) – Departamento de Física, Química e Matemática, Centro de Ciências e Tecnologias para a Sustentabilidade,

Universidade Federal de São Carlos. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14214>. Acesso em: 03 dez. 2021.

UNICEF. **Cenário da exclusão escolar no Brasil:** Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação. Fundo das Nações Unidas para a Infância: 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>. Acesso: em 27 de ago. 2021.

VALENTE, José Armando; MORAN, José Manuel; ARANTES, Valéria Amorim (organizadora). **Educação a distância:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2011.

VIEIRA, Letícia Vieira; RICCI, Maike C. C. **A educação em tempos de pandemia:** soluções emergenciais pelo mundo. Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina. Editorial de abril/2020. Disponível em: [https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id\\_cpmenu/7432/EDITORIAL\\_DE\\_ABRIL\\_\\_\\_L et\\_cia\\_Vieira\\_e\\_Maike\\_Ricci\\_final\\_15882101662453\\_7432.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL___L et_cia_Vieira_e_Maike_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf). Acesso em: 23 jun. 2021.

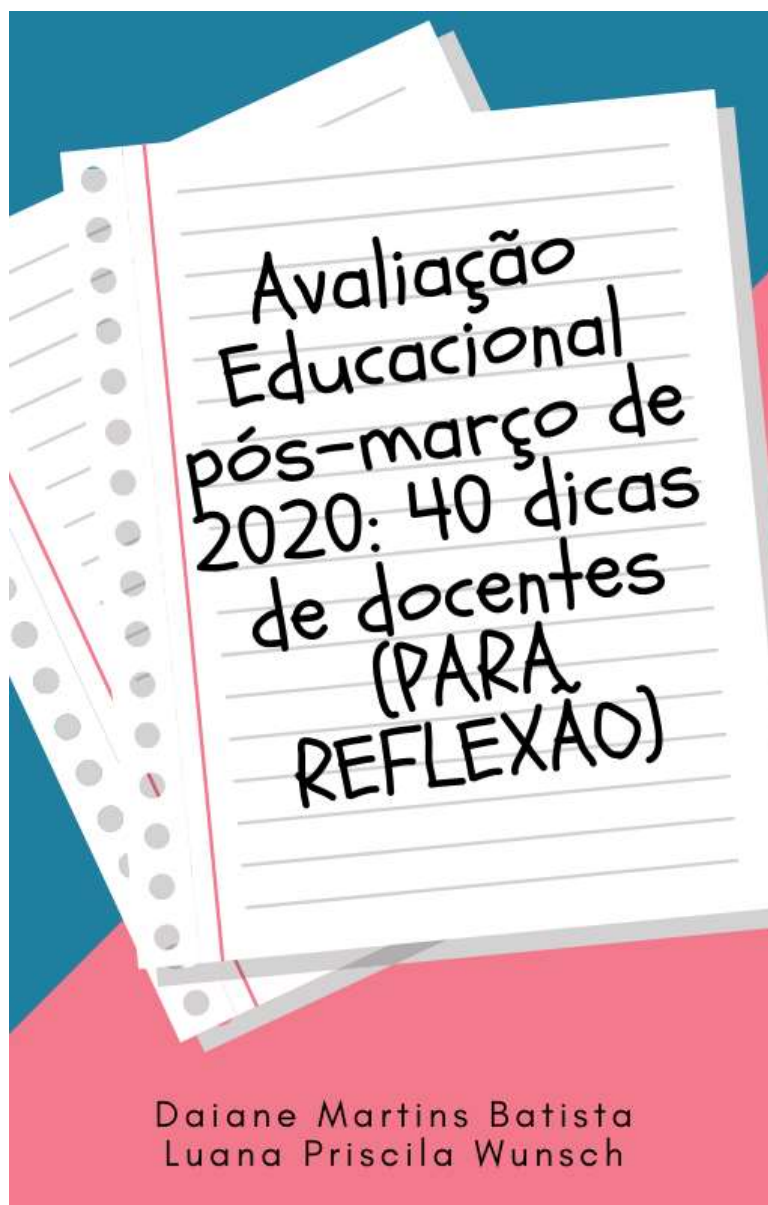
ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAMLUTTI, Maria Esmeralda Mineu. **Uma análise do surgimento da educação a distância no contexto sociopolítico brasileiro do final da década de 30 e início da década de 40.** 2006. 256f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, p.256, 2006.

ZILIO, Talize. **Histórias em quadrinhos:** um estudo sobre ensino e aprendizagem da língua inglesa. 2020. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/1607>. Acesso em: 03 dez. 2021.

# APÊNDICES

## APÊNDICE I





## Prefácio

AVALIAÇÃO EDUCACIONAL PÓS-MARÇO DE 2020: 40 dicas de docentes (PARA REFLEXÃO)

Onde quer que esteja o ser humano, aí se faz presente um dos seus melhores componentes educativos: a avaliação. Por isso mesmo, a avaliação torna-se presente tanto em ambientes escolares, especificamente, quanto nos meios sociais das zonas urbanas e rurais, genericamente.

O professor objetiva orientar o estudante para que a aprendizagem ocorra da melhor maneira possível. O agricultor, o comerciante, assim como os responsáveis pelas demais funções sociais, orientam os seus quadros funcionais para que o desempenho se manifeste de maneira amplamente positiva.

## Prefácio

Já houve tempos em que a palavra avaliação provocava medos e receios até mesmo, redundando em prejuízos à aprendizagem. Ainda que tais despropósitos educativos não tenham desaparecido de todo, entende-se, hoje, com sempre maior segurança pedagógica, que o processo avaliativo vem contribuindo sempre mais a favor de uma aprendizagem bem sucedida.

Pode-se dizer, até mesmo, que, aos poucos, avaliação, aprendizagem e produção de conhecimento se irmanam pedagogicamente por uma educação sempre mais consequente.

Não se pode dizer ser este ou aquele o melhor conceito de avaliação da aprendizagem. Mas, sim, pode-se afirmar que o melhor conceito de avaliação da aprendizagem é o seu, aquele que melhor contribui para que a aprendizagem, de fato, ocorra em amplitude e em profundidade consequentes.

## Prefácio

Cabe aqui ressaltar com enorme satisfação acadêmica, a feliz iniciativa de proposição de um ebook "AVALIAÇÃO EDUCACIONAL PÓS-MARÇO DE 2020: 40 dicas de docentes", onde a comunidade docente é instigada a opinar a respeito do desenvolvimento de avaliação em tempos educativos especiais, aqui no caso, em época de pandemia.

Seja em tempo de exceção ou normalidade acadêmica, o conceito de avaliação é o mesmo, o de apoiar a melhoria da aprendizagem. As mudanças que ocorrem nessa dualidade acadêmica são as de proposição pedagógica.

Ivo José Both

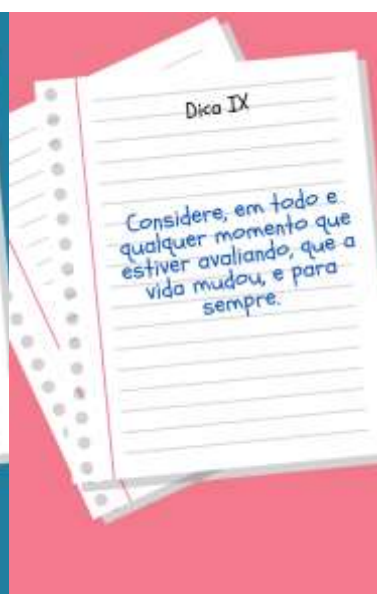
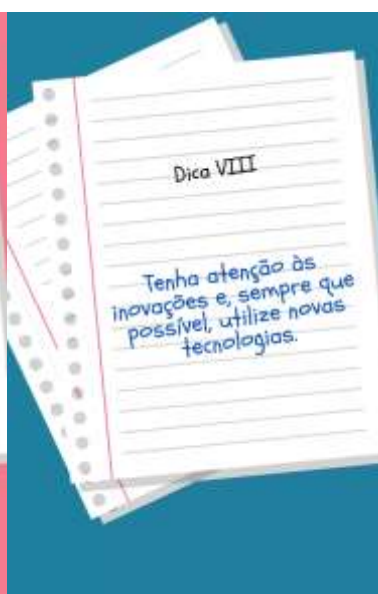
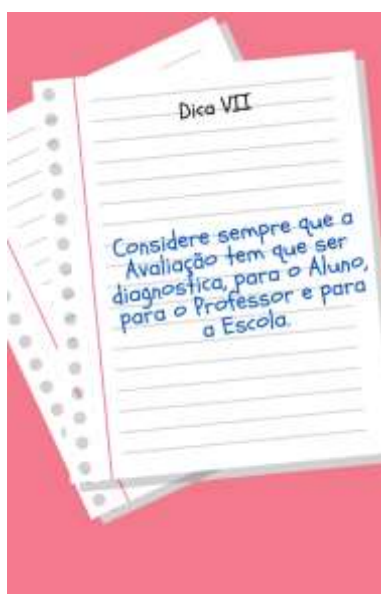
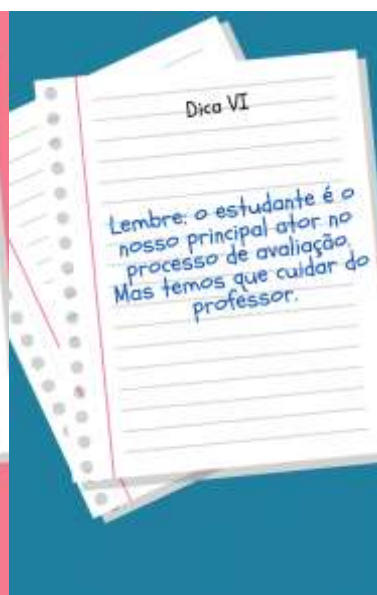
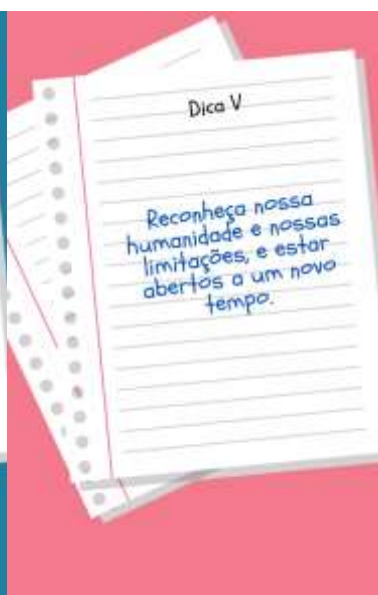
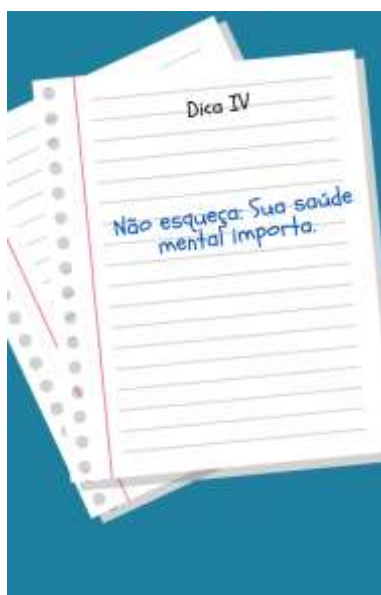
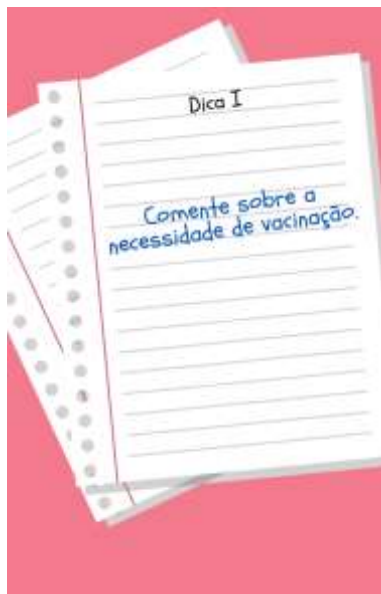
## Apresentação

Este mini e-book elaborado a partir da pesquisa "Avaliação: enfoques de aprendizagem em cenários pós-março de 2020", a fim de identificar as perspectivas dos professores dos diferentes níveis de ensino.

O que aqui é apresentado é um encontro de citações reais de 54 docentes brasileiros, organizadas em 40 diferentes dicas que podem ser consideradas como elementos-chave no processo de otimização entre professor-estudante-conteúdo-saúde, fundamentais nestes tempos complexos.

Daiane Martins Batista  
Luana Priscila Wunsch





Dica X

Fortaleça a ideia que o os estudantes, seja de que faixa etária for, necessitam da nossa compreensão, apoio e muito incentivo.

Dica XI

Extraia de dentro dos estudantes os elementos para serem avaliados, que vai muito além do conhecimento escolar/acadêmico.

Dica XII

Faça meditação.

Dica XIII

Tenha muita resiliência, novas aprendizagens são possíveis em período muito difícil.

Dica XIV

Trabalhe colaborativamente, com seus colegas, com a comunidade e com o estudante.

Dica XV

Promova trabalhos em equipe... Seminários... bate-papo, no intuito de uma retomada referente ao que foi, ou não, assimilado.

Dica XVI

Busque preparar e aplicar atividades que seus estudantes possam construir uma (auto)avaliação continuada.

Dica XVII

Destaque que a avaliação, no sentido amplo, consiste em diagnosticar repertórios e potencialidades, medir as aquisições e construções de conhecimento com base no conteúdo oferecido.

Dica XVIII

Priorize questões que permitem articulação entre os conteúdos e o raciocínio lógico.

Dica IX

Considere que o planejamento para o retorno das aulas presenciais também deve incluir estratégias pontuais de como avaliar de fato as aquisições no período em que estiveram com aulas a distância se as tiveram é claro.

Dica XX

Observe o progresso dos estudante e analise suas dificuldades. Implemente novas práticas a partir deste ponto.

Dica XXI

Tenha muita calma na alma!

Dica XXII

Esteja gozando, ou tente, de tranquilidade nas suas emoções para gerir as demandas pedagógicas, bem como também estar saudável fisicamente.

Dica XXII

Diagnostique o que um estudante sabe e o que não sabe. Todo dia, toda hora.

Dica XXIII

Utilize formas apropriadas para avaliar considerando a equidade.

Dica XXIV

Avalie os educandos com mais empatia, pois, provavelmente, a maioria apresenta defasagens na aprendizagem.

Dica XXV

Coloque-se no lugar do outro.

Dica XXVI

Fale: "tudo é aprendizagem e oportunidade".



Dica XXVII

Multiplique m conteúdos significativos e diminua repetições.

Dica XXVII

Espalhe a boa nova; Não estamos em situação "normal" avaliação não pode ser "normal".

Dica XXVIII

Use metodologias e instrumentos diversificados.

Dica XXIX

Avalie focado no processo, que é a melhor maneira de identificar e medir o progresso dos alunos, seja nas aulas remotas, híbridas ou presenciais.

Dica XXX

Priorize não a quantidade de conteúdos e, sim, a qualidade do que o estudante domina, só assim veja o que precisa ser revisado ou aprofundado.

Dica XXXI

Faça uma análise de cada realidade antes de seguir padrões de avaliação.

Dica XXXII

Seja multimídia. Atualmente precisamos estar a par de tudo e de todos.

Dica XXXIII

Deixe de avaliar somente a partir de uma prova.

Dica XXXIV

Pesquise as melhores sugestões dos alunos e da comunidade.



